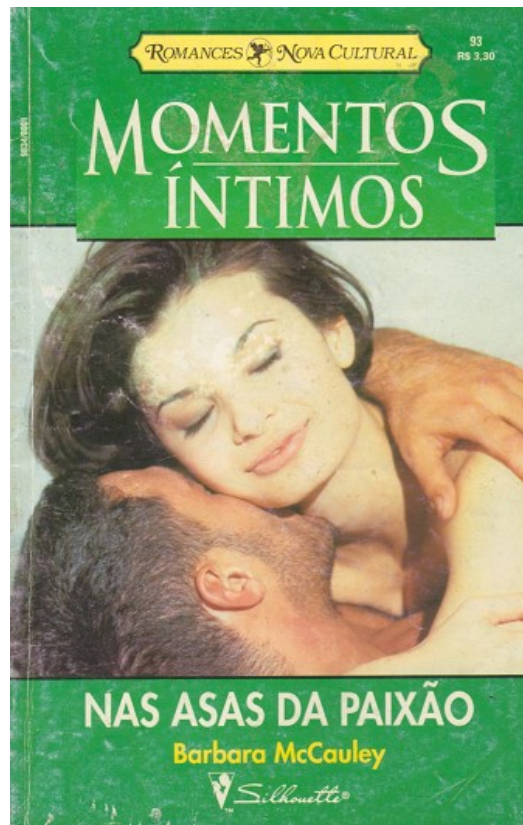




Nas Asas da Paixão

Secret Baby Santos

Barbara McCauley

Digitalização: Joyce

Revisão: Madalena

DE VIRGEM A SEDUTORA.

Alto, esbelto e charmoso, Nick Santos sempre fora o homem dos sonhos de Maggie ! Nos braços de Nick, ela se entregou de corpo e alma e descobriu a verdadeira paixão. Entretanto, depois daquela ardente noite de amor, cada qual seguiu seu caminho, Maggie levando consigo uma dádiva a qual estava determinada a manter em segredo.

Agora, cinco anos depois, eles se reencontram, e é difícil para Maggie resistir ao charme e á sedução de Nick. Ela sabe que deve lhe contar a verdade.Mas aquele amor que renascia entre eles, forte, intenso, resistiria á revelação do segredo que durante tanto tempo ela guardara?



CAPÍTULO I

As mães, na pequena cidade Wolf River, elas, alertavam suas filhas para ficarem longe de Nick Santos. Apenas o sorriso já era capaz de provocar um terremoto, e os olhos eram simplesmente devastadores: escuros e misteriosos.

Nick Santos representava problema. Ele era rápido e perigoso, e depois de doze anos participando de corridas de motocicletas com muito sucesso, estava de volta à cidade! Ninguém se surpreendeu mais com seu retorno do que o próprio Nick. Ele estava ali apenas para assistir ao casamento de seu melhor amigo, Lucas Blackhawk, e com certeza, não planejava ficar por muito tempo. Nick Santos jamais permanecia no mesmo local, não tinha um lar. Entretanto, mesmo antes de aceitar o convite para ser padrinho de Lucas, algo silenciosamente lhe dizia que precisava retornar à pequena cidade.

Nada que pudesse explicar apenas uma sensação.

Ele imaginara que o sentimento logo desapareceria, mas o casamento ocorrera havia seis meses, e Nick não apenas ficara em Wolf River, mas aos trinta e três anos, desistira das corridas de motocicletas e abriu seu próprio negócio: Oficina Santos de Motocicleta. Não foi pelo dinheiro, pois já tinha mais do que podia gastar.

Nick gostava de fazer as máquinas funcionarem, desmontando-as e montando-as ainda melhores. Ficava fascinado com máquinas, e possuía grande habilidade para lidar com elas. Nick podia não estar participando das corridas nas pistas, mas ainda era excelente no preparo das motocicletas. Ele tinha um dom natural, como diziam seus concorrentes com muito respeito. Evidente que as mulheres diziam o mesmo sobre Nick Santos, com reverência.

Ele tivera pouco tempo para se dedicar às mulheres naqueles últimos seis meses, seu negócio obteve sucesso no instante em que a notícia se espalhou na comunidade de motociclistas. O tetracampeão Nick Santos abriu sua própria oficina. Clientes de todas as partes faziam fila para que Nick preparasse-lhes uma moto. Ele mal tinha tempo para passear de motocicleta, muito menos para outras atividades.

Parado em frente à seção de comidas congeladas, no supermercado Joe e Bud, Nick suspirou ao pensar em sua patética vida romântica. Lembrou-se do convite para jantar que recebera de Sue Ann Finley poucas horas atrás: carne, batatas cozidas e vinho tinto. E a sobremesa, a moça sussurrou-lhe que seria surpresa, como se ele não pudesse imaginar o que seria. Pensou na loira atraente e nos olhos castanhos. Em um impulso, abriu a porta do freezer, permitindo que o ar gelado acalmasse-lhe os ânimos.

Por mais tentadora que fosse a oferta de Sue Ann, ele tinha de consertar um carburador e montar quatro cilindros ainda naquela noite para não ouvir reclamações do cliente na manhã seguinte.

Nick fez uma careta ao observar as opções disponíveis no congelador: a maioria das embalagens era de frango com batatas. Havia torta de frango com queijo, macarrão com queijo... Comida congelada era fácil de preparar e rápido, mas com suas poucas habilidades na cozinha, nada lhe parecia apetitoso em comparação com a succulenta carne com a qual andara sonhando. E falando em fantasias...

Ele apenas viu de relance os cabelos da cor das folhas que caíam no outono quando a moça virou, em uma das alas do mercado, mas foi o suficiente para afastar-se das comidas congeladas e ir atrás da desconhecida. Nick pegou um pacote de biscoitos de chocolate e andou casualmente pelos corredores. Os cabelos eram vermelhos escuros e brilhantes, e caíam naturalmente sobre a blusa de seda creme. A cintura da moça era fina e o quadril arredondado. A calça marrom sugeria o contorno de pernas delgadas. Ela estava a poucos metros de distância, de costas para ele, em frente a uma enorme pilha de latas de feijão, carregando a cesta do supermercado e lendo uma lista que trazia na outra mão.

Quem seria ela?

Nick ficou curioso e aproximou-se, fingindo interesse pelas frutas secas ao lado das latas. Ela não era moradora de Wolf River, pois com certeza já teriam se encontrado. Nick pegou um pacote de nozes para poder ficar ainda mais perto, e foi então que sentiu o perfume da moça. Um aroma feminino, sedutor. Ele pegou um pacote de macarrão e aproximou-se mais, ansioso para ver se o rosto era tão bonito quanto o corpo. A moça se virou, e Nick prendeu a respiração ao vê-la. Ela era perfeita. Pele de porcelana, lábios rosados, olhos grandes e verdes que lentamente se levantaram. Quando seus olhares finalmente se encontraram, a desconhecida ficou paralisada. Ela empalideceu e desviou os olhos.

"Deve ter me reconhecido", Nick pensou, confiante, sorrindo do mesmo modo que fizera em centenas de capas de revistas esportivas e mantendo o olhar sedutor com o qual conquistara dezenas de mulheres, até mesmo as mais resistentes.

— Olá — cumprimentou-a, usando todo seu charme. Ela parecia imobilizada, e Nick interpretou como sendo um sinal positivo.

— Sou Nick Santos.

Ela arregalou os olhos, moveu os lábios, mas não disse nada. Virou-se e saiu correndo, esbarrando na pilha de latas que caiu no chão com muito barulho. A mulher caiu no chão também. Algumas latas caíram sobre ela e depois rolaram em todas as direções. Nick surpreendeu-se com aquela reação feminina e procurou ajudá-la, ajoelhando-se a seu lado.

— Você está bem?

Ela balançou a cabeça mas recusou-se a olhá-lo, fazendo um gesto para que se afastasse. Quando Nick segurou-a pelos ombros para ajudá-la a levantar-se, ela deu um salto com se suas mãos a queimassem.

— Maggie! Você está bem? — George Kromby, o gerente do supermercado e antigo colega de escola de Nick, apareceu correndo, o avental branco voando ao redor do corpo rechonchudo.

Ela olhou para cima, ruborizada e ao mesmo tempo desesperada e aterrorizada, deixando Nick perplexo. Não poderia estar com medo dele. Ele nem ao menos a conhecia. Ou será que conhecia?

Maggie... Maggie...

De repente, ele teve a sensação de haver algo familiar naquela mulher, que não conseguia identificar. O perfume e a sensação que sentira ao tocá-la impediam-no de raciocinar com clareza.

— Maggie, você está machucada? — George ajoelhou-se ao lado dela.

— Estou bem — afirmou.

Ela não falou muito, mas o tom de voz, baixo e sensual, acelerou mais o coração de Nick. Ele não queria deixá-la, mas a moça virou-se e levantou-se sozinha.

— Sinto muito, George. Não olhei para onde estava indo.

— Avisei Ricckie que esta pilha estava alta demais. — George pegou a bolsa dela e a cesta que estavam no chão, recolhendo os itens que caíram.

Nick percebeu que o gerente estava tão enfeitiçado pela mulher quanto ele.

— A culpa foi toda minha. Por favor, desculpe-me por essa confusão. — Maggie passou as mãos pela calça e sorriu timidamente para George. — Sinto muito, mas preciso ir embora agora. — Sem olhar para Nick, virou-se e desapareceu no corredor onde havia produtos de limpeza.

— Diga a sra. Smith que lhe mandei lembranças — gritou George.

Sra. Smith? Maggie Smith? Aquela bela mulher, Maggie, seria a tímida Margaret Smith, de cabelos vermelhos presos em um rabo-de-cavalo e que usava óculos? A última vez que Nick a vira fora doze anos antes, pouco antes de partir de Wolf River. Ele estava trabalhando na oficina mecânica, e ela aparecera junto com o pai que precisava de algumas peças para seu carro. Naquela época, Nick estava com vinte e um anos, portanto ela devia ter dezesseis ou dezessete, era a menina mais tímida que ele já conhecera. Ele sempre a cumprimentava, e ela murmurava algo em resposta, mas jamais o olhara diretamente nos olhos.

Era evidente que ela continuava a ser tímida. Ainda não olhava para ele, mas Nick olhara-a com muita atenção e mal podia acreditar no que vira. A pequena Margaret Smith com um corpo fabuloso e um rosto lindo.

O perfume da moça ainda estava pelo ar, e, de repente, Nick percebeu que ele e George ainda estavam parados no mesmo lugar, olhando para a direção onde ela desaparecera.

Nick deu um tapinha amigável nas costas do outro homem.

— Ei, George, deixe-me ajudá-lo com essas latas.

— O quê? — George piscou os olhos e voltou a concentrar-se na realidade. — Oh, não se preocupe, Nick. Eu cuido disso.

— Não tem problema. — Nick abaixou-se e pegou algumas latas. — Então, como vão o senhor e a sra. Smith? — perguntou casualmente. — Ainda moram na avenida Belview?

George fez um movimento com a cabeça, concordando, e começou a juntar as latas.

— O sr. Smith fez uma cirurgia no joelho na semana passada. Maggie veio de Nova York ontem para ajudar a mãe.

Então esse era o motivo de ele ainda não ter visto a moça na cidade. Ela acabara de chegar. Lamentava pelo joelho do sr. Smith, mas estava feliz por Maggie ter voltado.

— Nova York? Ela trabalha lá?

— A sra. Smith disse que é jornalista e trabalha para um grande jornal. — George tinha orgulho de seu trabalho e ajeitou as latas na pilha, tomando o cuidado de deixar os rótulos para frente. — Ela tem sua própria coluna.

Nick viu um cartão de crédito próximo à pilha de latas, pegou-o e leu: Margaret Hamilton. Então devia estar casada.

— Era o marido dela que estava esperando do lado de fora? Um sujeito alto e loiro?

— Maggie está divorciada. — George olhou sobre os ombros e franziu a testa. — Está interessado, Nick?

Nick reprimiu o sorriso de felicidade com as últimas notícias e guardou o cartão de crédito no bolso.

— Eu não, companheiro, estou muito ocupado para mulheres. — Nick piscou para George. — Mas você sabe como é...

— Certo. — George piscou o olho. — Na noite passada, precisei recusar um convite de Cindy Crawford.

— Iris Sweeney ficará desapontada ao ouvir isso — comentou Nick, decidindo que bancar o cupido não só faria bem ao ego de George, como também o impediria de olhar em outras direções.

— Iris Sweeney?

Nick concordou e acrescentou:

— Na semana passada, ouvi-a comentar que seu supermercado tem a melhor seção de verduras que ela já viu.

— E mesmo? — Sorriu, satisfeito. — Tenho muito orgulho disso.

— E deveria ter. — Nick não olhara para um legume ou verdura havia semanas, a menos que levasse em consideração as rodela de tomate sobre as pizzas que encomendava, ou nos sanduíches. Em um impulso, pegou duas latas de feijão. — Preciso ir embora, George. Até outra hora...

— Experimente os feijões com sopa de cogumelos e queijo — gritou George. — Dá para fazer um ensopado delicioso.

Cinco minutos depois, tendo feito as compras e esquecido o trabalho que o esperava, Nick dirigiu-se para a avenida Belview.

Nick Santos estava de volta. Ainda atordoada, Maggie estacionou o pequeno carro alugado ao lado do carro de seu pai, um Buick do ano 1977. O rádio tocava uma música barulhenta que ela jamais ouviria em outras circunstâncias, mas ficara tão abalada que nem sequer reparara no som do rádio. Ela desligou o motor, e escutou um forte ruído.

Nick Santos estava de volta.

Ela não teria acreditado se ele não houvesse falado e tocado no braço dela. Maggie fechou os olhos e respirou fundo. Ele a tocara. Chocada e envergonhada por ter derrubado a pilha de latas e caído no chão, percebeu que apesar de ser uma jornalista de sucesso e uma mulher independente, ainda se comportava como uma menina confusa quando Nick estava por perto.

Se havia uma pessoa que Maggie esperava não voltar a ver, ou uma pessoa que jamais gostaria de encontrar, essa pessoa era Nick Santos.

O que estaria fazendo na cidade? Ela pressionou a testa contra o volante e esperou que a onda de pânico que sentia diminuísse. Nick partira de Wolf River havia doze anos, dois anos antes de ela ir para a faculdade em Boston. Ele se tornara um famoso piloto de corridas em pouco tempo. A imprensa o adorava, não apenas por sua boa aparência e

charme, mas por seu envolvimento com obras de caridade. Ela ainda se lembrava de que alguns anos atrás ele fizera uma campanha publicitária para uma fábrica de calças jeans e doara seu pagamento a uma creche.

Nick Santos, o homem com o sorriso devastador e os olhos misteriosos. Ele estivera em inúmeras capas de revistas, fora fotografado em muitas festas de celebridades, cercado por gente bonita dentro e fora das pistas de corrida.

Entretanto, havia um artigo do qual ela se lembrava mais do que os outros. Uma briga na justiça pelo reconhecimento de paternidade, havia cinco anos. Havia fotografias dele ao lado de uma bela mulher loira e a manchete: "Santos será papai? O tribunal decidirá."

Ele ganhara a causa, pois seu advogado provara que a mulher mentira e estava apenas interessada em conseguir dinheiro fácil. No entanto, a batalha judicial fora muito penosa, e largamente divulgada, e nenhum detalhe da vida dele fora preservado: a mãe que era alcoólatra e o abandonara quando tinha dez anos de idade, o padrasto violento que o espancara, o ano em que ficara internado em uma instituição para menores delinquentes quando estava com catorze anos, e sua amizade com Lucas Blackhawk e Killian Shawnessy. A vida de Nick se transformara em um livro aberto para o resto do mundo.

Ele passara por aquele período com um sorriso no rosto, recusava-se a comentar o passado ou o andamento do caso, entretanto, continuara a tratar os repórteres com cortesia e charme. Ele era gentil, sem ocultar sua forte masculinidade, e arrancava suspiros das mulheres e inveja e admiração dos homens.

E ele estava de volta.

Ela respirou fundo mais uma vez e saiu do carro. Estava com os joelhos trêmulos, mas não queria que os pais percebessem que algo estava errado. Ao chegar à porta, sentiu o delicioso aroma de rosbife. A mãe dela adorava cozinhar.

— Margaret, você voltou tão cedo. — A mãe saiu da cozinha, enxugando as mãos no pano de prato. Apesar de sua compulsão em alimentar todos que entravam na casa, Angela Smith era magra, elegante, com olhos castanhos e um sorriso delicado. — Está tudo bem? Encontrou tudo o que foi comprar? O empregado de George mudou tudo de lugar, e eu mal consigo encontrar um pacote de pão. Na semana passada, levei dez minutos só para encontrar o suco de frutas. Isso me lembra de uma coisa — virou-se para a sala —, Boyd, já tomou seu suco

O pai de Maggie respondeu afirmativamente por detrás do jornal que estava lendo. Um dos joelhos estava coberto por ataduras e apoiado sobre uma cadeira.

Maggie percebeu que não comprara nada. Como poderia ter feito compras depois de encontrar Nick Santos?

— Eu... perdi a lista que você me deu. Terei que voltar.

— Não se preocupe, querida. Não havia nada de importante que não possa esperar até amanhã. O jantar está quase pronto. — Franziu a testa, preocupada. — Você está pálida. Há algo errado?

— Não, nada. Claro que não. Estou bem.

Maggie não queria que a mãe percebesse seu agitado estado de espírito e virou-se para pendurar a bolsa no armário. Angela Smith sabia tudo o que acontecia em Wolf River. Sua mãe contara-lhe todos os detalhes do divórcio de Helen Burnette, sobre a discussão

de Susan Meyer com Phyllis White sobre os latidos de seu cão, e sobre a briga de Ralph Hennesy e Walt Johnson sobre a cerca que separava as duas casas.

Como ela pudera contar sobre tudo aquilo e esquecer de mencionar que Nick Santos estava morando ali novamente? Afinal o homem era uma celebridade!

Talvez Nick não estivesse realmente morando na cidade, pensou Maggie. Talvez estivesse apenas visitando Lucas Blackhawk. Maggie sabia que Lucas casara-se com Julianna Hadley alguns meses atrás e que Nick fora o padrinho do casamento. Os parentes de Maggie haviam sido convidados para a cerimônia e para a festa, como quase todos os moradores da cidade. Sua mãe falara muito sobre Lucas e Julianna e como formavam um belo casal. Entretanto, quando tentara descrever como Nick estava bonito usando smoking, quanto foi delicado ao convidá-la para dançar, Maggie arranjava uma desculpa para desligar o telefone. Ela não podia conversar sobre Nick com sua mãe. Simplesmente não podia. Não podia falar com ninguém sobre ele. Nunca.

— Querida, você tem certeza de que está bem? Maggie percebeu que estava se olhando no espelho do hall de entrada havia alguns segundos, e que sua mãe a observava com olhar preocupado.

— Apenas um pouco cansada, mãe. — Virou-se e abraçou-a. — Vou dar um beijo em Drew e depois descascarei as batatas.

— Drew não saiu de frente da televisão. Ainda está assistindo ao filme que você colocou no vídeo antes de sair, e eu já descasquei as batatas e coloquei-as para cozinhar. Oh, a srta. Perry, diretora da escola, telefonou. Eles têm uma vaga, caso queira levar Drew até lá na segunda-feira.

Maggie ficou feliz com a notícia. Um menino de quatro anos com muito tempo ocioso era como um furacão. Ele ficaria mais feliz brincando com outras crianças, e ela teria um pouco de paz. Ao menos pensava assim, antes de encontrar Nick Santos.

— Vá descansar um pouco — aconselhou a mãe, levando-a em direção ao quarto. — Chamarei quando o jantar estiver pronto.

Alguns minutos seriam suficientes para se recompor da perturbação causada pelo reencontro com Nick, pensou Margaret. Fora uma infeliz coincidência. Ele provavelmente estava de passagem pela cidade, visitando Lucas. E mesmo que ele passasse alguns dias em Wolf River, a cidade não era tão pequena assim. As chances de encontrá-lo novamente eram mínimas. Esse pensamento aliviou a tensão nos ombros dela. Imaginava o que ele estaria pensando depois do vexame que ela dera no supermercado. Devia achá-la maluca. Seria melhor daquela maneira, desde que não se encontrassem outra vez.

A caminho de seu quarto, Maggie inclinou-se e beijou o rosto de seu pai. Ele havia se aposentado do emprego na construção havia seis meses e agora tinha muito tempo livre. Após trinta e seis anos de casamento, sua mãe, que tinha a paciência de uma santa, estava pronta para assassiná-lo. E se ele já era um homem difícil antes de se aposentar, após a cirurgia, tornara-se insuportável.

— Quer alguma coisa, papai?

— Um copo de uísque e cigarros — retrucou, sem desviar os olhos do jornal que estava lendo. — Darei uma ótima recompensa.

— O dinheiro não me ajudará se estiver morta. Mamãe disse nada de álcool ou cigarros enquanto estiver se recuperando, e se ela o vir com uísque ou cigarros nas mãos, vai esfolá-lo vivo.

A resposta dele foi apenas um gemido. Arrumou a folha do jornal e murmurou algo sobre esposas irritantes e filha ingrata.

Maggie ouviu o som da campainha e endireitou o corpo.

— Maggie, pode abrir a porta para mim? — gritou sua mãe, da cozinha. — Deve ser Jim Becker. Ele está trazendo muletas para seu pai, pois até o final da semana já estará andando.

Maggie sorriu ao ver o pai esconder o rosto atrás do jornal. Fazer um homem teimoso como aquele andar de muletas era uma tarefa quase impossível, mas ela sabia que a mãe conseguiria.

Apesar do encontro com Nick, Maggie estava feliz por estar em casa. Gostava do aroma da carne assada, dos barulhos que a mãe fazia, trabalhando na cozinha, e até mesmo da imagem do pai escondido atrás do jornal. Ela sentia falta daquilo. Sua vida fora muito agitada nos últimos anos, e só percebia isso naquele instante.

Maggie convenceu-se de que seria muito bom passar um tempo ali. Aproveitaria o convívio com os pais e com o filho, o passado já ficara para trás havia muito tempo, não existia mais. Só importava o presente.

A campainha soou outra vez e quando ela abriu a porta, o passado que pensara ter deixado para trás estava bem a sua frente, fitando-a com olhos tão negros e profundos quanto uma floresta no meio da noite.

CAPÍTULO II

Nick não se lembrava de ter visto olhos tão verdes. Olhos grandes e... nervosos. Ela ainda devia ser muito tímida, concluiu Nick, achando-a mais charmosa. A maioria das mulheres que conhecia sempre parecia muito segura de si mesma confiante quase ao ponto de intimidá-lo. Ele apreciava ira pouco de hesitação em uma mulher, um pouco de insegurança, principalmente por ele ser a causa de tudo aquilo.

Sorrindo, Nick tirou o cartão de crédito do bolso do casaco.

— Você perdeu seu cartão no supermercado. Achei que não se importaria e comprei um cruzeiro para a Jamaica para nós dois. Partiremos na próxima semana — brincou.

Ela fitou-o, piscou os olhos e pegou o cartão.

— Obrigada. — Então bateu a porta na cara dele.

Aquilo não estava nos planos de Nick. Erguendo as sobrancelhas, observou a porta fechada. A Maggie Smith que conhecera podia ser tímida, mas era também uma pessoa doce. No entanto, a menina que conhecera também era muito magra e sem graça. Ele ficou bastante intrigado. Percebeu que a vizinha, sra. Potts, estava regando as plantas que dividiam o jardim das duas casas. Ela trabalhava como secretária durante os meses em que ele passou no lar para meninos delinquentes e já era idosa naquela ocasião. Quando ele a cumprimentou, a velhinha fingiu não ter percebido que Maggie havia batido a porta na cara dele. Talvez Maggie o considerasse algum tipo de mal elemento, apesar de sua estada no lar dos meninos delinquentes ter ocorrido havia mais de vinte anos. Seu

crime tinha sido dar uma volta com Linda Lansky na motocicleta do irmão mais velho dela. Bobby Lansky não fora compreensível, nem o juiz, infelizmente.

Nick não se importou em ir para o lar dos meninos. Lucas e Ian estiveram lá no mesmo período, todos recebiam boa comida, e ninguém o esmurrava no estômago por ter deixado a jaqueta sobre a cadeira ou por ter ouvido música com o volume alto. Tinha sido mais como umas boas férias. Todavia, aquilo tudo acontecera havia muito tempo. Não podia ser essa a razão de Maggie ficar tão nervosa quando o via.

Nick franziu a testa e olhou para a porta fechada. Qualquer que fosse o motivo, ele devia ir embora. Tinha muito trabalho a fazer, e não tinha tempo para uma moça tímida, mesmo que fosse extremamente bonita.

Entretanto, Nick Santos não era homem de fugir de um desafio, e Maggie Smith era de fato um enorme desafio.

Além disso, o cheiro de carne assada estava delicioso. Decidiu tocar a campainha outra vez.

Abriram a porta, e dessa vez apareceu Angela Smith.

— Nicholas Santos! Que surpresa agradável! Entre, entre. — Pegou o braço dele e conduziu-o para dentro da casa. — Não o vi mais desde o casamento. Maggie, querida, veja quem está aqui. E Nick!

Pelo canto dos olhos, Nick percebeu que ela agitou as mãos, mas quando se virou, encontrou-a imóvel, sorrindo.

— Encontramo-nos no supermercado — afirmou, sorrindo, vendo-a corar.

— Margaret, por que não me contou? Que vergonha! — Angela fechou a porta. — Bem, agora que está aqui, jantará conosco e não aceitarei uma recusa. Tenho certeza de que gosta de carne assada com batatas, não é?

— Ele deve ter outros planos, mamãe.

— Adoro carne assada. — Nick manteve os olhos fixos em Maggie, fascinado com a ligeira contrariedade que demonstrara no canto dos lábios. O queixo era delicado e seguia em harmonia até o pescoço delgado. Ela queria que fosse embora, e isso o fez querer ficar ainda mais.

Nick entregou uma sacola para a mãe dela, explicando:

— Havia uma promoção especial no supermercado e trouxe algumas latas para a senhora.

Angela pegou a sacola e olhou o que tinha dentro.

— Feijões verdes. Que gentileza a sua, Nick. Pedi a Maggie que me trouxesse algumas latas, mas ela esqueceu a lista que eu tinha feito.

Ele olhou para Maggie e viu que estava ainda mais vermelha.

— Experimente fazê-los com uma sopa de cogumelos e queijo. Fica delicioso.

— Sabe cozinhar? — Angela virou-se para Maggie. — Ele cozinha, Maggie. Não é maravilhoso? Boyd — chamou o marido, espiando a sala de visitas. — Nicholas Santos passou para dizer "alô". Irá jantar conosco. Oh, céus, preciso ver meus biscoitos. Maggie, querida, leve Nick para ver seu pai.

Nick percebeu como Maggie ficou tensa quando a mãe deixou-os sozinhos no hall de entrada. Estava rígida, e ele podia sentir a indecisão entre manter as boas maneiras ou expulsá-lo de sua casa. O que quer que estivesse acontecendo com aquela mulher devia ser algo muito além de simples timidez.

Um desafio e um mistério. Se ele ao menos conseguisse conversar com Maggie, talvez pudesse compreendê-la.

— Soube que se casou.

Maggie olhou-o sobre os ombros enquanto caminhava em direção à sala.

— Sim, é verdade.

Nick franziu as sobrancelhas. Não era a resposta que esperava ouvir. Acreditara que ela fosse contar que estava divorciada.

— Também me disseram que está divorciada.

— É mesmo? — indagou, evidentemente surpresa. Não era uma resposta, mas Nick não desistia facilmente.

— Soube que é jornalista em Nova York e que tem sua própria coluna em um grande jornal.

— Soube tudo isso? — perguntou, erguendo a sobrancelha.

— É verdade?

— Que sou jornalista?

— Está divorciada?

— Oh, sim.

Nick aproximou-se, sentindo o delicioso perfume.

— Podíamos sair para jantar algum dia desses para conversarmos sobre o que estivemos fazendo nos últimos doze anos.

Maggie deu um passo atrás.

— Creio que não é uma boa idéia, Nick. Ficarei por aqui apenas algumas semanas para ajudar a cuidar de meu pai. Não tenho tempo.

— Podemos tomar um café então. — Aproximou-se outra vez e respirou fundo para sentir o cheiro dela. — Amanhã?

Ouviram o som abafado de um riso, e Maggie empalideceu. Logo a seguir, puxou-o pelo braço e levou-o até a sala.

— Por que não cumprimentamos meu pai?

A súbita mudança de comportamento surpreendeu-o, mas já que ela o estava tocando, Nick decidiu que estava fazendo progressos.

— Como está sua perna, sr. Smith? — perguntou, olhando para o homem escondido atrás do jornal.

O pai dela abaixou o jornal e fitou-o. Boyd Smith ainda era o mesmo, apesar de estar um pouco calvo e com cabelos grisalhos.

— Ainda pilota motocicletas, Santos?

— Só por prazer, senhor. .

— Trouxe uísque?

— Não, senhor.

— E cigarros?

— Creio que não.

— Na próxima vez que vier aqui, traga os dois.

— Sim, senhor.

Ele voltou a ler o jornal, e Nick entendeu que a conversa estava terminada. Não foi um diálogo longo, no entanto, muito produtivo. Ele foi convidado a voltar em outra ocasião. Sorriu para Maggie, mas ela franziu a testa. Quando ela percebeu que ainda estava segurando o braço dele, o soltou de imediato.

— Desculpe-me. — Maggie deu um passo para trás. — Por que não se senta? Voltarei em um minuto...

— Mamãe, o filme acabou...

A criança abraçou as pernas de Maggie por trás, fazendo-a perder o equilíbrio e cair nos braços de Nick. Ele a segurou, deliciando-se com a sensação de sentir o corpo dela junto ao seu. Maggie tentou se desvencilhar, o que apenas aumentou o contato dos seios com o peito dele.

Ainda presa nos braços de Nick, olhou para o rosto dele, demonstrando medo e choque. Finalmente conseguiu endireitar o corpo e virou-se para o menino que quase a derrubara.

— Drew! Já lhe disse para não fazer isso.

— Esqueci. — Colocou as mãos no bolso da calça, magoado. — Desculpe-me, só queria abraçá-la.

Nick percebeu quanto o menino era bem educado e bonito. Apesar de não saber muito sobre crianças, imaginou que tivesse mais ou menos cinco anos. Possuía cabelos negros e cílios bem compridos. A julgar por sua altura e pelo tamanho dos pés, prometia ser um rapaz bem alto.

Maggie tinha um filho! Observou-a ajoelhar-se ao lado da criança, e o esforço para manter-se séria.

— Abraços não devem machucar, querido. Tome mais cuidado da próxima vez.

O menino concordou e depois olhou para cima. Os olhos negros ficaram desconfiados ao ver o estranho, mas não desviou o olhar nem se afastou.

Maggie ficou atrás do filho e colocou as mãos sobre seus ombros.

— Drew... — hesitou e respirou fundo antes de prosseguir: — Esse é Nick Santos. Nick, esse é meu filho, Drew.

Nick estendeu a mão, e o menino aceitou-a de imediato. "Belo sorriso", pensou Nick.

— Como vai, Drew?

— Você dirige caminhão? — perguntou o menino. Será que todos naquela família respondiam uma pergunta com outra pergunta?

— Sim, mas na maior parte do tempo ando de motocicleta.

— Motocicletas são legais — afirmou com a autoridade de criança —, mas quero dirigir um caminhão quando eu crescer.

— Talvez possamos sair para dar uma volta algum dia desses, se sua mãe deixar.

— Mesmo? — Os olhos brilharam. — Na moto ou no caminhão?

— Qualquer um. Ou nos dois.

— É mesmo? Posso ir, mãe?

Maggie balançou a cabeça com veemência, e quando o filho olhou-a, esperançoso, respondeu suavemente:

— Creio que não, querido. Ainda não é muito crescido para andar em motocicletas.

— Tenho quase cinco anos — reclamou. — Tommy Fuscoe anda na motocicleta com o pai dele toda hora, e ele é menor do que eu.

— Você não é Tommy Fuscoe — afirmou com firmeza.

— Pensaremos nisso depois.

Nick percebeu que não era uma proibição definitiva. Se os dois se juntassem para convencê-la, talvez pudessem fazê-la mudar de idéia... uma das muitas idéias que ele pretendia mudar.

— Quer ver minha bicicleta? — Drew olhou para Nick.

— Meu avô me deu a bicicleta para eu usar sempre que venho aqui. Não foi, vovô?

— Precisa de dois pneus novos — murmurou o velho, atrás do jornal.

— Venha — chamou o menino. — Ela está na garagem.

— Depois de você — sugeriu Nick, fazendo um gesto para que Maggie passasse, notando o cuidado que ela tivera em não encostar nele. Na próxima vez que a segurasse nos braços, esperava que estivessem a sós. Quando chegaram ao jardim, segurou-lhe o braço e ficou aliviado por ela não ter resistido.

— Seu filho é muito bonito. Deve ser parecido com o pai. Ela desviou o olhar na direção do menino, mas Nick pôde perceber a dor. Talvez ainda fosse apaixonada pelo sujeito.

— Você o vê com frequência?

— Quem?

— O pai de Drew. Seu ex-marido.

— Oh. — Balançou a cabeça. — Ele mora em Vancouver.

Nick pensou no próprio pai, um homem que nunca conhecera, depois lembrou-se do padrasto que gostaria de nunca ter conhecido, e logo sentiu simpatia pelo filho de Maggie.

— Deve ter sido difícil para Drew.

— Tinha apenas um ano de idade quando nos divorciamos. Não se lembra dele. — Colocou as mãos nos bolsos e suspirou. — Escute, Nick, gostei de sua visita, mas preferiria...

O grito de Drew calou-a, e ela saiu correndo em direção à garagem. Nick seguiu-a e encontrou o menino chorando na garagem. A mãe estava ajoelhada ao lado dele, perto do carro. Sob o pneu dianteiro havia a roda da bicicleta toda amassada.

— Você quebrou minha bicicleta — resmungou Drew.

— Oh, querido, sinto muito. — Maggie olhou para Nick, transtornada. — Eu não vi...

Nick abriu a porta do lado do passageiro, colocou o carro em ponto morto e empurrou-o para trás com cuidado. Ouviram o barulho de metal quando a roda girou.

As lágrimas rolavam pelo rosto do menino enquanto tentava colocar a bicicleta em pé.

— Nunca mais poderei andar nela.

— Comprarei uma bicicleta nova, querido. — Maggie tentou tocar o ombro do filho, mas ele esquivou-se.

— Não quero outra bicicleta. Essa era a melhor e foi o vovô quem me deu.

Nick olhou para a bicicleta e sem pensar, prometeu:

— Posso consertá-la.

Drew parou de chorar, e mãe e filho fitaram-no. Nick jamais havia consertado uma bicicleta.

— Pode mesmo? — Drew enxugou as lágrimas em seu rosto. A loja de Nick estava repleta de serviço, tinha pilhas de papel para preencher, mas e daí?

— Claro, bicicleta é parecida com motocicleta, só não tem motor, certo? Não deve ser muito diferente. Você pode vir até minha loja e me ajudar, vamos deixá-la novinha. Até melhor.

— Melhor? — O rosto se iluminou. — Posso mesmo ajudar? De verdade? Ouviu isso, mamãe? Nick disse que posso ajudá-lo. Vou contar ao vovô.

O menino saiu correndo. Maggie observou-o, calada, e depois virou-se para Nick.

— Isso tudo é muito constrangedor. Deve pensar que sou idiota.

Nick sorriu e aproximou-se.

— Aceite tomar café comigo amanhã, e lhe direi o que penso a seu respeito. — Pretendia mais do que dizer. Faria uma demonstração, se ela permitisse.

Ela negou, movendo a cabeça, demonstrando certa hesitação.

— Sinto muito, Nick. Estou muito ocupada. Não posso. Nick tentou imaginar o que poderia ocupá-la tanto. Não estava trabalhando, passava o dia todo em casa com os pais e com o filho de cinco anos de idade.

— Não pode ou não quer?

— Sinto muito, não estou interessada — afirmou. Para uma garota tímida, ela sabia ir direto ao assunto quando desejava. As palavras foram ditas com gentileza, mas representavam um tiro certeiro em seu orgulho. Nick apenas afastou-se e perguntou:

— Poderia ao menos saber o motivo?

Maggie passou a mão pelos cabelos e suspirou antes de continuar a conversa:

— Como já lhe disse, estou aqui para cuidar de meu pai. Não vim aqui para...

— Sexo selvagem? — brincou, notando sua hesitação. Maggie ficou surpresa com o comentário. Os dois sabiam que era brincadeira, mas mesmo assim algo intenso e sexual passou entre eles.

— Acha que é isso que tenho em mente, Maggie? Tomar café e depois levá-la para a cama? — Pôs a mão sobre o peito e fitou-a solenemente. — Posso ser rápido, doceira, mas não sou fácil.

Maggie ficou corada, e ele desejou poder afagar-lhe o rosto.

— Não pretendia ser grosseira, mas como disse, só estou aqui para ajudar meus pais.

Para uma mulher que não estava interessada, Maggie parecia muito nervosa e tensa. Por mais que estivesse curioso, Nick sabia que era o momento de recuar. Pelo menos por enquanto...

— Está bem. — Sorriu e estendeu-lhe a mão. — Que tal sermos amigos?

Maggie olhou para a mão estendida por um longo instante antes de aceitá-la.

— Claro. — Sorriu. — Será ótimo sermos amigos. Nick sentiu a pele macia e um ligeiro tremor em seus dedos finos. Havia algo entre eles, não havia como negar.

— Arranjarei uma desculpa para Drew. Tenho certeza de que entenderá que está muito ocupado. Há uma loja que conserta bicicletas na cidade e irei até lá amanhã.

— Não me ofereci para consertar a bicicleta, pensando em seduzi-la, Maggie. Não sei o que pensa a meu respeito, mas ainda não cheguei a esse ponto.

— Sinto muito. Não quis dizer isso. Só achei que tinha se oferecido antes de perceber o quanto pode atrapalhar seu trabalho. Estava lhe oferecendo uma maneira de sair dessa situação.

— Avisarei quando quiser sair. — Inclinou-se para ver a bicicleta. — Posso endireitar a roda, mas terei de substituir algumas partes. Vá até minha loja amanhã com a bicicleta e seu filho. — Sorriu, sedutor. — Vou até prometer que não tocarei em você.

Ela sorriu. Dessa vez um sorriso verdadeiro. Os olhos pareceram mais suaves, e, pela primeira vez desde que se encontraram em frente às latas de feijão, a tensão entre eles diminuiu.

Quando sorria, ela era ainda mais bonita. Ele precisava encontrar um meio de despertar o interesse dela, sem assustá-la. Não seria fácil. Mesmo tendo sido rejeitado, só pensava em tê-la em seus braços e provar o gosto dos lábios sensuais.

Enquanto isso, pensou, suspirando, já que não podia ter o que desejava, contentar-se-ia com carne assada e batatas.

CAPÍTULO III

Ela não conseguia dormir. Banho quente, leite morno, carneirinhos, três capítulos de um livro cansativo. Nada funcionou. Estava bem acordada, e por mais que tentasse, não conseguia deixar de pensar em Nick.

Jantar com ele naquela noite representara as duas horas mais longas de sua vida. Sentara-se ao lado dele, e passara-lhe a travessa de batatas como se fosse um convidado comum na casa de seus pais. Entretanto, não era um jantar comum, e Nick não era como os outros convidados.

Ele tinha muito apetite, pensou Maggie. Pelo modo como comia, era difícil entender como não ficara com vinte quilos a mais. No entanto, não havia nem uma gordura em excesso naquele corpo atlético. Ela percebera isso quando caíra nos braços, forçada pelo abraço de Drew. Os músculos dele eram firmes e os braços, fortes, exatamente como cinco anos atrás.

Maggie gemeu, virou-se de lado e acendeu a lâmpada ao lado da cama. Encontrar Nick no supermercado fora uma surpresa suportável, todavia, vê-lo em sua casa, encantando a todos com seu charme, inclusive Drew, era algo completamente diferente.

A imagem do menino segurando a mão de Nick jamais sairia de seu pensamento. Naquele instante, ela teve a impressão de que o tempo tinha parado e que nada mais existia além dos dois. Os dois homens que alteraram o destino de sua vida para sempre, e nenhum deles parecia imaginar o quanto eram importantes para ela.

Quando o coração de Maggie voltou a bater, quando recuperou a capacidade de respirar, tudo o que pôde fazer foi observá-los. Tinha a sensação de ter esperado muito por aquele encontro, e depois que acontecera, experimentara um grande alívio. Ela também compreendeu que agira como idiota. Não havia motivo para temer o encontro dos dois.

Nick Santos jamais desconfiaria de que Drew era seu filho. Como poderia desconfiar, se ele mesmo não se lembrava de ter feito amor com ela?

Algumas vezes, até ela mesma se perguntava se não tinha sido apenas um sonho, uma completa confusão entre a fantasia e a realidade. Naqueles momentos, tudo o que precisava fazer era olhar para os olhos do filho, vê-lo sorrir e a verdade surgia: Drew era filho de Nick. Não havia a menor dúvida.

A luz suave do abajur projetava sombras no papel de parede, e Maggie observou as flores delicadas. Vivera naquele quarto, até o dia que partira, dez anos atrás. Procurando por aventura, escolhera uma universidade na costa leste, e logo percebeu como aquela vida seria difícil para uma menina tímida de cidade do interior. No entanto, não desistiu, formou-se em jornalismo, e através de uma agência, conseguiu seu primeiro emprego no jornal Carolina Tribune. Não se importava de fazer café e servir os outros, mesmo que ninguém a notasse, pois tinha um emprego de verdade, em um grande jornal. Maggie jurara que de algum modo provaria seu valor, fazendo-os ver que era capaz de escrever bons artigos. Só precisava de uma chance.

Oito meses depois, graças a uma epidemia que deixou dois terços dos empregados do jornal de cama, ela finalmente conseguiu a chance de fazer uma reportagem sobre esportes. Teria que cobrir o campeonato nacional de motociclistas na pista local, e deveria entrevistar o bi-campeão nacional, Nick Santos.

Ela foi direto ao banheiro e vomitou.

Entre todas as reportagens do mundo, e entre todas as pessoas, o destino mandou que entrevistasse Nick Santos, o homem que a salvara de Roger Gerckee quando tinha treze anos de idade. Ela se lembrava de cada detalhe daquele dia maravilhoso.

Maggie estava lanchando sozinha, como sempre fazia em um canto da lanchonete. Roger passara o dia inteiro provocando-a por causa do aparelho nos dentes, os cabelos vermelhos e os óculos que usava. Maggie conseguira ignorá-lo até que ele pegou seu sanduíche e jogou-o no lixo. Ela começou a chorar, sentindo raiva e humilhação.

Como um cavaleiro que surge em seu cavalo branco, Nick Santos aparecera de repente. Ela ainda podia se lembrar da fúria que vira nos olhos dele, da voz aparentemente calma, mas mortal, quando disse a Roger que não deveria desperdiçar comida daquela maneira, e jogou o sujeito na mesma lata de lixo onde estava o sanduíche. A escola inteira começou a rir, e ela se apaixonou perdidamente por ele.

Maggie jamais comentara com alguém seus sentimentos em relação a Nick. Teria se tomado a piada da escola. Ela era diferente das outras meninas, que sempre sabiam o que dizer, o que usar e como agir. Maggie simplesmente não se encaixava naquele grupo, e apaixonar-se por um rapaz como Nick Santos era absurdo. Nick era mais velho e fazia parte do trio de garotos mais cobiçado da escola. Uma garota tinha que ser esperta para sair com Nick, além de bonita e disposta a correr riscos.

Maggie não era nada daquilo. A atitude mais ousada que fizera foi entrar atrasada na aula de matemática enquanto o professor estava de costas, escrevendo no quadro-negro.

Aceitou a idéia de que Nick Santos jamais olharia para ela e achou mais seguro e confortável entregar-se aos livros e a projetos escolares, mantendo suas fantasias sobre Nick em segredo.

Em uma de suas fantasias mais freqüentes, ela era uma moça ágil, bonita, sensual e malvada, e ele a amava.

Até aquele fatídico dia, cinco anos e meio atrás, quando ela tinha de entrevistá-lo ou perderia o emprego.

Maggie assistiu à corrida em um camarote e vibrou quando Nick conquistou seu terceiro campeonato. Depois dirigiu até o hotel onde ele estava hospedado e ficou quarenta e cinco minutos procurando acalmar-se, antes de ter coragem para se anunciar.

A festa de comemoração estava bem animada e, ao se aproximar, ela foi puxada para dentro da sala por um homem que usava os cabelos presos em um rabo-de-cavalo. A sala estava repleta de pessoas que conversavam e riam, ouvindo rock, enquanto um garçom com camisa colorida servia champanhe. Todas as mulheres eram extremamente bonitas, e os homens, elegantes, e Maggie nunca se sentiu tão deslocada.

Ela não conseguiria fazer aquela entrevista. Ainda não tinha visto Nick, e mesmo que ele a tivesse visto, não se lembraria dela. Ele tinha uma namorada diferente a cada dia, de acordo com as revistas. Se ela partisse naquele momento, não teria de suportar a humilhação de não ser reconhecida por ele.

Maggie estava se virando para partir, já imaginando a mentira que contaria a seu chefe, quando o homem de camisa colorida bloqueou sua passagem e entregou-lhe uma taça de champanhe.

— Está aqui a pedido do hotel? — indagou o homem. Ela usava um blaser azul-escuro e uma saia da mesma cor, e era natural que parecesse uma funcionária do hotel.

— Bem, na verdade...

— Temos um problema no banheiro da suíte. Acho melhor verificar, mas não precisa pedir que consertem agora. Peça para virem amanhã.

Ela tentou explicar que não era funcionária do hotel, mas o barulho aumentara muito quando duas mulheres tiraram Nick para dançar, e o homem que a guiava até o banheiro não podia ouvi-la.

Maggie tropeçou, observando Nick dançar com as mulheres. Na verdade, ele não estava dançando, e sim apenas admirando-as. O coração dela disparou. Nick estava mais bonito do que nunca, os cabelos negros, o sorriso deslumbrante.

Maggie não conseguiu dizer nada quando o homem com camisa florida conduziu-a ao interior do quarto e partiu.

Agradecida pelo silêncio, caminhou até o banheiro e fechou a porta. Olhou para a taça de champanhe que trazia na mão, respirou fundo e bebeu um gole grande. As bolhas fizeram cócegas em sua garganta, e apesar de nunca ter bebido, apreciou o sabor. Também gostou da súbita confiança que sentiu.

Deixando a bolsa na beira da pia, pegou o gravador, ligou-o, e disse:

— Testando, testando... — Após pigarrear, acrescentou: — A mosca não pode ser pássaro, mas o pássaro não pode ser mosca. — Voltou a fita e escutou a gravação. Depois guardou o gravador, fechou os olhos e tomou o resto de champanhe.

Quando Maggie abriu os olhos outra vez, olhou para o espelho e observou sua imagem. Deveria ao menos ter passado um pouco de batom nos lábios, e feito um penteado nos cabelos. Jamais soubera como lidar com cosméticos e penteados, ou talvez jamais houvesse se preocupado com isso. De repente, aquela vaidade pareceu-lhe muito importante, entretanto nada podia ser feito naquele momento.

Suspirando, retirou os óculos e inclinou-se sobre a pia a fim de lavar o rosto. Ao abrir a torneira, saiu um forte jato de água que molhou seu blaser. Ela fechou logo a torneira, parecia ter encontrado o problema que o homem de camisa florida havia mencionado.

Maggie gemeu, aborrecida, tirou o blaser e colocou-o na bolsa junto com os óculos, e depois enxugou a pia e o chão com uma toalha. Aquilo já estava indo longe demais. Decidiu ir embora, respirou fundo e saiu do banheiro.

Alguém havia fechado a porta do quarto, e o ambiente estava todo escuro. Maggie não fazia idéia onde ficava o interruptor, portanto, tentou caminhar no escuro. Passou por uma cômoda, depois uma cadeira e chegou à beira da enorme cama de casal. Sentou-se e passou a mão pelo peito de um homem.

Assustada, deu um salto para trás e gritou.

— Desculpe-me, não pretendia assustá-la. — Ele sentou-se ao lado dela na cama. — Achei que a encontraria aqui.

Era Nick! Maggie mal podia respirar. Ele a vira? E a reconhecera? A coxa dele encostou na dela, e seu coração disparou.

— É mesmo? — Como não podia respirar direito, a pergunta foi feita em voz baixa e pausada.

Ele passou a mão pelas costas dela e respondeu:

— Disseram que queria falar comigo.

— Bem, eu... sim, é verdade. — "Como sou inteligente. Que profissional! Muito sofisticada", pensou, contrariada.

— Não quero afastá-lo de sua festa — afirmou, procurando pela bolsa que caíra no chão em algum lugar. Por que ele não acendia as luzes? E por que ela não sugeria que o fizesse? Porque era gostoso estar sentada ao lado de Nick no escuro, com a cabeça tonta pelo efeito do champanhe, sentindo o delicioso perfume masculino.

— A festa foi transferida para a suíte no final do corredor. Está havendo um jogo de futebol e lá há um telão.

— Bem, creio que quanto maior é melhor.

Ele gargalhou, e Maggie teve a sensação de estar sendo acariciada por aquele som. Nick passou a mão pelo braço dela, depois subiu até o pescoço e acariciou os cabelos cacheados.

— Seus cabelos cresceram. Gostei.

Ele havia reparado em seus cabelos? Nick Santos, que não a vira nos últimos sete anos, percebera a mudança nos cabelos? A cabeça ficou ainda mais zonzinha com a proximidade dele.

— Obrigada — murmurou.

— Relaxe — pediu com a voz sedutora no ouvido dela.

— Sei que não nos vemos há algum tempo, mas não precisa ficar nervosa.

A voz rouca e sensual deixou-a arrepiada.

— Não estou nervosa — mentiu. — Mas sei que está muito ocupado, e acho que devemos começar logo.

Ele riu novamente, acariciou-lhe o rosto e comentou:

— Você sempre me faz rir.

Maggie não sabia como entender aquela frase. Estaria dizendo rir simplesmente ou rir dela? Era realmente estranho o comentário, pois nunca haviam trocado mais do que duas palavras.

Quando Nick se aproximou, beijou-a e deitou-a na cama, todos os pensamentos desapareceram da cabeça de Maggie.

Ela já tinha sido beijada duas vezes em sua vida. A primeira no colegial por Kevin Hatcher, e outra por Brian Whitman que sentava-se ao lado dela nas aulas de história americana no segundo ano da faculdade. Entretanto, nenhum beijo tivera sabor de champanhe, e a sensualidade de Nick deixou-a completamente excitada.

Ele a apertou com mais força entre seus braços, e Maggie entregou-se completamente, apesar de saber que não deveria estar fazendo aquilo.

— Nick — chamou-o enquanto ele beijava seu pescoço —, não creio...

— Ótimo. — Lambeu-lhe a orelha. — Não pense. É muito melhor quando não se pensa.

Ele tinha razão, era maravilhoso, não se comparava a nada que ela tivesse experimentado, e jamais sentiria nada igual. Há quantos anos sonhava com aquilo? Por

que não deveria aproveitar? Já era uma mulher adulta. Tinha vinte e quatro anos, já estava em tempo de descobrir como era ficar com um homem, e ele não era apenas um homem. Era Nick.

Ela ouviu um gemido e surpreendeu-se ao notar que viera de sua boca. Ele passava as mãos por todas as partes de seu corpo, nos seios, pernas, tirando-lhe a blusa e a saia. A pele de Maggie parecia queimar em cada local que era tocada, e quando a acariciou entre as pernas, sentiu uma dor nunca vivida, uma necessidade desesperada de senti-lo dentro de si.

— Você está diferente — murmurou Nick entre beijos. Ele tinha razão, ela estava diferente. Desde o primeiro momento em que haviam se beijado, Maggie deixara de ser uma menina tímida, sentia-se como uma mulher pela primeira vez em sua vida. Uma mulher sexy e sensual. Ela puxou-o para perto e beijou-o nos lábios, gemeu quando sua blusa foi retirada e Nick segurou-lhe os seios. Quando ele sugou os mamilos, ela gemeu outra vez.

Nada poderia ter preparado Maggie para as sensações que experimentava. O prazer explodia como uma flecha, partindo dos seios em direção às partes mais íntimas. Ela arqueou o corpo, tocando-o e murmurando o nome dele várias vezes até que seus corpos se uniram finalmente.

Ela não sentiu dor, apenas um intenso prazer. Um prazer que aumentava à medida que Nick se movia, até explodirem juntos no êxtase total. Maggie ficou surpresa por poder dar tanto prazer a Nick. O coração dela ainda estava acelerado quando Nick abraçou-a com força, deitando-a em seu ombro.

— Fique comigo, Cindy — pediu, beijando-a.

Cindy? Deus, ele achava que estava com outra pessoa, concluiu Maggie, arrasada.

A humilhação era tanta que Maggie não conseguia se mexer nem respirar, gostaria de sumir e jamais aparecer. Ela ficou imóvel até perceber que ele estava dormindo, então, saiu da cama, encontrou suas roupas e vestiu-se no escuro em silêncio.

Maggie já estava em seu carro antes que a dor tomasse conta de seu corpo e, ainda no meio do caminho para sua casa, não conseguiu mais evitar as lágrimas que começaram a descer. Ela precisou estacionar o carro e acalmar-se. Nick fizera amor com ela imaginando que fosse outra mulher. Uma mulher chamada Cindy.

Ele ficaria furioso ao perceber o engano. Ou então, daria muitas gargalhadas. De qualquer modo, Maggie jamais poderia olhar para ele novamente, nunca.

Se ele pensou que tinha feito amor com Cindy, então não sabia quem ela era, ninguém sabia quem ela era. O homem de camisa florida pensou até que fosse funcionária do hotel. Ela não dissera seu nome a ninguém, e Nick não chegara a vê-la. Ele não sabia que era a pobre Maggie Smith que estivera em sua cama, uma mulher para a qual jamais olharia. Ele jamais ficaria sabendo da verdade!

Maggie foi para casa e, naquela noite, escreveu um artigo sobre o campeonato. O editor do jornal gostou tanto do material que a escolheu para outras matérias e, em pouco tempo, Maggie conseguiu ter sua própria coluna na seção de saúde do jornal.

Dois meses depois daquela noite, Maggie leu o resultado positivo no teste de gravidez em uma mão e, na outra, a reportagem de uma revista sobre a briga de Nick na justiça para provar que não era o pai de uma criança.

Ela sabia que não poderia jamais dizer a ele que estava grávida. Ele nem ao menos sabia que tinha feito amor com ela. Como poderia suportar a humilhação de ter de provar que fizeram amor, apenas para ser rejeitada, junto com a criança que trazia em seu ventre. Nick não sentia nada por ela, e com certeza não sentiria nada pelo bebê.

Nick Santos, o homem que amava desde os treze anos, era o pai de seu filho. Ela tocou a barriga, maravilhada com a idéia de ser mãe. Amaria a criança com todas as forças. Tivera Nick apenas por uma noite, mas amaria a criança pelo resto da vida.

A enorme felicidade que sentiu deu-lhe forças para dizer aos pais que estava grávida e que não tinha a menor intenção de se casar. Conseguiu assumir o controle de sua vida, ganhar a autoconfiança que nunca tivera, e decidiu esquecer o passado e deixar Nick Santos para trás.

Ela se casou com Richard, um jornalista do Tribune, quando Drew tinha seis meses de idade, mas os dois perceberam que haviam cometido um engano, e o divórcio foi inevitável e amigável. Pouco tempo depois, Maggie recebeu uma proposta de trabalho em Nova York e, um ano mais tarde, tinha sua própria coluna no jornal Times. Seu apartamento era pequeno, charmoso, e perto do parque, onde ia passear com o filho sempre que não estava trabalhando, e o tempo permitia. Ela estava feliz com sua vida, com o que conquistara e com a promessa de um futuro promissor.

Não era mais a pobre Maggie Smith. Aprendera muitas coisas sobre a vida, inclusive a usar maquiagem e a cuidar dos cabelos. Substituiu os óculos por lentes de contato e, ao morar em Nova York, aprendeu a vestir-se com estilo.

Era uma nova mulher e gostava de si mesma. Era boa mãe e uma jornalista de sucesso. Não precisava de mais nada em sua vida naquele momento. Nem mesmo um homem, principalmente Nick Santos.

— Deixe-me entender. — Lucas Blackhawk debruçou-se sobre a mesa e tomou um gole de refrigerante. — Está me dizendo que Nick Santos, o grande conquistador, está tendo problemas com mulheres?

— Disse que estava tendo problemas com mulheres? — A ferramenta com a qual Nick estava apertando uma peça caiu de sua mão e ecoou no chão de cimento. Ele olhou para o amigo. — Não disse nada disso. Está aqui para ajudar, Blackhawk, ou veio apenas tomar refrigerante e bisbilhotar minha vida pessoal?

— Está irritado, não é? — Tomou outro gole. — Então, ela disse "não"? Quem é essa mulher tão refinada e inteligente?

— Se não pretende ajudar, vá embora. Estou ocupado.

— Estou ajudando. — Entregou outra ferramenta ao amigo.

— Apenas diga-me quem ela é, Nick. Não vou rir, prometo. Nick ajoelhou-se novamente ao lado da motocicleta. Sabia que Lucas não o deixaria em paz até descobrir o nome da mulher.

— Margaret Smith — murmurou.

— O que disse? — Lucas aproximou-se. — Ingrid?

— Margaret Smith — retrucou, guardando a ferramenta.

— Maggie Smith.

Se Nick não estivesse tão mal-humorado, teria se divertido com a expressão de Lucas.

— Maggie Smith? — repetiu. — Quer dizer, calada como um camundongo, tímida, óculos, cabelos vermelhos.

— A própria. Lucas começou a rir.

— Bem, não me surpreendo por ela não querer sair com você, Santos. Convidou uma mulher com inteligência maior que o tamanho de seus sapatos.

Outra ferramenta escapou das mãos de Nick.

— Você não tem nada melhor para fazer? Por que não vai cuidar do rancho e de sua esposa grávida?

— Meu empregado cuida bem do rancho, e Julianna está enjoada esta manhã. O bebê chutou muito durante a noite. Ela precisa descansar.

— Preciso ficar sozinho. Saia daqui. Lucas riu e sentou-se.

— Bom, além do bom senso e de uma ótima capacidade de julgamento, por que ela não quis sair com você?

Nick rangeu os dentes. Passara a noite toda fazendo a si mesmo a mesma pergunta. Ele era um homem bem humorado, de boa aparência e charmoso. Nunca tivera problemas com as mulheres.

Ela era escritora, e talvez gostasse de homens sensíveis. Um homem que ficasse horas meditando, lendo poesias, fumando cachimbo e que se sentasse ao entardecer, refletindo sobre a existência do Universo.

Nick não gostava de poesias, preferia cigarros e não subiria uma montanha para filosofar. Talvez não fosse o tipo dela, admitiu irritado. Entretanto, ela não precisava ser tão teimosa. Poderia ao menos dar-lhe uma chance.

As três horas da manhã, Nick decidiu que era seu dever salvá-la de uma vida monótona. A rejeição dela afetara seu ego, mas Nick Santos sempre se recuperava. Nunca tivera um problema do qual não se curasse ao dar uma volta de motocicleta e beber uma cerveja gelada.

— Ela é mais delicada que a maioria das mulheres. Fui depressa demais, só isso — explicou.

— Nick Santos indo depressa demais? Não... — debochou.

— Saia daqui, Blackhawk, antes que o faça engolir essa chave de fenda...

— Com licença.

Os dois homens se viraram ao ouvirem a voz feminina. Maggie estava parada na porta da loja, com a mão no ombro do filho.

CAPÍTULO IV

Espero não estar incomodando. Você disse para virmos até aqui.

Nick não encontrava palavras para responder. A luz da manhã dava um brilho especial aos cabelos vermelhos de Maggie que estavam soltos e caíam sobre os ombros em contraste com a blusa verde, cor que combinava com seus olhos. Ela estava realmente deslumbrante.

Lucas também estava fascinado, o que deixou o amigo um tanto irritado. Na verdade, se o queixo caísse mais um pouco, encostaria no chão.

— Maggie? Maggie Smith?

— Olá, Lucas. — Sorriu. — Estou surpresa que tenha me reconhecido.

— Lembro-me de Maggie Smith. Não me lembro de você.

— Acho que isso é um elogio. — Tocou a cabeça de Drew, e acrescentou: — Esse é meu filho, Drew. Drew, esse é o sr. Blackhawk.

Lucas aproximou-se, ajoelhou ao lado do menino e apertou-lhe a mão.

— Pode me chamar de Lucas.

— Nick foi jantar em nossa casa ontem, e mamãe atropelou minha bicicleta. Nick disse que poderá consertá-la e deixou que eu ajudasse — explicou o menino.

— Não diga! — Lucas sorriu e olhou para o amigo. — Vocês vieram ao lugar certo. Nick é capaz de consertar quase tudo. Aposto que ele pode até torná-la mais veloz. Não é Nick?

Nick controlou a vontade de bater em Lucas ao ver o sorriso de deboche.

— É verdade, Nick? Pode deixar minha bicicleta mais rápida?

— Claro, amigo. — Sorriu, e ao ver a expressão de felicidade do rosto da criança, esqueceu-se da provocação de Lucas.

Qual era o problema de consertar a bicicleta? Estava apenas ajudando um garoto. Ele sempre se dera bem com as crianças, entretanto, não tinha muito contato com elas, nem pretendia ter filhos. O que saberia sobre ser pai? Seu próprio pai sumira, e o padrasto, com quem sua mãe o deixara, passava mais tempo na cadeia do que em casa.

Além disso, teria que se casar para poder ter filhos, e por que faria uma tolice daquela? Gostava de sua vida do modo que era. Fazia tudo o que queria, quando queria, com quem queria.

Bem, ao menos até Maggie aparecer. Se estivesse fazendo exatamente o que queria, estariam sozinhos em outro local, de preferência, na cama.

— Quer ver minha bicicleta? — perguntou a Lucas. — Minha mãe fez um estrago enorme.

— Drew — Maggie ficou corada. — Tenho certeza de que Lucas tem outras coisas a fazer.

— Não tenho. — Pegou a mão de Drew. — Vamos olhar a bicicleta.

Os dois se afastaram e, antes que Maggie pudesse protestar, observou o filho sair da loja ao lado de Lucas, falando o tempo todo sobre motocicletas e caminhões. O coração dela quase parou ao olhar para Nick, o homem tirava-lhe o fôlego.

Ele estava com as mangas da camisa arregaçadas, revelando os braços fortes. A calça jeans estava desbotada, marcando o contorno das coxas musculosas, as botas

também eram velhas, mas tudo naquele homem parecia masculino e positivamente sexual.

Ela sabia que o estava fitando, mas não podia deixar de olhar, e ele fazia o mesmo, com um sorriso confiante nos lábios que lhe dizia saber exatamente no que ela estava pensando. Quando o telefone sobre a bancada de trabalho começou a tocar, Nick virou-se para atendê-lo. Aliviada, Maggie suspirou e começou a andar pela loja, desejando manter distância dele, além de estar curiosa para conhecer o local.

Estava tudo muito limpo. O chão de concreto brilhava, as paredes haviam sido pintadas havia pouco tempo, e a luz do sol penetrava pelas janelas existentes em todo o andar superior. Motocicletas em vários estágios de conserto estavam alinhadas em uma das paredes. Em outro local, havia pneus, adesivos de corridas, peças cromadas e bancos de couro. Mesmo com sua pouca experiência, era fácil perceber que aquelas máquinas não eram usadas para passeios de domingo. Eram motocicletas poderosas e formidáveis, iguais a de Nick, pensou, olhando para ele e observando mais uma vez os ombros largos e o corpo forte.

Maggie forçou-se a prestar atenção à loja, caminhando até o canto onde aparentemente funcionava um pequeno escritório, com amplas janelas, que chegavam ao teto. Lá dentro havia cheiro de café. Sentando-se na beira da mesa onde havia correspondência e o jornal, observou as fotografias penduradas nas paredes. Eram pôsteres de corridas e imagens de Nick em sua motocicleta. Ela aproximou-se e olhou para uma pequena fotografia emoldurada onde ele saltava sobre um monte de terra, usando um macacão amarelo.

— Quebrei a perna quando a motocicleta bateu no chão — informou Nick atrás dela. — Fiquei fora das corridas durante seis meses.

— Eu lembro. — Ficara preocupada com o acidente e pedira para fazer uma matéria a respeito para que pudesse ligar para o hospital e receber notícias dele. — Foi no Colorado.

— Bem, bem. — Sentou-se na mesa ao lado dela, seus joelhos quase se tocando. — Não sabia que gostava de corridas.

Maggie recriminou-se por ter dito aquilo e tentou corrigir a situação:

— Na verdade não gosto. — As mãos estavam trêmulas, então escondeu-as nos bolsos da calça e fitou-o. — Precisei substituir um colega que escrevia matérias sobre esportes. Nick Santos ter quebrado a perna era uma boa notícia, portanto, fiz a reportagem.

— Escreveu um artigo sobre mim? O que escreveu? Poderia ter-lhe contado palavra por palavra. Cada adjetivo verbo e ponto.

— Isso aconteceu há três anos, Nick. Escrevi centenas de artigos desde então.

— Nossa Maggie! Lembre-me de procurar por você sempre que meu ego estiver muito grande.

Maggie riu ao ouvir a reclamação.

— Julgando por todos esses troféus, as ligações podem ficar caras. — Olhou para o caderno de telefones aberto sobre a mesa. — Parece que você já está ocupado demais com seus telefonemas. São todos números de mulheres?

Nick fechou o caderno.

— São apenas amigas.

Amigas. Maggie pensou na proposta que ele havia feito na noite anterior para serem amigos, e imaginou como aquela palavra tinha significado diferente para os dois. Não que estivesse preocupada, não queria preocupar-se com aquilo.

Nick inclinara-se um pouco para frente, e a perna encostava na dela. Maggie sentiu o calor subir pelo corpo. Ela afastou-se e andou pelo escritório, olhando casualmente para outras fotografias. Um imagem antiga chamou-lhe a atenção: três jovens, todos muito bonitos, com cabelos escuros e grandes sorrisos. Usando um macacão de corrida preto, Nick estava sentado na motocicleta, segurando um enorme troféu dourado e sorrindo. Lucas estava ajoelhado ao seu lado, e Ian Shawnessy estava atrás, de braços cruzados, olhando diretamente para a câmara, o sorriso mais sério e sensual.

O coração de Maggie disparava apenas ao olhá-los. Percebeu quando Nick se aproximou e sentiu seu calor perto de seu rosto quando tentou ver o que ela observava.

— Essa fotografia foi tirada seis meses depois que terminamos o colégio. Foi minha primeira vitória.

Maggie mal podia respirar, sentindo-o tão próximo. Nick nem a tocara e já a deixara completamente atordoada.

— Aonde anda Ian? — indagou, feliz por sua voz parecer natural quando na verdade estava tão perturbada interiormente.

Nick afastou-se e sentou-se na beira da mesa.

— Ele se muda com frequência. É difícil saber onde está.

— Ele veio ao casamento de Lucas e Julianna? — Respirou fundo para acalmar-se.

— Estava fora do país. Trabalhando, ou algo parecido. Estaria fugindo do assunto? Maggie virou-se, e o coração disparou ao fitá-lo. Nick a olhava com intensidade, como um predador e ela não tinha a menor dúvida de quem seria a presa.

Precisando de alguma distração e, sobretudo, distância da tensão sexual que se instalara entre eles, virou-se e indicou uma porta nos fundos do escritório.

— O que tem ali?

— Meu quarto.

— Seu quarto? — Virou-se de repente, sem perceber que ele estava logo atrás. Quando bateu no peito dele, Nick segurou-a pelos ombros.

— Quer conhecer? — murmurou.

— Não. — Afastou-se, mas não tão depressa quanto gostaria, nem com a frieza que pretendia demonstrar. — Manter um quarto na oficina parece muito conveniente.

— Na verdade é mesmo conveniente. Estive muito ocupado, e não tive tempo para encontrar uma casa. Moro aqui, há até uma pequena cozinha. Tem certeza de que não quer conhecer?

Ele a provocava. Maggie ergueu o queixo e perguntou:

— Está com segundas intenções, Santos? Rindo, segurou-lhe o queixo e sorriu para Maggie.

— Querida, saberá quando estiver tentando conquistá-la, e não será uma tentativa. Além do mais — passou o dedo pelos lábios dela —, fiz uma promessa, não foi?

Por um momento, Maggie achou que seria beijada, e ela o desejava tanto que entreabriu os lábios.

— Mamãe, Nick, onde vocês estão?

Nick baixou a mão e afastou-se. Ela voltou a respirar lentamente, suspirou e virou-se para o filho, que entrara na loja, correndo.

— Estamos aqui, querido. — O choque de perceber o que quase acontecera deixou-a lívida outra vez.

— Onde quer que eu ponha essa máquina? — perguntou Lucas, carregando a bicicleta em uma das mãos.

Maggie seguiu Nick para fora do escritório. Não deveria ter ido até lá. Independente dos anos em que ficaram afastados, ou de quanto desejava esquecê-lo, seus sentimentos não estavam sob controle e não podia ficar perto dele outra vez.

Entretanto, por enquanto não tinha outra opção. Notou a felicidade nos olhos do filho. Ele era a pessoa mais importante de sua vida, faria qualquer coisa por Drew, exceto deixar que Nick Santos dominasse seu coração outra vez.

— Segure o pedal bem firme — orientou Nick, cobrindo a mão de Drew com a sua. — Encaixe no lugar certo e empurre com força.

Drew estava concentrado. Quando a peça chegou ao lugar, o menino gargalhou, excitado, e Nick imitou-o.

— Eu consegui! — gritou. — Mamãe estou consertando minha bicicleta!

Maggie estava no escritório e sorriu para Drew. Nick notou que ela os observava através da janela, mantendo distância enquanto o filho recebia sua primeira aula de mecânica. Cada vez que o menino gritava, anunciando os progressos que fazia, ela balançava a cabeça e sorria, mas não saiu do escritório, nem disse uma única palavra.

Margaret Smith Hamilton deixava-o atordoado, pensou Nick. Era uma mulher extremamente bonita e sensual, era inteligente, tinha sucesso no trabalho e era boa mãe. Não era o tipo de mulher com quem ele costumava sair, e mesmo assim, não podia deixar de pensar nela e imaginá-la em seus braços.

Quando Drew correu para mostrar uma peça estragada da bicicleta, Nick considerou a possibilidade de estar interessado nela apenas pelo fato de ela ter recusado seus convites. Entretanto, no íntimo, ele sabia que havia algo mais, além do desafio da conquista, algo que não compreendia. Passou a mão pelo pescoço, mas a sensação de que havia algo entre eles que Nick não podia entender, não desapareceu.

Nick sempre se sentira à vontade com mulheres e sexo, mas os jornais, sem dúvida, exageravam nos fatos sobre sua vida pessoal. Podia ter saído com muitas mulheres, todavia, escolhia com muito cuidado as poucas que levava para a cama. Jamais apreciara sexo em grupo, casos passageiros, nem mesmo ir para a cama apenas por uma noite. Envolvera-se em poucos relacionamentos, e enquanto duraram, foi fiel, preocupou-se verdadeiramente com as mulheres, e uma vez ou duas chegou a considerar a possibilidade de estar apaixonado.

Entretanto, não conhecera o amor. O amor que poderia levar um homem ao casamento e aos filhos, Nick não compreendia. Nenhuma mulher jamais envolvera-o nessa magia.

Evidente que havia a mulher de suas fantasias. A mulher que perseguia seus sonhos nos últimos cinco anos. Uma mulher com a pele tão macia quanto pétalas de rosas, e com gosto de mel e creme. Ainda podia lembrar do perfume dela: delicado e sensual.

Havia sido uma noite muito estranha. Pensara ter feito amor com Cindy, sua ex-namorada. Cindy sempre fora doce, mas nunca tiveram muito em comum. Antes de levantar-se da cama na manhã seguinte, telefonara para ela e dissera que deveriam ter outra chance, pois adorara fazer amor com ela na noite anterior. Cindy desligou o telefone depois de informá-lo friamente que não tinha ido para a cama com ele.

Nick ficou paralisado durante cinco minutos, segurando o telefone. Bebera um pouco, mas não estava bêbado quando foi para o quarto. Como podia ter cometido um engano como aquele? Jamais foi negligente quando se tratava de sexo. Sentou-se na beira da cama, imaginando cenas com maridos furiosos ou doenças terríveis. Foi então que olhou para os lençóis e viu a mancha de sangue.

Ficou com a boca seca, olhando para os lençóis manchados. Uma virgem? Nick gemeu e começou a procurar pelo quarto para ver se algo podia identificar a mulher com quem fizera amor. No entanto, não encontrou nada, a não ser um gravador embaixo da cama com uma gravação idiota.

Ele telefonou para todos os convidados que estiveram na festa, até amigos de amigos, mas ninguém pôde lhe dar alguma informação concreta. Ele esperou por um telefonema da mulher, até mesmo deixou um número de telefone onde poderia ser localizado, após deixar o hotel, caso a mulher entrasse em contato após sua partida. Todavia, tão misteriosa quanto surgiu em sua vida, a mulher desapareceu.

Aquela foi a única mulher que realmente o seduzira e, durante meses sonhara com a mulher sem nome e sem rosto. Na noite anterior tivera o mesmo sonho outra vez e, novamente, não podia alcançar a mulher que desaparecia como fumaça.

Talvez apenas estivesse desejando o que não podia ter, pensou, olhando para Maggie. A mulher misteriosa ou a mulher que não lhe dava a menor chance.

Ainda assim, apesar dos esforços de Maggie para convencê-lo do contrário, Nick tinha certeza de que ela não era indiferente a ele. Podia ser impressão sua, mas no momento em que ficaram a sós no escritório, quando lhe tocara os lábios, ela prendeu a respiração e parecia disposta a beijá-lo. Se Drew não houvesse chegado, teriam se beijado. Será que Maggie teria correspondido ao beijo ou o teria repellido? A vida era cheia de riscos.

— Venha. — Drew puxou a mãe pela mão. — Nick disse que precisamos comprar pneus novos e depois eu posso enchê-los. Não é mesmo, Nick?

— Isso mesmo, amigo. Vamos consertar logo sua máquina. — Entregou uma ferramenta ao menino.

Drew riu e colocou-a atrás da calça do mesmo modo que Nick fazia.

— Posso andar em sua motocicleta?

Nick olhou para Maggie, e ela franziu a testa.

— Quem sabe em outro dia. Afinal, depois de tanto trabalho que tivemos, precisamos comer um hambúrguer e tomar sorvete para recuperarmos nossas forças.

— Nick... — Maggie levantou a mão para protestar, mas Drew já estava radiante. Suspirando, ela desistiu e perguntou:

— Nick Santos, o que faço com você?

Nick gostaria de responder, nos mínimos detalhes. Entretanto, havia uma criança presente, então, limitou-se a sorrir e respondeu:

— Tudo o que quiser, Maggie Smith. Qualquer coisa.

Surpreendendo-o, Maggie começou a rir, e o som pareceu-lhe familiar. Ele piscou, e o momento passou. Rindo de sua própria tolice, pegou Drew no colo e levou-o até o banheiro para lavar as mãos.

Maggie observou-os com o coração apertado.

CAPÍTULO V

Obrigada pela carona, querida. — Com dois potes de biscoitos na mão, Angela Smith desceu do carro. — Ruby Peterson me levará para casa depois do bingo, e seu pai já está na cama para assistir ao jogo de futebol. Aproveite o silêncio.

Maggie não precisava de silêncio, queria evitar pensar em Nick e em quanto ainda se sentia atraída por ele.

— Tem certeza de que Drew não lhe dará trabalho?

— Bobagem. Ruby trará Tommy, seu neto. Os meninos brincarão juntos. Dê um beijo em sua mãe, Drew.

O beijo que o menino deu no rosto dela foi molhado e barulhento e Maggie sorriu, sabendo que não demoraria muito para que o filho crescesse e se recusasse a dar beijos de despedida. Quando endireitou a gola da camisa dele, Drew imitou-a, fazendo o mesmo com a gola do casaco da mãe.

—Vovó disse que Tommy trará carros de corrida e poderei brincar com eles também.

— Comporte-se, rapazinho. — Passou a mão pelos cabelos do filho, sentindo a maciez dos fios entre os dedos. Ele saiu do carro antes que ela o beijasse.

— Oh, Margaret, querida. — Angela franziu a testa, pensativa, olhando para as latas de biscoito. — Acho que trouxe biscoitos demais, especialmente por Martha Wimpleman estar fazendo regime outra vez. Por que não leva uma dessas latas até a casa de Nick Santos? Ele gostou tanto de minha torta de chocolate na semana passada que tenho certeza de que gostará dos biscoitos.

Maggie reconheceu a armadilha de imediato. Sua mãe não parava de falar em Nick desde a noite em que ele jantara em sua casa. Dizia que era muito bonito, e solteiro. Entretanto, Maggie sabia que se dissesse não estar interessada, isso só aumentaria a pressão, e fingindo indiferença, concordou:

— Claro mamãe.

Ela pensou em jogar os biscoitos pela janela enquanto se dirigia para a loja de Nick, mas não suportava o desperdício de comida. Pensou em comê-los sozinha, porém, acabaria com uma terrível dor de estômago.

Maggie não queria encontrar Nick. Já estivera em contato com ele tempo demais. Estiveram juntos por toda a tarde de sábado, e depois ainda haviam ido à sorveteria na cidade. Aquilo foi o pior. Observou Drew rir com Nick e discutirem sobre o que era melhor: chocolate com marshmallow e caramelo, ou sorvete de creme com chicletes. Os dois caçoaram dela por sua escolha de sorvete de creme com calda de chocolate. Cada vez que Nick a fitava com os olhos negros ou sorria, sentia um aperto no coração.

Esse era o motivo de não desejar a solidão, e evitar o silêncio de sua casa. Quando ficava sozinha, lembrava o momento em que ele a tocara, quando estavam no escritório. Seus lábios ainda sentiam o toque suave e ainda desejavam ser beijados.

Como poderia resistir? E pior que isso, será que queria resistir?

Maggie olhou para a lata de biscoitos como se estivesse cheia de cobras. Um bilhete resolveria. Escreveria um bilhete e deixaria junto com a lata na porta da loja dele. Nick a encontraria pela manhã.

Satisfeita com a solução encontrada, estacionou em frente à loja e desligou o motor. A caminhonete de Nick estava estacionada nos fundos da casa, mas isso não significava que estivesse lá, ele costumava andar de motocicleta. De qualquer modo, ela não seria vista. Maggie escreveu um bilhete e saiu do carro.

A noite estava agradável, e a brisa trazia perfume de flores. A lua brilhava no céu, ao lado de muitas estrelas.

Por mais que Maggie gostasse de viver em Nova York, com toda a energia e vibração da cidade, o céu naquele lugar parecia maior, as árvores mais altas e as estrelas mais brilhantes. E naquela pequena cidade ainda havia o senso de comunidade e uma vida tranquila. A única buzina que escutara desde que chegara em Wolf River fora durante a tentativa de Ethel Myers em afastar uma vaca que estava no meio da estrada.

Várias vezes, Maggie pensara em voltar a viver ali. Poderia fazer trabalhos independentes ou arranjar um emprego no jornal local. Ultimamente estava ficando cansada da correria constante e do caos em seu escritório. Estava precisando de férias, não apenas para ajudar seus pais, mas para realmente descansar. Quanto mais trabalhava, mais trabalho recebia, com prazos mais curtos. Sentia saudade dos pais, queria que o filho tivesse contato com os avós, ao invés de só se comunicarem por cartas e telefonemas. No entanto, jamais poderia voltar, sabendo que Nick morava lá.

A porta da frente estava entreaberta, e as luzes, acesas. Nick cantava músicas antigas. Maggie sorriu diante do entusiasmo dele com a música, e não controlou a curiosidade, espiando pela fresta.

Nick estava debruçado sobre um carburador, consertando-o. Ao menos ela achava que era um carburador. Aprendera um pouco sobre carros e mecânica, mas ainda assim não sabia distinguir algumas peças.

Maggie permitiu-se ficar um momento observando-o, admirando os cabelos negros, o peito musculoso, os ombros largos. Ficava excitada apenas olhando-o, desejando o que não podia ter. Ela abaixou-se para deixar a lata de biscoitos no chão e, de repente, ele se virou. A irritação em seu rosto logo deu lugar ao sorriso.

Maggie não podia simplesmente sair correndo, sem parecer ridícula. "Fique calma, fique calma", repetiu para si mesma.

Nick largou a peça e limpou as mãos em um pano.

— Bem, Maggie Smith. O que a traz até a toca do lobo? Desejando que ele não percebesse que estava com as pernas trêmulas, aproximou-se devagar.

— Minha mãe achou que você gostaria de alguns biscoitos. Nick manteve os olhos fixos nela enquanto recebeu a lata.

— Adoro biscoitos.

Por que ele continuava a fitá-la daquela maneira, como se quisesse comê-la ao invés dos biscoitos? E por que ela também o desejava tanto?

— Bem, preciso ir embora. Nick agarrou-lhe o braço.

— Fique mais um pouco e coma um biscoito comigo. Detesto comer sozinho.

— Está bem — concordou, sabendo que estava sendo imprudente.

Enquanto Nick lavava as mãos, Maggie observou uma motocicleta estacionada ao lado da mesa de trabalho. Era maravilhosa. Uma moto grande, poderosa, com metais cromados e banco de couro... e sem motor.

— Essa motocicleta é sua? — perguntou quando Nick aproximou-se.

— Pertence a um amigo. Costumávamos correr juntos. — Abriu a lata e um sorriso de puro prazer surgiu em seu rosto enquanto aspirava o aroma dos biscoitos. — Ah, biscoitos de chocolate.

Ele já tinha comido meio biscoito quando ofereceu um a ela.

— Acho que morri e fui para o paraíso — murmurou, dando outra mordida.

— Direi isso a minha mãe.

A expressão de prazer no rosto dele beirava ao prazer sexual, e Maggie sentiu um arrepio na espinha. Desviou o olhar e concentrou-se na motocicleta.

— Por que parou de correr?

— Estava cansado, a maior parte de meus dias era gasta em viagens, hotéis e restaurantes.

— E mulheres? — Arrependeu-se de imediato, mas não conteve a curiosidade, corando.

— Você lê jornais demais — brincou, sorrindo satisfeito.

— Desculpe-me. Não deveria ter dito isso. Não é problema meu.

— Não tenho segredos. — Deixou a lata de biscoitos sobre a mesa e aproximou-se dela. — E você, Maggie Smith? — murmurou em seu ouvido. — Quais são seus segredos?

A pergunta fez o coração dela dar um salto, e a proximidade com aquele homem o fez disparar. Jamais poderia revelar seus segredos. Maggie ficou hipnotizada quando Nick segurou-lhe a mão e inclinou-se, mordendo o biscoito.

Quando os lábios tocaram os dedos dela em uma última mordida, Maggie experimentou uma onda de desejo.

— Vamos dar uma volta. — Colocou a mão na cintura de Maggie.

— Uma volta? — Não conseguia pensar direito, muito menos recusar.

— Já andou em uma motocicleta? — Empurrou-a devagar para a máquina.

Maggie balançou a cabeça em negativa e sentiu o ferro da motocicleta em contato com sua perna.

— Então sua primeira vez será comigo, gosto disso.

— Não há motor.

— Não precisamos de motor.

Ele a ergueu e ajeitou-a sobre a motocicleta. Ele sentou logo atrás e segurou-a pela cintura.

— Está no controle, Maggie. Sinta o poder.

Ela teve a sensação de estar realmente pilotando, e o coração disparou. Era maravilhoso. Há quanto tempo não permitia que suas emoções simplesmente fluíssem? Talvez desde a última vez em que Nick a tocara...

— Aonde iremos?

— Aonde quiser, querida. Tão longe e tão rápido quanto desejar.

Ela fechou os olhos. Nick abraçou-a.

— É perigoso andar de motocicleta sem capacete — murmurou, sentindo o rosto corado.

— Não deixarei que nada lhe aconteça. Está segura comigo. Maggie sabia que aquilo não era verdade. Jamais estaria segura ao lado dele, mas de certa forma, naquele momento, isso não tinha a menor importância. Ela quase podia sentir o vento no rosto e a vibração da máquina poderosa. O rádio tocava rock, e o ritmo acelerava seu pulso. Sentiu o cheiro de Nick, suspirando, rendeu-se e encostou o corpo ao dele, deliciando-se com o peito musculoso.

— Maggie, querida...

Quantas vezes ela sonhara em ouvir seu nome nos lábios dele?

— Não se contenha, deixe acontecer — pediu Nick. Ela teve a impressão de ter ouvido o barulho do motor, mas na verdade era o barulho de seu coração acelerado. Estavam indo depressa demais, e isso a assustava e excitava ao mesmo tempo. Nick lambeu-lhe a orelha, e Maggie afirmou:

— Há um sinal vermelho adiante.

— Não há sinais nos próximos quilômetros. Você não precisa parar.

Maggie não queria parar. Gostaria que aquele instante durasse para sempre. Com um gemido, inclinou a cabeça para trás e permitiu que ele beijasse seu pescoço.

— Maggie, eu a quero — murmurou.

Ela mal podia respirar. Virou-se decidida a detê-lo, mas foi beijada, e todas as palavras desapareceram.

Nick achou que ela tinha gosto de chocolate, era saborosa, macia e doce. Inclinou a cabeça para saboreá-la melhor. Ela estava interessada nele, por mais que negasse. Não

entendia porque lutava tanto contra aquele sentimento, mas estava decidido a quebrar todas as barreiras.

Ela reclamou quando Nick voltou a beijar-lhe o pescoço e gemeu ao sentir as mãos dele em seus seios. Arqueou o corpo e chamou-o, fazendo-o explodir de desejo. Os mamilos estavam rígidos sob os dedos experientes, o ângulo de seus corpos os impediam de prosseguir. Frustrado, Nick comprimiu o corpo contra o dela para mostrar-lhe o quanto estava excitado.

— Veja o que está fazendo comigo, Maggie. Diga-me o que estou fazendo com você.

— Está me destruindo.

Percebendo a angústia na voz dela, compreendeu que apesar de excitada, havia algo além do aspecto físico.

— Sinto muito. — Maggie passou a mão pelos cabelos, desceu da moto e fitou-o. — Não posso fazer isso.

Nick notou que ela estava com medo.

— Por que está com medo de mim?

— Não tenho medo de você, Nick. Tenho medo de mim.

— Não compreendo.

— Voltarei para Nova York daqui a algumas semanas. Desculpe-me se lhe permiti alguma expectativa, mas não quero esse tipo de... — hesitou procurando a melhor palavra e acrescentou: — relacionamento.

— O que isso quer dizer?

— Não estou interessada em passar uma noite com você, não é meu estilo.

— E pensa que é o meu?

— Sim.

— Não acredite em tudo o que lê nos jornais, Maggie. Irritado, decidiu manter distância dela, pois ainda estava excitado. Desceu da moto e foi desligar o rádio que tocava uma música romântica. Ela o observava.

— Diga a sua mãe que mandei agradecer pelos biscoitos.

— Olhou para ela, viu o desejo em seus olhos e virou de costas. Pegou a ferramenta e concentrou-se no carburador.

— Devo receber as peças para a bicicleta de Drew depois de amanhã. Avisarei quando chegarem.

Nick ficou tenso quando percebeu a aproximação dela. Se o tocasse, não sabia o que seria capaz de acontecer. Mesmo assim, ficou decepcionado quando Maggie recuou.

— Avise-me quanto lhe devo.

— Claro. Boa noite, Maggie.

Nick não olhou para trás quando ouviu o barulho da porta se fechando nem quando ela ligou o motor do carro e afastou-se. Irritado, atirou uma ferramenta na parede, causando enorme barulho. Estava frustrado por não terem ido para a cama, mas o que mais o irritara foi o fato de ela tirar conclusões sobre sua vida pessoal. Ele já fora acusado

sem provas no passado, e nunca se importou. Mesmo a briga judicial que enfrentara pelo reconhecimento da paternidade, havia alguns anos, e o que as pessoas pensavam a seu respeito não o incomodavam.

Em sua vida inteira, só se importara com a opinião de seus amigos, Lucas e Ian. Não sentia nada por sua mãe que o abandonara, ou pelo padrasto bêbado com quem crescera. Os dois já haviam desaparecido: sua mãe sumira, e o padrasto morrera de tanto beber.

Lucas e Ian, eram sua única família. Sempre estiveram a seu lado, e sempre estariam. Confiaria sua vida a eles. Jamais se importara com o que as outras pessoas pensavam a seu respeito. Até a chegada de Maggie.

Nick se importava com o que ela pensava.

Não a compreendia. Por que pensava tanto nela? Por que não esquecia o gosto daqueles lábios? E por quê, apesar de toda a rejeição, ainda a desejava tanto? Havia algo diferente naquela mulher, ela parecia-lhe familiar. Não da época em que foram adolescentes. Era algo mais. Outra época. Outro lugar.

Tudo aquilo era muito estranho, concluiu Nick, desesperado.

Um quarteirão depois da loja de Nick, Maggie precisou estacionar o carro, pois estava com as mãos trêmulas.

Por que permitira tanta proximidade? Sabia que os resultados seriam desastrosos se ficassem sozinhos. Ele nem precisava tocá-la para deixá-la atordoada. Um simples olhar já era suficiente...

Maggie respirou fundo e procurou acalmar-se. Não podia ficar zangada com Nick, mas estava furiosa consigo mesma. Precisava lidar com seus sentimentos. Eles se conheciam desde que eram crianças. Ele morava em Wolf River, e mesmo que ela voltasse para Nova York, dali a algumas semanas, certamente o reencontraria cada vez que voltasse à cidade. Seus pais estavam envelhecendo, e Maggie já resolvera que suas visitas seriam mais freqüentes.

Não poderia fugir cada vez que o encontrasse, e não fugiria. Não era mais a menina tímida do passado, era uma mulher crescida, mãe de um lindo menino. Era independente e confiante.

Maggie ergueu a cabeça e olhou para a escuridão. Pela primeira vez desde que encontrara Nick no supermercado, sentia-se calma. Não sentiria medo e não fugiria. Enfrentara todos os problemas em sua vida e lidara bem com eles, enfrentaria os sentimentos por Nick da mesma maneira.

Não havia a menor possibilidade de ele descobrir que Drew era seu filho.

Ela não precisava se preocupar com nada mais.

CAPÍTULO VI

Maggie, você está maravilhosa! .Não posso acreditar que seja você mesma!

Maggie mal tinha entrado no restaurante Four Winds, e Julianna Hadley, agora Julianna Blackhawk, abraçou-a, apesar da gravidez avançada.

— Oh, meu Deus! — A loira deu um passo atrás e arregalou os olhos azuis, surpresa: — Não acredito que eu disse isso. Não pretendia...

— Está tudo bem. — Rindo, Maggie apertou a mão de Julianna. — Estou mesmo diferente. E impressionante o que maquiagem e um bom penteado podem fazer por uma mulher.

Segurando o braço de Maggie, Julianna conduziu-a até a mesa, perguntando como estava sua mãe e seu pai após a cirurgia. Tocava uma melodia de Mozart no sofisticado restaurante e, enquanto as duas amigas caminhavam entre as mesas, vários homens se viraram para observá-las. O hotel e o restaurante pertenciam a Lucas Blackhawk, explicara a mãe de Maggie, e como ele estava novamente cuidando da fazenda, pretendiam vendê-los.

Aparentemente Maggie não era a única cuja vida mudara. Ela ficou surpresa quando Julianna a convidou para o almoço. Elas estudaram juntas, mas nunca foram amigas. Eram pessoas completamente diferentes. Enquanto Maggie era tímida e solitária, Julianna sempre fora rica e bonita, entretanto, também não tinha amigos. A Julianna que se apresentava diante de Maggie naquele momento era uma mulher afetuosa e gentil, e ainda mais bonita.

— Adorei seu penteado, Maggie. Ficou perfeito para seu rosto. — Julianna sentou-se em uma mesa junto ao canto do restaurante. — Está maravilhosa, parece segura e confiante. A vida de jornalista de sucesso em Nova York combina com você.

Maggie pretendia dizer que não era famosa, mas um garçom apareceu, pegou o guardanapo que estava sobre o prato de louça chinesa e colocou-o sobre seu colo. Quando foi fazer o mesmo processo com Julianna, ela protestou:

— Oh, Henry, sou eu. Além do mais, minha barriga está enorme e não posso colocar o guardanapo no colo. — Delicadamente ajeitou o guardanapo na gola da blusa branca e falou em voz baixa: — Quero uma chance de recuperar meu dinheiro, seu malandro.

O homem sorriu, inclinou-se e respondeu no mesmo tom:

— Escolha o jogo que quiser, ganharei do mesmo modo. Julianna recostou-se na cadeira com a graça de uma princesa e pediu:

— Gostaríamos de beber água mineral em taças de champanhe, por favor. Estamos celebrando nosso reencontro.

— Imediatamente, sra. Blackhawk.

Antes de se afastar, o garçom olhou-a com cumplicidade.

— Suponho que o conheça — comentou Maggie.

— Henry costuma jogar pôquer lá em casa todas as terças-feiras. Era uma reunião só de homens, com cervejas, cigarros e palavrões. No princípio não queriam que eu me juntasse a eles, incluindo Lucas, mas venci, é claro. Atualmente fumam fora de casa, e os palavrões diminuíram bastante, exceto quando perco. Na semana passada Lucas ameaçou lavar minha boca com sabão. — Rindo, passou a mão pelo ventre estufado. — Não perderia aquela farra. Pelo menos até o bebê nascer.

Aquela não era a Julianna que Maggie se lembrava.

— Jamais imaginaria Julianna Hadley jogando pôquer,

— Julianna Hadley não jogaria, mas Julianna Blackhawk, sim. Sempre sonhei em me casar e ter filhos. Ainda não acredito que esteja acontecendo comigo. Eu, Julianna Hadley, casada com o cobiçado Blackhawk, um dos integrantes do famoso trio de mal elementos.

Maggie sentiu inveja da moça, mas ficava feliz por Julianna e Lucas estarem vivendo bem.

— Oh, não parei de falar até agora. — Julianna piscou o olho. — Conte-me sobre você e seu filho. Nick disse que ele tem um sorriso lindo.

Ao pensar em Drew, Maggie ficou mais feliz. Ele realmente tinha um sorriso maravilhoso, o sorriso do pai. Incapaz de resistir, ela tirou uma fotografia que trazia na bolsa.

— O nome dele é Andrew, em homenagem a meu avô, mas o chamamos de Drew. Fará cinco anos daqui a três meses.

— Oh, Maggie, ele é lindo. — Arregalou os olhos e observou com mais atenção. — Nick tinha razão, esse garoto vai quebrar corações. O pai dele deve ser muito bonito.

Maggie concordou em pensamento com a real beleza do pai do menino e guardou a fotografia.

— Disse algo errado — gemeu Julianna. — Oh, Deus, sou tão estúpida. Sinto muito, não lembrei que estava divorciada.

Maggie não podia explicar que estava pensando em Nick Santos, e não no ex-marido.

— Você não disse nada demais, e nossa separação foi amigável.

— Você ainda o ama, não é? Estava com um olhar tristonho, e fiquei falando da felicidade de meu casamento. Sinto muito.

Por um momento Maggie achou que Julianna percebera que ainda amava Nick. Precisava ter mais cuidado quando estivesse ao lado da moça.

— Não precisa desculpar-se. Não amo meu ex-marido. Essa parte de minha vida já está superada.

O garçom apareceu trazendo a água e o cardápio. Julianna ergueu sua taça.

— Vamos brindar ao presente e ao futuro. Ou como Nick disse na noite de meu casamento: "Que jamais esqueçamos o que vale a pena ser lembrado, ou lembremos do que vale a pena ser esquecido".

A mãe de Maggie contara-lhe em detalhes como fora o casamento de Lucas e Julianna, a história do romance deles, como a cidade se surpreendeu com a notícia de que Lucas finalmente iria se casar. Houve muitos comentários maldosos, e algumas pessoas não acreditavam que o relacionamento pudesse durar, até que quase toda a cidade foi convidada para a cerimônia religiosa. Maggie ouviu a descrição dos arranjos das flores, das roupas dos convidados, do bolo e de cada detalhe romântico da recepção com a qual Lucas surpreendeu Julianna. Após aquele dia, ninguém mais duvidou do amor dos dois. Amor verdadeiro que duraria para sempre, o sentimento que o tempo e as dificuldades apenas fortaleciam.

Maggie pensou no brinde que Julianna acabara de fazer. Conseguira realizar parte daquilo com Nick, lembrava-se de cada bom momento que tiveram. Entretanto, não conseguia esquecer da parte desagradável, mas um dia esqueceria. Jurara deixar o passado para trás, esquecer os sentimentos por Nick e tocar a vida para frente. Era exatamente isso o que planejava fazer, era o que precisava fazer.

— Ofereceremos uma festa no sábado à noite para comemorar a reinauguração de nosso rancho. Adoráramos que você fosse.

Sabendo que Nick estaria presente, Maggie pensou em recusar, mas decidiu o contrário, pois tinha que enfrentá-lo e esquecê-lo.

— Será um prazer. — Maggie ergueu sua taça. — Quero fazer um brinde aos velhos amigos e ao recomeço. — Sua vida estava recomeçando naquele exato instante. O passado não existia mais. Sorriu, tomou um gole de água e pediu: — Agora, sra. Blackhawk, fale-me mais de seu maravilhoso marido.

Dois dias mais tarde, a vida nova de Maggie começou a ruir, exatamente às dezoito horas e quarenta e cinco minutos, quando Nick telefonou avisando que dentro de uma hora passaria na casa dela para levá-la à festa. Ele desligou antes que ela pudesse recusar a oferta.

Maggie pensou em telefonar para Nick, mas decidiu que deveria lidar com ele com naturalidade. Três noites atrás, quase perdera o autocontrole, porém, não aconteceria novamente, estava determinada a não se abalar. Além disso, não era propriamente um encontro, ele apenas oferecera uma carona até a festa. Não significava que estavam juntos e o mais importante, não estariam sozinhos.

Colocou o vestido preto de seda e o colar de pérolas, pois veria pessoas que não encontrava havia anos e queria estar bonita. O fato de ter cuidado dos cabelos com atenção redobrada e ter se maquiado com esmero não tinha nada a ver com Nick, tentou convencer-se Maggie.

Quando a campainha tocou às sete horas e trinta minutos, o brinco de pérola caiu da mão dela dentro da pia. Maggie apressou-se para pegá-lo antes que caísse no ralo. Ouviu o cumprimento de sua mãe, de seu pai e do filho, sempre entusiasmado ao ver Nick.

— Maggie, querida — gritou sua mãe —, Nick chegou. Estou falando ao telefone na cozinha, mas passe por aqui antes de sair.

As mãos de Maggie estavam trêmulas ao colocar o brinco. Ela observou o próprio reflexo no espelho e afirmou para si mesma:

— Não sou mais a pequena Maggie Smith.

Depois de respirar fundo três vezes Maggie sentiu-se mais calma. Pretendia ter uma noite muito agradável.

Ela despediu-se do pai com um beijo no rosto e recebeu uma piscadela de aprovação. Drew usava o pijama e já estava pronto para dormir, sentado no chão da sala. Nick estava ao lado do menino, usando um blazer preto, camisa branca, calça e botas pretas, observando a demonstração das habilidades do robô. Ambos olhavam o brinquedo com grande atenção.

Maggie sentiu um aperto no coração. Como ele não percebia? Como todas as pessoas não enxergavam que Drew era filho de Nick Santos?

— A mira está no alvo — anunciou Drew, imitando a voz de robô. — Pronto, e fogo!

A seta do brinquedo acertou a testa de Maggie. Drew arregalou os olhos, assustado, esperando ser repreendido por atirar objetos pelo ar. Nick também arregalou os olhos, mas fitou-a com tanta intensidade que a fez desejar que a saia fosse um pouco mais comprida.

— Desculpe-me, mamãe. Puxa, você está linda!

Nick teria dito deslumbrante. Ele chegou a ficar sem fôlego. As pernas eram delgadas e bem-feitas. O vestido preto de seda colava-se ao corpo, revelando as curvas sensuais. Os cabelos estavam presos em um coque, e alguns fios caíam ao redor do rosto.

— Obrigada, Drew. Olá, Nick. — Fitou-o com os olhos verdes enquanto ele se levantava, e sorriu, sensual, com a segurança de uma mulher que sabia o efeito que causava nos homens.

Nick surpreendeu-se com aquela faceta de Maggie, e aprovou o jeito seguro, apesar de não saber se seu coração suportaria. Sentiu o perfume erótico e misterioso e notou o modo como ela andava pela sala.

— Desculpe-me — pediu Nick, pigarreando. — Vim buscar Maggie Smith. Poderia dizer a ela que estou aqui?

— Bobo essa é minha mãe — retrucou o menino. — Está diferente por causa das roupas.

Nick sorriu, sentindo um forte desejo de descobrir o que ela estaria usando embaixo das roupas. Devia ser um sutiã de renda preta.

— Puxa, é mesmo a sua mãe. Pensei que fosse outra pessoa.

— Quem?

Nick passou a mão pelo queixo e olhou-a, pensativo, antes de responder:

— Sra. Peterson, a senhora que cuida da biblioteca.

— A sra. Peterson joga baralho com minha avó. Ela usa óculos grandes e anda mancando — protestou a criança.

— Esqueci que ela mancava. Seria a sra. Wimpleman? Drew começou a gargalhar.

— A sra. Wimpleman é gorda e ri como uma galinha.

— Drew!

— E verdade — explicou inocentemente. — Cada vez que ela ri, vovó diz que procuram ovos embaixo da cadeira.

— Chega. — Maggie tentou permanecer séria, fazendo grande esforço para controlar o riso. Abaixou-se e beijou o rosto do filho, e limpou a marca de batom com os dedos. — Precisa ir para a cama. Vovô lhe contará uma história.

— O dragão mágico! — gritou, e saiu correndo. Maggie pegou o casaco e suspirou.

— Leram essa mesma história nas últimas quatro noites.

— Ouvi dizer que as crianças gostam de saber o que acontecerá em seguida. — Ajudou-a a vestir o casaco e sussurrou em seu ouvido: — Prefiro um pouco de mistério.

Maggie afastou-se, mas ele ainda teve tempo de sentir o perfume de sua pele, e perceber que estava trêmula.

Maggie despediu-se da mãe e assim que chegaram à varanda, tocou o braço de Nick.

— Obrigada por me oferecer a carona, mas quero que compreenda que isso não é um encontro. Quero dizer, não estamos juntos esta noite.

Talvez eu consiga convencê-la do contrário, pensou Nick, sorrindo.

— Você tem outros planos?

— Não foi o que quis dizer.

— O que quis dizer?

— Só disse que não estamos juntos.

— Oh! Quer dizer que... — Passou os dedos pelo colarinho do casaco dela. — Que está livre?

— Algo parecido. Pare com isso — pediu com a voz trêmula.

— Parar com o quê?

— Pare de me tocar assim.

— Como quer que a toque? — murmurou, aproximando-se. Maggie quase cedeu aos encantos dele. Controlando-se, afastou a mão de Nick.

—Estou falando sério, Santos. Iremos à festa só como amigos. Lembre-se disso. — Virou-se e caminhou até a caminhonete.

"Podemos ir à festa como amigos, mas o que importa é como voltaremos", pensou Nick.

Segurando uma garrafa de cerveja, Nick apoiou-se no balcão da varanda enfeitada com luzes, e observou o movimento dos convidados no jardim da casa de Julianna e Lucas. Metade da cidade de Wolf River estava presente, além de alguns comerciantes de cavalos, treinadores de animais e fazendeiros. Estava programada para mais tarde uma exibição dos animais de Lucas, e a julgar pela expectativa dos compradores, a competição seria acirrada.

Sentia-se o cheiro do churrasco no ar. As mesas estavam repletas de comida, a pista de dança lotada, e muitos convidados vestiam roupas de vaqueiro, com chapéus e botas.

Lucas saiu de dentro da casa e viu o amigo na varanda.

— Santos, está se escondendo?

— Creio que não consegui. — Tomou um gole de cerveja e provocou o amigo: — Sua gravata é bem interessante!

— Julianna disse que gosta. Quer fazer algum comentário? Nick sorriu. Uma discussão com Lucas seria perfeita para aliviar a tensão causada pela moça ruiva.

— Adoraria, mas antes vou comer muito e beber toda a sua cerveja. Depois disso não terei mais motivos para ficar, a menos que vá dançar com sua adorada esposa só para deixá-lo com ciúme.

— Tenho dois guarda-costas para expulsá-lo daqui se chegar muito perto dela. — Lucas pegou uma garrafa de cerveja que o garçom servia e debruçou-se sobre o balcão da varanda. — Achei que tivesse vindo com Maggie.

— Não estamos juntos. — Tomou outro gole. Onde ela estaria? Julianna chamara-a no instante em que chegaram e desde então não a vira mais.

— Nossa! Você realmente está gostando dela.

— Não imagine coisas, somos só amigos. Lucas riu.

— Nick Santos, amigo de uma bela mulher? Preciso ver isso.

— Não me force a embarcá-lo na frente de seus amigos, Blackhawk. — Olhou para os convidados e franziu a testa ao ver um homem loiro acompanhado de uma moça. — O que Gerckee está fazendo aqui?

— Roger? — Lucas olhou na direção do antigo inimigo de escola. — Deve ter vindo com Jennifer Hart, a nova gerente que contratei para o hotel. Ela ainda não sabe que Roger é um patife.

— Pensei que tivesse vendido o hotel.

— Ainda estou considerando as propostas, como dizem no ramo dos negócios. Investi todo meu dinheiro aqui. Assim que vender o hotel, poderei me dedicar só ao rancho.

— Será pai em tempo integral — afirmou Julianna, abraçando o marido e beijando-o. — A sra. Peterson disse que prometeu dançar com ela e está lhe procurando.

Lucas olhou para a pista de dança e viu a senhora.

— Podíamos fugir agora querida, ninguém sentiria nossa falta.

— Ninguém, a não ser a sra. Peterson. Ah, aí vem ela. Lucas virou-se para Nick, implorando:

— Salve-me.

— Nem pense nisso. Amizade não vai tão longe. Lucas sorriu e bateu nas costas do amigo, provocando-o:

— No seu caso, isso é realmente verdade. — Afastou-se, gargalhando, deixando Nick irritado, e Julianna, curiosa.

Nick entendeu que Lucas não se referia à amizade deles. Estava se referindo à Maggie e ao fato de ele ter dito que eram só amigos. Onde estaria aquela mulher?

Julianna estava de braços dados com Nick, levando-o até a mesa, quando ele finalmente achou Maggie. Estava sentada, sozinha, em uma das mesas. Feliz, Nick fez seu prato rapidamente e quando se dirigia para a mesa dela, MaryAnne Johnson e Stephanie Roberts aproximaram-se.

— Nick, querido, onde estava? — perguntou Stephanie, segurando uma taça de vinho. — MaryAnne e eu estávamos procurando por você.

— Por que eu me esconderia de duas mulheres bonitas? — respondeu casualmente, olhando sobre o ombro dela, vendo Brett Rivers sentar-se ao lado de Maggie. Ele era divorciado e procurava por uma namorada.

MaryAnne e Stephanie também estavam sempre em busca de homens, mesmo quando eram casadas. Sentiu-se desonesto por atirar as duas vampiras em cima de um homem honesto com Brett, mas no amor tudo era justo.

— Por que não nos sentamos naquela mesa?

MaryAnne e Stephanie seguiram-no como cachorros famintos, e antes de chegarem à mesa, Nick viu Kirk Jensen sentar-se à esquerda de Maggie. Droga. Kirk era um grande conquistador. Bem, ainda não era problema. Estavam em três homens e três mulheres. Nick só precisava deixar o homem certo com a mulher certa. MaryAnne ficaria com Kirk, decidiu. Stephanie com Brett. E claro, Maggie seria dele. Fácil.

Maggie ergueu o rosto quando Nick se aproximou com a loira de um lado e a morena do outro e puxou uma cadeira. Ela chateou-se, e ele sorriu.

— Olá, Brett, Kirk, como estão? Maggie veja quem encontrei. Você estudou com MaryAnne e Stephanie, não foi? Por que não trocamos de lugar para que vocês três possam conversar, enquanto nós homens jogamos conversa fora?

Maggie sorriu, mas o olhar que lhe lançou poderia tê-lo matado.

— Mais tarde, Nick. Brett, Kirk e eu estamos discutindo sobre o impacto do crescimento da cidade. Tenho certeza de que MaryAnne e Stephanie ficarão felizes em...
— Ergueu a sobrancelha e acrescentou: — jogar conversa fora com você.

Irritada, Maggie concluiu que pelo modo como as duas olhavam para Nick, ficariam felizes em fazer qualquer coisa com ele. O vestido de MaryAnne estava justo demais, e o de Stephanie era muito decotado.

Maggie forçou-se a prestar atenção ao que Kirk dizia, mas era difícil concentrar-se quando MaryAnne batia as unhas compridas sobre a mesa. Ela estava tendo uma noite relativamente tranqüila até Nick aparecer com as duas mulheres. Era horrível pensar que ele se sentisse atraído por mulheres daquele tipo, vê-lo sentado ao lado delas era ainda pior, e ouvi-los conversando era insuportável. Se Stephanie dissesse mais uma vez: "Nick, querido...", Maggie iria gritar.

— podemos fazer um passeio até o lago um dia desses e lhe mostrarei... — dizia Kirk.

Maggie procurou se concentrar. Será que ele tinha lhe feito um convite?

— Por que não vamos todos? — sugeriu Stephanie com a voz esganiçada. — Podemos ir junto, Kirk?

Maggie não sabia se deveria sentir-se aliviada ou aborrecida, mas quando Nick sorriu, franziu a testa, o que o fez aumentar o sorriso.

— Oh, Nick, querido. — A loira segurou o braço dele. — Não seria divertido?

Maggie levantou-se e sorriu para Brett e Kirk.

— Desculpem-me, prometi dançar essa música com o sr. Winters.

Maggie dirigiu-se para a pista de dança, misturou-se com os convidados, saiu do outro lado e subiu os degraus de madeira, caminhando entre as árvores. Luzes suaves iluminavam o caminho que levava ao mirante com vista para o vale.

Ali estava silencioso, exceto pelo barulho distante dos sapos no riacho que passava abaixo. Ela se debruçou no corrimão e respirou fundo, procurando acalmar-se.

A quem estava tentando enganar? Enganava apenas a si mesma, acreditando que poderia conviver com Nick e manter indiferença. Sempre que ele estava por perto, Maggie ficava atordoada.

Ela ouviu o barulho de passos na escada, e o coração disparou. Endireitou o corpo, virou-se e ficou profundamente desapontada.

CAPÍTULO VII

Roger Gerckee.

Maggie olhou para o homem que a infernizou durante toda a infância. Ele se recostou casualmente na coluna do mirante, segurando um copo de uísque em uma mão e o cigarro na outra. Ela se controlou para não rir diante da ridícula tentativa de fazer charme.

Algumas mulheres achavam-no bonito com os cabelos loiros e olhos azuis.

— Olá, Roger — cumprimentou-o, resignada. Afastou-se do parapeito do mirante, pretendendo passar por ele e ir embora, mas Roger bloqueou a saída.

— É você mesma? — indagou com a voz alterada pelo efeito do álcool. — Quando perguntei a George Moody quem era a bela mulher, e ele respondeu que era Maggie Smith eu não acreditei.

— E já se convenceu?

— Achei melhor vir verificar. — Olhou para os seios dela e depois voltou a olhar para o rosto, sorrindo. — E agora estamos aqui, só nós dois.

Maggie contraiu os lábios, aborrecida.

— Você não estava com uma moça? — perguntou, ansiosa para que a acompanhante dele aparecesse a qualquer momento.

— Nada me impede de poder cumprimentar uma velha amiga, não é? Podíamos ficar aqui alguns minutos e... conversar.

Algumas pessoas não mudam jamais, e Roger Gerckee continuava tão patético como adulto quanto fora na infância.

Ele atirou o cigarro displicentemente sobre o parapeito do mirante, e Maggie, se não tivesse visto que caiu no riacho, teria forçado-o a ir até lá para pegá-lo. De qualquer forma, teve vontade de esmurrá-lo. Não apenas por ter atirado o cigarro, mas pelo dia em que lhe roubou o sanduíche. Maggie era faixa preta em judô e seria fácil acertá-lo e derrubá-lo, entretanto achou que lhe deveria perdoar pelo passado.

— Foi bom revê-lo, Roger — mentiu —, mas preciso ir. Prometi dançar com Ralph Winters.

Ela tentou passar por ele, mas Roger não se moveu e agarrou-a pelo braço, afirmando:

— Ralph pode esperar. Vamos dançar.

— Não.

Ele continuou a segurá-la, apesar dos esforços de Maggie para se libertar. Ela decidiu dar apenas um pequeno golpe, não pretendia quebrar-lhe nenhum osso. Preparou-se para atingi-lo, entretanto, achou melhor dar-lhe mais uma chance.

— Solte-me agora mesmo, Roger.

— Você ouviu a moça, Gerckee. — Nick saiu das sombras e subiu a escada do mirante olhando para Roger, enfurecido. — Solte-a. Agora.

— Olá, Nick. — Afastou a mão do braço dela. — Qual é problema? Maggie e eu estávamos apenas conversando.

— Sua acompanhante está procurando por você, acho que quer se despedir. Ela estava vestindo o casaco, mas se você se apressar, ainda poderá alcançá-la.

Roger endireitou o corpo. Não planejava que sua acompanhante partisse antes dele.

— Oh, sim, está bem. Acho melhor ir atrás dela. Vejo-os depois.

— Não se eu o vir primeiro — murmurou Maggie depois que Roger saiu. Olhou para Nick, que ainda estava observando Roger. Ela não sabia se sentia alívio por Nick ter aparecido ou se ficava desapontada. Derrubar Roger teria lhe proporcionado um grande prazer.

Entretanto, o fato de Nick ter vindo resgatá-la, também causava-lhe prazer, embora de outro tipo.

— Suponho que agora eu deva piscar os olhos e gritar: meu herói! — brincou Maggie.

Nick virou-se e era evidente que não estava de bom humor.

— Devia ter atirado aquele sujeito por cima do mirante.

— Seria engraçado. Ainda me lembro de um incidente com Roger e uma lata de lixo quando eu tinha treze anos.

— Uma de minhas melhores recordações — afirmou Nick, recostando-se no parapeito do mirante ao lado de Maggie.

— Concordo. Lembra por que o atirou na lata de lixo?

— Conhecendo Roger, creio que poderia citar centenas de motivos.

— Foi para me defender.

— Verdade?

— Sim. Nós estávamos na lanchonete. Roger estava debochando de mim, e então roubou meu sanduíche e jogou-o fora. Foi então que você o atirou na lata de lixo.

Nick franziu a testa, recordando:

— Queria matá-lo, mas Lucas e Ian me seguraram. — Tocou o rosto de Maggie, carinhosamente e acrescentou: — Então, aquela era você!

Maggie concordou, movendo a cabeça, sentindo o toque delicioso da mão dele.

— Lembro-me de cada detalhe, até mesmo da roupa que você usava. Camiseta branca, calça jeans velha e uma jaqueta de couro. Seu olhar era assustador e, ao mesmo tempo, muito excitante.

Maggie percebeu que Nick fitava-a de modo semelhante e que ela sentia o mesmo que sentira havia quinze anos. Medo e excitação. Bastava um simples toque dele para que Maggie se sentisse viva, desejando coisas que jamais poderia ter. Suspirando, encostou o corpo ao dele e fitou-o.

— Ninguém jamais tinha sido um herói para a tímida Maggie Smith. Enquanto as outras crianças riam, eu me senti como a princesa que foi resgatada pelo cavaleiro negro. — Sorriu. — Você era meu herói, Nick Santos.

Os olhos dele ficaram escuros como as sombras das árvores ao redor e fitaram-na com tanta intensidade que Maggie estremeceu.

— É essa a ligação que existe entre nós, Maggie? É por isso que tenho a sensação de que existe algo entre nós, algo que eu deveria me lembrar, mas que não consigo atinar?

Maggie ficou tensa naquele mesmo instante, percebendo que falara demais. Fora tolice permitir tamanha proximidade emocional e física. Havia uma ligação muito forte, mas ela não poderia deixar que ele descobrisse. Maggie endireitou o corpo e afastou-se do parapeito onde estivera encostada.

— Não temos ligação alguma, Nick, apenas crescemos na mesma cidade e freqüentamos as mesmas escolas. Fiquei impressionada com você na infância, como metade das meninas de minha idade, só isso.

De repente, Maggie sentiu-se cansada, apesar de ainda ser cedo. Precisava convencê-lo de que jamais poderiam ter um relacionamento, nem seriam amantes.

— A antiga Maggie não existe mais — afirmou. — Está crescida agora. Vive no mundo real, onde pessoas constroem seus relacionamentos com muito trabalho e compromisso, não com sonhos infantis ou encontros de uma noite.

Nick apertou os lábios e fitou-a em silêncio durante alguns momentos. Depois afirmou, decidido:

— Preciso levá-la para casa agora, Maggie.

"E lógico que quer me levar para casa", pensou Maggie. Depois de esclarecer que não iria para a cama com ele, Nick desejava livrar-se dela o quanto antes. Por que não agiria assim? Havia muitas mulheres ansiosas por conquistá-lo. Ainda não era tarde, e ele poderia encontrar alguém disposta a dormir com ele. Maggie tentou convencer-se de que assim era melhor, mas não conseguiu conter a dor que sentia.

— Pode ir embora, Nick. Encontrarei alguém que me leve para casa.

— Eu a trouxe. — Segurou-a pelo braço e conduziu-a de volta à festa. — Vou levá-la para casa.

— Mas...

— Não discuta comigo, Maggie. Pegue seu casaco.

Os dois esbarraram em vários convidados enquanto Nick a conduzia até a saída.

— Não me despedi de Lucas e Julianna — protestou Maggie, com dificuldade em acompanhar os passos largos dele.

— Telefonarei para eles amanhã. — Estavam dentro da casa, e Nick quase a empurrou em direção ao quarto onde estavam os casacos. — Estarei esperando por você na caminhonete.

Maggie abriu a boca para argumentar, mas Nick já tinha se virado e saído.

Ela achou-o muito convencido e pretendia dizer isso a ele. Que direito tinha de ficar tão irritado por ela ter se recusado a ir para a cama com ele? Que arrogante! Maggie encontrou seu casaco e vestiu-o.

Maggie estava pronta para sair quando Roger entrou no quarto e fechou a porta atrás de si.

— Olá, Maggie. Vi que Nick acabou de partir. Achei que poderíamos terminar nossa discussão.

— Não estávamos discutindo. Agora, se me der licença, gostaria de sair daqui.

— Temos muito a conversar, faz muito tempo que não nos vemos.

— Não o tempo suficiente, Gerckee.

Se ele não houvesse segurado o braço dela quando Maggie tentou passar, e se ela não estivesse tão agitada, talvez tivesse pensado um instante antes de reagir. Entretanto, Roger agarrou-a pelo braço, e ela, então, com um simples movimento, atirou-o ao chão.

Ele ficou com os olhos arregalados, imóvel. Maggie ajoelhou-se ao lado dele e suspirou.

— Jamais me toque novamente, entendeu?

Roger balançou a cabeça, concordando em um gesto mudo.

— Boa noite, Roger. — Endireitou o casaco colocou a bolsa no ombro e saiu do quarto. Nick estava com o motor da caminhonete ligado, em pé ao lado da porta do motorista, demonstrando grande impaciência.

— Por que demorou tanto?

— Precisei cuidar de uma pessoa — respondeu, estremecendo ao sentir as mãos dele em sua cintura para ajudá-la a subir.

Ele bateu a porta e foi para trás do volante, partindo em alta velocidade, fazendo barulho com os pneus.

Havia grande tensão no ambiente. Ele estava de mau humor e não queria conversar, e Maggie decidiu esperar até chegar em casa para dizer-lhe algumas verdades.

Entretanto, ao invés de virar à esquerda na rua Woodrow, ele virou para a direita.

— Você errou o caminho.

— Não errei.

— O que quer dizer? Sabe muito bem que deveria ter virado à esquerda para chegar à casa de meus pais.

Nick estacionou bruscamente em frente a sua loja.

— É claro que sei.

— Você disse que iria me levar para casa, Nick.

— Vou levá-la para casa. — Saiu da caminhonete, contornou o veículo e abriu a porta do lado dela. — Minha casa.

Maggie abriu a boca para contestar, mas quando ele a carregou em seus braços, ela esqueceu o que queria dizer. Ele a levou até a entrada da loja, destrancou a porta e abriu-a com um chute. Quando já estavam dentro da casa, Maggie finalmente conseguiu falar:

— Nick Santos, ponha-me no chão agora mesmo.

— De jeito nenhum.

Uma lâmpada iluminava a mesa de trabalho. Ele carregou-a pela loja e levou-a até seu quarto, acendeu as luzes e sentou-a em uma poltrona ao lado da pequena estante de livros. Quando Maggie fez menção de levantar-se, Nick apontou-lhe o dedo e ordenou:

— Sente-se. Vai me ouvir, Margaret Smith Hamilton, e ouvirá com atenção, porque o que vou lhe dizer jamais disse a outra mulher e não pretendo repetir.

A curiosidade dela foi maior do que a raiva. Cruzou os braços, recostou-se na cadeira e fitou-o.

— Jamais senti vontade de me explicar para ninguém — afirmou, irritado, andando de um lado para o outro. — O que faço ou fiz não é problema de ninguém. Só meu.

— Nick...

Ele parou de andar e apontou-lhe o dedo indicador. Maggie calou-se no mesmo instante.

— Gosto de mulheres. — Parou na entrada da pequena cozinha e virou-se, com as mãos no quadril. — Não vou me desculpar por isso.

— Não estou pedindo...

— Cale-se e escute. Gosto de mulheres saí com muitas delas, mas isso não significa que tenha ido para a cama com todas. Apesar do que você pensa sobre mim, dormi com poucas, e nenhuma delas foi um caso de apenas uma noite, como você gosta de me acusar. Cada mulher que dormiu comigo significava algo para mim. Eu me importava com elas. — Fitou-a com o rosto rígido, os olhos apertados e duros. — Eu me importo com você, Maggie. Desde o primeiro instante em que a vi no supermercado, não posso negar que sinto atração física e que desejo levá-la para cama. Ao menos sou sincero, o que é muito mais do que você está sendo comigo.

— O que quer dizer? — perguntou, apreensiva.

— Sabe muito bem o que quero dizer. Também está atraída por mim e não quer ser apenas minha amiga. Nós dois queremos muito mais do que isso, mas você não tem coragem de admitir. — Passou as mãos pelos cabelos, frustrado. — Quem a magoou tanto que a deixou com medo de viver e sentir? Foi seu ex-marido?

Mesmo que ela pudesse dizer a verdade, Nick jamais acreditaria e apenas a odiaria. Ela fechou os olhos para conter as lágrimas.

— Aconteceu há muito tempo, Nick, antes de me casar.

Eu era muito jovem... deixei me levar por um momento... mas não foi... foi apenas...

Maggie não conseguia encontrar as palavras. Não poderia descrever a noite mais maravilhosa de sua vida como uma experiência barata e vulgar. Sentiu as mãos de Nick em seu braço e abriu os olhos, lamentando a lágrima que não conseguira ocultar.

— Por Deus, Maggie. — Ajoelhou-se a sua frente e segurou-lhe as mãos, gentilmente. — Era isso o que estava tentando me dizer? Teve um caso de uma única noite?

Ela concordou com um movimento da cabeça. Nick tirou-a da cadeira e abraçou-a.

— Não pode se recriminar por uma coisa assim. Acontece.

— Não comigo. Não com a boa Margaret Smith. Nunca tinha feito nada parecido antes, foi a primeira vez. — Olhou para as mãos. — Isso não foi tudo. Eu estava tão desprevenida... aconteceu tão de repente... que eu...

— Você o quê?

— Fiquei grávida.

— Drew?

— Sim.

Nick respirou fundo e abraçou-a com força, beijando-lhe a testa.

— E o homem com quem dormiu? O pai de Drew?

— Ele... não estava por perto.

— Bastardo.

— Não — apressou-se a explicar. — Por favor, não faça mais perguntas, apenas acredite-me, não foi como está pensando.

Por mais delicada que fosse aquela conversa, Maggie sabia que poderia contar a Nick uma parte da história e mesmo assim ele jamais suspeitaria da verdade. Ela precisava contar a ele e fazê-lo compreender, ao menos em parte, o motivo de ela se comportar daquela maneira. Sabia que se arrependeria na manhã seguinte, mas naquele momento, não havia nem passado nem futuro. Apenas o presente.

Maggie sentia-se segura nos braços dele, como se finalmente houvesse voltado para casa. A tensão que a perturbava, enquanto sentia medo e raiva, transformou-se em algo totalmente diferente. O calor do corpo dele a invadiu, fazendo-a acalmar-se intimamente. O perfume másculo e sedutor causava-lhe um desejo impossível de ignorar e, na verdade, Maggie não queria mais negar aquele sentimento.

Nada melhor para controlar o fogo do que deixá-lo queimar.

Ela virou-se para Nick, segurou-lhe o rosto entre as mãos, contornou-lhe os lábios com os dedos. Nick ficou tenso, os olhos mais escuros.

— Você queria ouvir a verdade — murmurou. — Essa é a verdade. Quero fazer amor com você, Nick. Quero sentir seus lábios colados aos meus, e suas mãos em minha pele. — Agarrou-lhe a camisa, puxou-a para fora da calça e colocou as mãos no peito dele. — E acima de tudo... — sussurrou, roçando os lábios levemente nos dele — ...acima de tudo, quero senti-lo dentro de mim.

CAPÍTULO VIII

Por um instante, Nick pensou que tinha ouvido errado, e que simplesmente imaginara-a pedindo para que fizessem amor. Ele não queria falar nem se mover, pois se o fizesse, temia que Maggie desaparecesse, e ele acordasse de um lindo sonho. E que sonho! A mulher que estava em seus braços possuía belas curvas, pele macia, e um perfume feminino e muito sensual. As mãos dela acariciavam-lhe o rosto, e os olhos verdes brilhavam ao aproximar o rosto do dele.

— Beije-me, Nick. Por favor — pediu com a voz rouca. Ele não precisou de um segundo pedido. Com um gemido, cobriu os lábios dela com os seus, faminto. Ela o abraçou e os seios roçaram o peito de Nick, fazendo-o gemer outra vez. Beijaram-se com a paixão de uma vida inteira de desejo reprimido.

— Maggie... — murmurou, beijando-a no pescoço. — Você faz idéia de quanto a desejo? Faz idéia de como estou louco por você?

A resposta foi um suspiro sensual. Inclinou a cabeça para trás, oferecendo-lhe o pescoço para as carícias. Nick explorou a região com beijos delicados, passando do pescoço para o colo e depois para os seios, deixando-a com a respiração acelerada.

Cada instinto primitivo de Nick dizia-lhe para possuí-la imediatamente, entretanto, ele queria muito mais de Maggie, mais do que desejara em qualquer mulher. Tinha a sensação de finalmente ter encontrado seu porto seguro, e segurá-la nos braços e amá-la era-lhe algo tão natural quanto respirar.

Maggie girou o corpo e encostou-se em Nick. Ele gemeu de novo ao ver o desejo estampado no rosto dela. Carregou-a para a cadeira, retirou a própria camisa e fitando-a, começou a desabotoar os botões do vestido de Maggie, um por um. A pele revelou-se pálida em contraste com o sutiã preto de rendas.

— Sabe o quanto é bonita? — indagou, segurando-a pela cintura. A pele estava quente e sedosa. Afagou-lhe o ventre e passou as mãos sobre os seios, fazendo-a estremecer. — Sabe, Maggie Smith?

Maggie tentou responder, mas não conseguiu dizer nada. Sentia um calor insuportável pelo corpo causado pelo desejo que ansiava por ser satisfeito. Fechando os olhos, apoiou a cabeça na cadeira, sentindo a massagem dos dedos dele ao redor dos seios.

Nick inclinou-se e beijou-lhe um mamilo. Maggie gemeu e deliciou-se com as ondas de prazer que explodiam sem controle, entregando-se a ele como fizera anos atrás.

Finalmente ele retirou o sutiã de Maggie, expondo os seios firmes, com mamilos rígidos. Lambeu-a e beijou-a, causando um prazer tão intenso que chegava quase a doer. Maggie passou as mãos pelos cabelos dele e puxou-o para perto.

— Nick, por favor... Preciso de você.

— Preciso de você também, princesa. — Segurou-lhe o quadril com as mãos. — Desejei esse momento durante muito tempo, você é minha, Maggie. Temos a noite toda, e não pretendo perder nem um precioso minuto, mas não vamos nos apressar.

As palavras dele foram perturbadoras e excitantes ao mesmo tempo. Maggie achou que não suportaria a deliciosa tortura de beijos e carícias. Enquanto a boca macia e a língua quente faziam maravilhas em sua pele, Nick levou uma mão até o interior das coxas dela, deslizou pelas pernas até os pés e retirou-lhe os sapatos. Depois voltou pelo mesmo caminho e soltou as meias de seda da cinta-liga.

As pernas dela eram longas e macias, feitas para as mãos de um homem, pensou Nick. Suas mãos. Ele precisou lutar muito para manter o desejo sob controle enquanto beijava-lhe as coxas e retirava-lhe a calcinha.

Gemendo, Maggie agarrou-o e puxou-o para perto, beijando-o nos lábios. Os corpos se aproximaram mais, e juntos encontraram o mesmo ritmo sensual. Ela passava as mãos pelas costas musculosas e pelo peito cabeludo. Ele sabia que estava cada vez mais difícil manter o autocontrole, principalmente quando Maggie levou as mãos até os botões da calça dele, ajudando-o a retirá-la.

Nick estava com a respiração ofegante. Afastou-se dela, carregou-a no colo e levou-a para a cama. Maggie enlaçou-lhe o pescoço e beijou-o. Os dois deitaram-se na cama, e rolaram entre braços e pernas, lutando para retirar o restante das roupas enquanto se beijavam e trocavam carícias. Mesmo quando Nick procurou pela precaução necessária na mesa-de-cabeceira, manteve os olhos fixos nela. Maggie estava corada, e os olhos demonstravam o desejo intenso.

Desejo por ele, compreendeu Nick, puxando-a mais para si.

— Nick.

Maggie ofereceu-se, e o som de seu nome nos lábios dela aumentaram ainda mais sua excitação, se é que era possível. Nick perdeu de vez o controle e posicionou-se entre as pernas dela, fitando-a enquanto a penetrava. Ela ergueu o corpo para recebê-lo, fazendo-o gemer com a mistura de prazer, dor e surpresa. Ele tinha necessidade de senti-la ainda mais, e com maior intimidade, mas com grande esforço, começou a separar seus corpos novamente. Queria que aquele momento durasse para sempre.

Nick abraçou-a, aproximou o rosto e beijou-a suavemente. Maggie enlaçou-lhe o pescoço e puxou-o mais para perto, beijando-o com tamanho desespero que o deixou sem fôlego. Havia algo familiar naquela mulher, mas, naquele momento, ele não podia raciocinar.

Ele começou a se mover, a princípio lentamente, e então, penetrou-a com firmeza, fazendo-a estremecer e gemer. Quando ela murmurou seu nome, Nick não se conteve mais. O fogo da paixão os consumiu, e ambos atingiram o prazer que tanto buscavam.

Maggie não podia se mexer nem conseguia pensar. Teve a nítida sensação de estar flutuando, e finalmente encontrou a paz após cinco anos.

Nick beijou-a e depois a deitou em seu ombro. Maggie adorou os músculos rígidos e as batidas aceleradas do coração, amava aquele homem. Como tinha sido tola em acreditar que poderia resistir a ele, e negar seus sentimentos, tanto emocionais quanto físicos. Nenhum homem jamais a fizera sentir-se daquele modo, e nenhum outro jamais poderia fazê-lo. Sentia-se completamente viva.

Maggie sabia que se arrependeria daquela noite, entretanto, não podia arrepender-se de amá-lo, assim como não se arrependia de ter tido Drew. O menino sempre seria uma parte de Nick.

— Você está bem? — indagou Nick, beijando-lhe a testa. Maggie apenas emitiu um som como um gato.

— Vou aceitar isso como um "sim".

Incapaz de se controlar, Maggie passou a mão pelo peito musculoso de Nick, e depois deslizou até as coxas fortes. Ele respirou fundo e retribuiu a carícia.

Maggie passou os dedos sobre uma cicatriz acima do joelho esquerdo. Havia outras pequenas cicatrizes, e ela o fitou, interrogativamente.

— Ganhei esses sinais no dia em que descobri que não podia voar — afirmou casualmente, enquanto seus olhos tornaram-se sombrios ao olhar a própria perna.

— O acidente no Colorado?

Nick concordou com um movimento da cabeça e abraçou-a com mais força.

— Dizem que cicatrizes são atraentes. O que acha?

Se ele pudesse ser mais atraente, precisaria ser registrado como uma arma letal. Maggie contornou uma cicatriz no ombro.

— Essa parece mais antiga. — Tocá-lo de maneira tão íntima deixava-a excitada novamente.

— Essa eu devo a Ian. — Desfrutando da deliciosa sensação de sentir a mão dela explorando seu corpo, Nick fechou os olhos e suspirou.

— Ian?

— Tínhamos quinze anos, e estávamos andando em minha primeira motocicleta. Ele jogou o corpo para o lado errado quando fazíamos uma curva e caímos. Uma das rodas se partiu e acabou acertando meu ombro. Foi a única vez que bati nele, e ele não reagiu.

— Bateu nele?

— Claro. Ele causou o acidente e esperava que batesse nele. Era uma questão de honra. — Sorriu e ergueu a sobrancelha. — Na próxima vez que o vir, lembrarei de agradecer.

— Não faria isso. — Tentou se levantar mas foi agarrada e colocada sobre o corpo dele.

— Estava brincando. — Ao notar o medo no rosto de Maggie, ficou desconfiado. — Não é apaixonada por Ian, não é? Teria que acabar com ele se isso fosse verdade.

— Não, Nick, não sou apaixonada por Ian, e você não precisará bater nele. Além disso, quando teria a oportunidade? Você disse que é difícil encontrá-lo.

— Algumas vezes sim, outras, não — respondeu do mesmo modo enigmático que sempre usava quando falava no amigo. Quando passou a mão pela nuca de Maggie, ela estremeceu.

— Está tentando me distrair? — Fechou os olhos quando a outra mão dele afagou seu seio.

— Talvez não queira que fale sobre outro homem neste momento. — Descobriu um ponto mais sensível no pescoço dela, e usando a boca e a língua, tratou de explorá-lo.

— Então está bem. — Gemeu de prazer. — Vamos falar de você.

— Meu assunto predileto — murmurou, ainda beijando-lhe o pescoço.

Maggie riu e suspirou ao sentir as mãos dele em suas costas.

— Conte-me por que saiu de Wolf River e demorou tanto para voltar.

Nick deitou-se no travesseiro e olhou para cima.

— Muitas corridas e pouco tempo. Fiquei viciado na adrenalina que as pistas me davam, eu era um piloto muito bom.

— Era o melhor. — Maggie o desejava outra vez e esfregou-se sobre ele delicadamente, demonstrando sua excitação. — Entretanto, doze anos é muito tempo — afirmou, forçando-se a se concentrar. — Não veio até aqui nem uma vez sequer.

— Não havia nada para mim aqui. Lucas e Ian tinham partido, meu padrasto bebera até morrer, e eu estava concentrado demais em minha carreira para olhar para trás. Correr era a única coisa que realmente sabia fazer, a única coisa que sempre desejei.

— E agora? O que quer agora, Nick?

Após um longo momento, Nick fitou-a. Ela estremeceu com a intensidade daquele olhar, e gostaria de não ter feito a pergunta. De repente, Nick deitou-a de costas, ergueu-lhe os braços sobre a cabeça.

— Eu a quero, Maggie. Eu a quero.

— Nick-, preciso ir embora — murmurou com a voz fraca.

— Nem pensar. — Balançou a cabeça, devagar. — Como já lhe disse, querida, é minha por essa noite, e não deixarei que vá.

Nick beijou-a e foi retribuído com a mesma paixão. Ela tremeu com o toque dele, com as palavras, e sentiu o sangue correr apressado em suas veias. Apenas uma noite, tentou convencer-se Maggie, relaxando e entregando-se ao prazer que ele lhe proporcionava. Só uma noite maravilhosa.

Nick beijou-lhe os seios, e Maggie ofereceu-se por completo, ansiando por senti-lo novamente dentro de seu corpo. O beijo tornou-se uma carícia desesperada, enquanto a respiração ficava cada vez mais ofegante. Nick posicionou-se entre as pernas dela e passou as mãos entre suas coxas, fazendo-a gemer.

— Ainda quer ir embora? — perguntou com a voz rouca.

— Isso não é justo, Nick Santos. — Agarrou-o e puxou-o para si.

— Tudo é justo — murmurou Nick, finalmente unindo seus corpos.

"Tudo é justo, no amor e na guerra", pensou ela, sem saber com qual das duas situações estava lidando. No entanto, quando sentiu Nick penetrando seu corpo, não pôde mais raciocinar. Só podia sentir. Abraçou-o e, com as pernas, segurou-o pelo quadril. Deliciou-se com a sensação dos corpos nus se tocando, os pêlos do peito musculoso roçando seus seios, os lábios grudados. O prazer explodiu em ondas por seus corpos até ficarem exaustos.

Nick deitou-se ao lado dela e abraçou-a carinhosamente. Suspirando, Maggie lembrou das palavras que ele dissera antes: "Eu me importo com você." Seria verdade?

Mesmo que ele sentisse algo por ela, jamais poderiam ter um relacionamento. Mesmo que ela quisesse lhe contar toda a verdade, como poderia? Ele a odiaria, e talvez até odiasse Drew, por ser parte de uma grande mentira. Não havia futuro para eles, pois não poderia conviver com uma mentira que destruiria qualquer chance de felicidade.

Maggie achava que só poderia ter aquela noite ao lado de Nick. Aquela maravilhosa noite, e a noite que haviam passado juntos cinco anos atrás. Teria que se contentar com isso. A realidade já causava dor em seu coração, e Maggie fechou os olhos para conter as lágrimas. Sabia que se arrependeria daquela noite tanto quanto sentiria saudade.

A uma hora da manhã, Nick parou a caminhonete em frente à casa dos pais de Maggie. Todas as luzes da casa estavam apagadas, exceto as da varanda.

Maggie permaneceu calada a maior parte do tempo, e Nick percebeu que estava se afastado dele, só não compreendia o motivo. Havia muitas coisas que não compreendia nela.

— Bem, preciso entrar. Não quero que meus pais...

— Fique comigo só mais um minuto. — Abraçou-a e puxou-a para perto.

Nick podia sentir a tensão no corpo dela. Ficaram juntos, em silêncio. Ele nunca tinha sentido tamanha paz. Olhou para o jardim ao redor da casa dela. Sempre invejara famílias felizes. Os pais levando filhos para passear, as mães fazendo festas de aniversário. Nick reconhecia que aquilo era um privilégio que não pudera ter.

Apenas Lucas e Ian entendiam esse sentimento de perda, apesar de jamais terem feito algum comentário. Os amigos haviam passado toda a juventude tentando parecer durões, e provar a todos que não se importavam. Nick ainda estava tentando provar aquilo, não apenas para as outras pessoas, mas para si mesmo.

Lucas encontrara Julianna, e Ian ninguém sabia por onde andava.

Nick virou-se para Maggie e beijou-a com uma necessidade que surpreendeu até a si mesmo. Ela apoiou as mãos no peito dele e retribuiu o beijo, desejando-o também.

— Não foi um encontro de apenas uma noite, Maggie. Eu voltarei. Não apenas amanhã, mas todos os dias. Pode apostar.

— Nick, partirei daqui a três semanas.

— Então teremos três semanas. Você, Drew e eu. Começaremos amanhã. Quero dizer, hoje... — Olhou para o relógio. — As nove horas passarei aqui e faremos um piquenique.

Maggie começou a balançar a cabeça, mas foi beijada novamente. Nick sentiu a resistência dela diminuir até terminar em um suspiro.

Beijaram-se várias vezes, e Nick acompanhou-a até a porta, onde se beijaram novamente. Muito tempo depois de ela ter entrado em casa e desligado as luzes da varanda, Nick ainda permaneceu sentado em sua caminhonete imaginando o que havia com Maggie Smith que o prendia daquela maneira.

CAPÍTULO IX

Na tarde seguinte, uma banda tocava jazz, o vento trazia o cheiro de cachorro-quente e sanduíches e algumas folhas voavam. Adolescentes usando camisetas grandes, e bermudas maiores ainda, jogavam bola na quadra, enquanto crianças menores brincavam no gramado.

Era um típico dia no parque.

Suspirando, Maggie tirou as sandálias, suspendeu a saia florida até a altura dos joelhos e sentou-se no cobertor que Nick estendera sob a sombra de uma árvore alta.

Drew pedira a Nick para jogar bola com ele, e Maggie sugeriu que fossem jogar enquanto ela tirava a comida da cesta de piquenique que sua mãe insistira para que trouxessem. Havia batatas, pão, queijo, presunto, três tipos de salada, frango assado, biscoitos de chocolate, frutas e uma jarra de limonada. Havia comida suficiente para alimentar um pequeno país e ainda haveria sobras.

Maggie sabia qual era a intenção de sua mãe. Desde o primeiro dia em que Nick aparecera na casa deles, ela trazia um olhar diferente no rosto, como se dissesse que Maggie estava solteira havia muito tempo e que deveria se casar com Nick.

Maggie observou Nick brincar com seu filho. Ou melhor, filho deles. Ela sabia que não estava sendo sensata, mas não conseguiu reprimir o impulso de desfrutar algumas horas, ou mesmo alguns dias, ao lado de Nick. A dor da partida seria pequena comparada à felicidade que estava sentindo.

Entretanto, qual seria o preço a ser pago caso Nick se lembrasse daquela noite que viveram havia cinco anos? E se ele se lembrasse de algum detalhe que revelasse ser ela a mulher que dormira com ele? E se alguém sugerisse que Drew podia ser filho dele?

Maggie riu diante de tal absurdo. Era impossível. Ele jamais poderia ligá-la àquela noite no hotel. Ela duvidava de que ele até se lembrasse do acontecido. Ela estava segura e, enquanto estivesse segura, Drew também estaria.

Maggie sentiu o coração saltar ao olhar para Nick. Ele estava muito bonito, usando calça e camiseta pretas, e todas as mulheres ao redor admiravam-lhe o corpo atlético e másculo. Cada vez que Nick pegava Drew, os músculos tornavam-se mais evidentes sob a camiseta. Ela não conseguia desviar os olhos dele, e mal acreditava que tinham feito amor.

Com a cabeça para trás, Drew gargalhou quando Nick carregou-o no colo. Ela entendia bem aquela sensação de estar livre e flutuando, pois sempre que Nick a tocava, Maggie tinha a impressão de estar nas nuvens.

Observando as duas pessoas que mais amava na vida, ela sentiu um nó na garganta. Queria lembrar de cada minuto que passassem juntos, cada som, cada imagem, cada odor. Mais tarde, quando ela e Drew estivessem de volta à Nova York, quando as noites fossem longas e solitárias, poderia se reconfortar com a recordação de cada momento precioso.

A noite anterior jamais seria esquecida, pensou com um arrepio de prazer. Quando fizeram amor, fora o nome dela que Nick chamara, não o de outra mulher, ele sabia exatamente com quem estava deitado. Ele a desejava.

Drew chamou Maggie, e ela acenou. Nick piscou o olho, e seu olhar demonstrava fome, não apenas por comida. Ela se sentia da mesma forma, sabia que fariam amor outra vez, e sentiu uma mistura de excitação e tristeza. Ele era tudo o que ela desejava, e tudo o que não poderia ter.

A comida estava arrumada quando Drew aproximou-se afobado. Ele circulou o cobertor que Maggie estendera e depois sentou-se.

— Você viu, mãe? — Pegou um biscoito. — Viu como ele me carregou bem alto?

Ela tirou o biscoito e entregou-lhe um lenço úmido para limpar as mãos.

— Estava tão alto que os pássaros da árvore se assustaram — brincou.

Nick sentou-se no cobertor ao lado dela, passou o braço sobre seu ombro e beijou-a nos lábios antes que Maggie pudesse protestar. Não foi um beijo apaixonado, mas também não foi um beijo comum. Foi um beijo possessivo, com um rápido contato de línguas. Ela olhou para o filho, vendo-o de olhos arregalados. Ele era muito pequeno quando Maggie se separara de Richard, e nunca vira a mãe beijando alguém. Maggie ficou corada, parte por estar envergonhada, e parte por ter ficado excitada com o beijo.

— Você beijou minha mãe — afirmou Drew, surpreso. — Por que fez isso?

— Porque gosto muito dela. — Nick continuou abraçando-a. — Há algum problema?

Drew pensou por um instante, e balançou os ombros, respondendo:

— Se ela acha que está bem, não há problema para mim. Maggie ficou ainda mais corada quando Drew e Nick olharam para ela. O que poderia dizer? Não queria que Drew pensasse que Nick fosse mais do que um amigo, mas ao mesmo tempo não queria que o filho pensasse que costumava beijar todos os amigos na boca daquele modo.

— Ah... Claro, querido, não há problema — conseguiu dizer, esperando que o filho não insistisse no assunto.

Distraído com o latido de um cachorro, Drew olhou para o outro lado.

— Ei, aquele é Joshua. — Acenou a mão para o outro menino que retribuiu o aceno e chamou-o para jogar bola.

Drew olhou para a mãe, e quando ela deu permissão, gritou para o amigo, pegou dois biscoitos e saiu correndo.

Drew corria como um atleta, pensou Nick, observando-o.

Imaginou se o pai dele tinha sido algum esportista que Maggie houvesse conhecido durante o trabalho como jornalista. Talvez alguém que ela houvesse entrevistado. Ele comprimiu os dentes, pensando no sujeito que a abandonara grávida. Parte dele gostaria de saber quem era o homem, Nick tinha muitos amigos no mundo dos esportes e poderia tornar a vida dele um inferno. Entretanto, outra parte não queria saber, pois era terrível imaginá-la nos braços de outro.

Nick esforçou-se para afastar tais pensamentos e abraçou-a com mais força, beijando-a outra vez, de modo mais demorado e profundo.

— Nick... Por favor — pediu, interrompendo o beijo. Ele se aproximou e sentiu o perfume delicioso e feminino.

— Na noite passada, quando pediu "por favor" significava que queria mais.

Maggie manteve as mãos no peito dele, afastando-o ligeiramente. Nick entrelaçou seus dedos nos dela e percebeu que ela estava com o pulso acelerado.

— Sabe o que quero dizer. Não podemos fazer isso aqui. Nick olhou ao redor, vendo casais que passeavam de mãos dadas, famílias fazendo piqueniques e outras pessoas que dançavam ao som da banda.

— Por que não?

Maggie hesitou e olhou para o filho.

— Não quero que Drew fique confuso sobre nós. Ele pode não entender.

— Não entendo, e estou bastante confuso sobre nós. — Acariciou as mãos dela e relembrou a sensação de tê-las encostadas em sua pele, ficando excitado. — Por que não me explica?

— Já lhe disse. Vou embora dentro de três semanas. Pode ser difícil para Drew se ele ficar muito apegado.

— E quanto a você, Maggie? Seria difícil para você se ficasse muito apegada?

— Somos adultos, Nick. Sabemos lidar com nossos sentimentos e podemos controlá-los.

Ela estava errada. Nick não fazia a menor idéia de como lidar com os sentimentos que ela lhe provocava, e com certeza não tinha o menor controle sobre eles. Nick a queria mais do que jamais quisera alguma outra mulher. Não era apenas sexo, era muito mais.

Ele tentou garantir a si mesmo que dentro de três semanas ela partiria, e tudo ficaria bem, a vida voltaria a seu curso normal. No entanto, naquele instante, ele simplesmente não podia se afastar de Maggie.

— Está bem. Faremos de seu jeito. Quando Drew estiver por perto prometo me comportar. — Aproximou-se e sussurrou em seu ouvido. — Mas quando ele não estiver por perto, sugiro que tome cuidado, pois pretendo ser muito mal. — Beijou-a rapidamente. — Muito mal — repetiu, provocando-a.

Nick notou o quanto a perturbava e sentiu o tremor nas mãos dela. Maggie inclinou-se e cerrou os olhos, esperando ser beijada. Nick soltou-lhe as mãos e levantou-se de repente, fazendo-a abrir os olhos.

— Vou jogar futebol com os meninos,— explicou frustrado, e ao mesmo tempo satisfeito por deixá-la tão excitada. — Pense no que lhe disse.

Maggie observou-o afastar-se, correndo. Ficava dividida entre deixá-lo ir ou chamá-lo para beijá-la. Sentia um desejo quase insuportável.

— Maggie!

Surpresa ao ouvir seu nome, Maggie virou-se e encontrou Julianna. Ela usava um chapéu de abas largas que fazia sombra em seu rosto, e um vestido azul, largo.

— Olá, Julianna.

— Olá. — Virou-se, acenou para Lucas que vinha carregando uma cadeira, um cobertor e a cesta de piquenique. Ele ergueu o rosto e caminhou na direção delas. — Importa-se se nos juntarmos a vocês?

— Será um prazer.

Quando Lucas chegou, Maggie levantou-se e ajudou-o com o cobertor e a cadeira.

— Olá, beleza. — Lucas beijou Maggie no rosto, fazendo-a corar. — Vi a caminhonete de Nick e não imaginei que existisse ainda alguma mulher capaz de trazê-lo para um piquenique, sábado à tarde. A reputação dele estará arruinada para sempre.

— Não ligue para ele, Maggie. — Julianna sentou-se na cadeira que o marido armou. — Lucas está zangado porque sua própria reputação de malvado foi arruinada quando se casou, e daqui a quatro semanas teremos um filho. Ele não suporta a idéia de que Ian e Nick ainda sejam livres como pássaros.

— Isso não é verdade, meu amor. — Lucas inclinou-se, beijou Julianna e afagou-lhe o ventre. — Com você, sou muito feliz.

Ela franziu a testa diante da declaração e afastou-o, entretanto, o amor era evidente em seu rosto quando sugeriu:

— Vá jogar bola com Nick.

Ele a beijou rapidamente e saiu correndo como um menino. Para alegria de Drew e de seu amigo, Lucas pegou Nick desprevenido e jogou-o no chão. Os dois homens caíram, e rolaram na grama.

— Rapazes. — Julianna balançou a cabeça. — Não podemos viver com eles, nem sem eles.

Maggie concordou, pensativa e depois continuou a conversa:

— Sua festa foi maravilhosa, Julianna. Obrigada por ter me convidado.

— Você e Nick saíram tão cedo. Achei que estavam com um pouco de pressa.

Maggie ficou preocupada. Seria tão evidente que ela e Nick foram para a cama?

— Eu... bem, nós...

Julianna riu e deu um tapinha no braço de Maggie.

— Não se preocupe, Maggie. Seu segredo estará seguro comigo, se bem que não é segredo. Não houve uma pessoa na festa que não notou o modo como Nick a olhava.

— Ele estava olhando para mim?

— Não se faça de tola. Sabe que a olhava como se quisesse comê-la, sem nem respirar. Como se não existisse outra mulher no mundo além de você. — Julianna colocou as mãos sobre a barriga e inclinou-se para a frente. — Ele está apaixonado por você, Maggie.

Chocada, Maggie olhou para Julianna. Amor? Aquilo era ridículo. Ele a desejava fisicamente, e deixara isso claro desde o princípio. Ele inclusive dissera que se importava com ela, mas não a amava. Maggie tinha certeza disso.

— Nick e eu somos... amigos — explicou. Não era totalmente mentira. Gostaria que fossem amigos, mesmo se fossem amantes por alguns dias.

— Está bem, Maggie. Não quero me intrometer, mas se algum dia precisar de um ombro amigo, pode me procurar. A situação foi difícil com Lucas no princípio, e ninguém sabe melhor do que eu como esses rapazes são complicados.

Maggie observou os quatro homens, jogando futebol e rolando na grama. Nick segurou a bola no alto da cabeça e Drew agarrou-a, provocando-o. ,

Maggie sorriu diante da cena e olhou novamente para Julianna, que a observava com atenção. Era bom estar sentada sob a sombra refrescante, e conversar com uma amiga. Ela podia não ter coragem de revelar seus sentimentos em relação a Nick, mas ainda assim era gostoso conversar sobre assuntos femininos.

Maggie serviu dois copos de limonada e ofereceu um a Julianna.

— Você e Lucas formam um casal perfeito. Não posso imaginar que tenham discutido algum dia.

— Discutimos, sim. Quer saber como Lucas me pediu em casamento? Armei uma armadilha.

— Armadilha? Julianna riu e explicou:

— Ele pensou que estava tendo dificuldade em me convencer a casar com ele, e deixei que pensasse assim. A verdade é que estava desesperadamente apaixonada por ele desde que tinha catorze anos, mas isso é outra história. Aí vêm as crianças.

Surpresa com a confissão, Maggie não teve tempo para fazer um comentário antes da chegada das duas crianças, dos dois homens e um cachorro.

— Estamos famintos — anunciou Drew. — A mãe de Joshua deixou que ele comesse conosco se você não se importar.

Eles se dedicaram ao lanche com o mesmo entusiasmo com que haviam jogado bola, inclusive atacando a comida que Julianna trouxera. Maggie ficou atordoada com a confusão, e riu com os desaforos trocados entre Lucas e Nick.

Maggie não se lembrava de outra ocasião em que fora tão feliz. Drew estava corado, os olhos brilhantes, excitado. Quando comeram o último biscoito, ele saiu com Joshua para brincar de soldado com o pai do amigo.

Como guerreiros que retornam da batalha, Lucas e Nick esticaram as pernas para descansarem. Julianna e Maggie se entreolharam e sorriram.

— Então, Maggie, conte-me sobre Roger — pediu Julianna.

— Roger? — Maggie olhou para Nick que abriu os olhos para fitá-la, curioso. — O que quer saber?

— Você sabe. Na noite passada — sussurrou como se não quisesse que os homens escutassem, entretanto, trazia um olhar maroto no rosto. — Você e Roger. No quarto.

Maggie ficou corada. Nick olhava-a com mais intensidade. Até mesmo Lucas ficara interessado.

— Não tenho muito a contar.

— Não foi o que vi. — Julianna pegou o copo de limonada. — Você derrubou o sujeito tão rápido que até agora ele não sabe o que aconteceu.

— Do que ela está falando? — perguntou Nick.

— Quer dizer que não contou a ele? — perguntou Julianna inocentemente, porém, com malícia no olhar.

— Contar o quê?

— Não há nada para contar. Eu só...

— Bateu nele — completou Julianna. — Atirou-o ao chão com um único golpe. Criamos um fã clube para Maggie Smith, e sou a presidente. Esperamos que faça um relato completo sobre o episódio em nossa primeira reunião.

Lucas gargalhou, e Nick virou-se para ele.

— Sabia disso?

— Ele ainda estaria deitado em meu quarto de hóspedes se eu não o houvesse ajudado — comentou Lucas e piscou para Maggie. — A doce Margaret Smith conhece uns golpes bem eficientes.

Nick olhou para Maggie, comprimindo os lábios. Ainda ficava irritado com a imagem de Roger bloqueando a passagem de Maggie no mirante. Nick precisara de grande esforço para se concentrar e não atirar o sujeito sobre o parapeito do mirante. E naquele

momento, descobria que Roger importunara Maggie novamente, e ela cuidara dele sozinha. Ele sabia que era uma reação irracional, mas estava furioso, levantou-se e colocou o boné na cabeça.

— Vou ver onde estão os meninos. — Ao afastar-se, ouviu a gargalhada de Lucas e decidiu que mais tarde acertaria as contas com ele.

Quando alcançou Drew e Joshua, Nick já estava um pouco mais calmo. Os pais de Joshua estavam sentados perto dos meninos e acenaram para Nick.

— Adam Wheeler — apresentou-se o pai de Joshua, estendendo a mão.

— Nick Santos.

Os dois apertaram-se as mãos, e Adam apresentou sua esposa, Susan, uma moça loira com olhos azuis.

— Obrigada por deixar Joshua brincar com seu filho — agradeceu Susan. — Mudamos para Wolf River recentemente, e Josh ainda não conhece muitas crianças. Gostaríamos que você e sua esposa permitissem que Drew viesse brincar em nossa casa algum dia desses, depois da escola.

Eles pensavam que Drew fosse seu filho e Maggie, sua esposa. Nick sorriu diante dessa possibilidade e pensou em explicar a situação, mas decidiu deixar como estava. Por mais estranho que fosse, gostara da idéia.

— Perguntarei a Maggie — afirmou, olhando na direção dela. Ela o observava com certa curiosidade e preocupação.

— É surpreendente como Drew se parece com você — comentou Susan.

Nick olhou para a mulher e piscou os olhos. O que ela acabara de dizer? Que Drew se parecia com ele? Ele reprimiu o riso. Entendia como as pessoas podiam pensar aquilo, pois ambos tinham os cabelos e olhos negros, e o formato do rosto era mesmo parecido. Era lógico que pensassem que Drew era seu filho.

Nick começou a pensar em quem seria o pai de Drew, e como seria sua aparência. Imaginou se haveria semelhança entre ele e o homem com quem Maggie tivera um caso. Talvez essa fosse a razão de Maggie ter se assustado quando se reencontraram pela primeira vez no supermercado. Agora fazia sentido. Ou pior, ela podia estar atraída por ele apenas por parecer com o antigo amor, e Nick não gostou dessa idéia.

Entretanto, Nick sabia que não tinha o direito de fazer perguntas sobre o passado que ela fazia tanta questão de preservar. Ainda assim, não conseguia deixar de pensar.

Lucas e Julianna tinham ido caminhar quando Nick voltou para junto de Maggie.

— Ainda está zangado? — perguntou, sentada com as pernas dobradas. Parecia inocente, e não uma mulher que pudesse derrubar um homem com um único golpe.

— Poderia ter me contado — reclamou.

— Poderia.

— Então?

— Então, o quê?

— Conte-me o que houve.

— Não há nada para contar. Ele veio falar comigo quando estava procurando meu casaco no quarto. Estava mal humorada, ele me tocou, e eu o derrubei. Fim da história.

— Então não precisava de minha ajuda para se defender dele no mirante, não é? Lá estava eu, tentando salvá-la de Roger, pensando que ele a tivesse assustado, e durante todo o tempo, você poderia ter batido nele. Aposto que se divertiu à minha custa.

— Não, Nick, não me diverti. Achei maravilhoso, achei-o incrível.

— E mesmo? Achou que fui incrível?

— E doce.

O olhar dela era tão meigo e carinhoso que Nick experimentou uma sensação diferente. Precisava tanto de Maggie que seu peito chegava a doer.

— Vou beijá-la, Maggie — afirmou. — Não agora, pois não seria capaz de parar. Entretanto, mais tarde, quando estivermos só nós dois, vou beijá-la até que você seja incapaz de lembrar o próprio nome.

Ela sorriu e suspirou.

— Está bem.

CAPÍTULO X

Preciso de você, Maggie. Estou perdido sem você. Por favor, farei qualquer coisa. Diga-me o que quer e lhe darei.

Maggie olhou para cima e trocou o telefone de ouvido enquanto calçava as botas de couro. Thomas Crane, seu chefe, telefonava duas vezes por dia nos últimos três dias.

— Thomas, ainda tenho mais dez dias de férias. Já discutimos isso. Não posso partir até que o médico de alta para meu pai, e ele possa voltar a dirigir. Isso deve acontecer na próxima semana.

— Maggie, estou implorando. — Thomas gemeu ao telefone. — David Brooks está em licença médica, Dan Howard está ficando maluco, e Georgia ameaça pedir demissão.

— Então, qual é o problema? — Ouvia o barulho de telefones tocando, Georgia gritando com Dan, e Dan retrucando com uma obscenidade que fez a moça gritar ainda mais. — Acho que está tudo normal.

— Maggie, por favor, escute-me...

Ouvindo parcialmente os argumentos que ele insistia em usar nos últimos três dias, olhou para o relógio em cima do forno da cozinha. Nick chegaria às quatro horas e faltavam apenas dez minutos. Ele não dissera onde iriam, apenas pediu que usasse calça jeans. Maggie estava excitada como uma adolescente, o que sempre acontecia quando estava perto dele.

Nick Santos era um homem que sabia como conseguir o que queria, e ele queria exatamente o mesmo que Maggie. No entanto, não passavam todo o tempo na cama. Tinham ido ao cinema, jantado em diversos restaurantes e jogado boliche. Drew passeava

com eles pelas manhãs, e no final de semana anterior haviam até mesmo programado uma pescaria apenas para os homens.

Ela sabia que se deixasse Nick se aproximar tanto, seria difícil para ela e para Drew afastarem-se. Maggie teria o coração partido e o filho ficaria arrasado, mas de alguma forma, a vida seguiria seu rumo. Pelo menos teriam momentos maravilhosos para relembrar no futuro.

— Maggie? Está me ouvindo? Responda-me, droga! Ele suspirou e abaixou-se para amarrar as botas.

— Sim, Thomas, estou ouvindo. Você precisa de mim. Quer que eu volte imediatamente. Promete me dar tudo o que eu pedir.

Maggie ergueu os olhos e encontrou Nick, encostado na porta da cozinha, observando-a. Usava calça jeans e jaqueta de couro preta. Ele de fato deixava-a sem fôlego.

Ela se levantou muito depressa e perdeu o equilíbrio. Nick adiantou-se e apoiou-a em seu peito forte, abraçando-a. Inclinou o rosto e beijou-a carinhosamente.

— Preciso desligar, Thomas. A casa está pegando fogo, e preciso chamar os bombeiros.

— Não desligue! Maggie, querida, doçura, estou implorando, não...

Nick beijou-a outra vez, pegou o telefone e desligou-o. Segurou-a pelos cabelos e inclinou-lhe a cabeça para que pudesse beijá-la mais profundamente. Maggie sentiu o desejo aumentar e estava trêmula quando seus lábios separaram-se dos dele.

— Poderia me dizer quem estava ao telefone, chamando-a de "doçura" e "querida" e prometendo lhe dar o que quisesse caso voltasse para casa? Preciso de um nome antes de matá-lo.

— Thomas Crane, meu chefe. E não precisará matá-lo, farei isso pessoalmente. — Pegou a jaqueta que estava sobre a cadeira da cozinha. — Não o ouvi bater na porta.

— Seu pai estava sentado na varanda, segurando uma placa que dizia: "Faço qualquer coisa por uísque e cigarros". Ele me deixou entrar.

— Espere só um instante. Vou me despedir de Drew e de minha mãe — pediu, rindo.

Nick agarrou-a pelo braço quando Maggie tentou afastar-se.

— Você vai? — perguntou.

— Vou o quê?

— Vai partir?

A intensidade do olhar e da voz dele fez o coração de Maggie disparar. Não tinham conversado sobre o momento da separação desde o dia do piquenique no parque. Não falaram sobre o futuro, feito nenhuma promessa, nada além do relacionamento que tinham no presente. O tempo que passavam juntos era divertido, leve e apaixonado, e havia uma linha invisível entre eles e nenhum dos dois ousou ultrapassá-la.

Estavam sobre aquela delicada linha naquele momento, e por mais que Maggie desejasse ignorar o assunto, não poderia mais fazê-lo, pois iria partir e nada a impediria.

— Quer se livrar de mim, Santos? — forçou-se a sorrir. Nick apertou-lhe o braço com mais força e repetiu:

— Vai, partir?

Maggie sentiu o coração oprimido. Havia algo assustador no olhar de Nick.

— Só quando meu pai voltar a dirigir. Ficarei mais alguns dias.

— Nick!

Os dois viraram-se diante do cumprimento entusiasmado de Drew. O menino agarrou a perna de Nick, e Maggie precisou controlar as lágrimas ao ver o pai ajoelhar-se para abraçá-lo, sorrindo. Ela sempre se preocupara com a possibilidade de Drew apegar-se demais a Nick, mas já era tarde, pois tornara-se realidade. Quando partissem de Wolf River, os dois ficariam com os corações partidos, porém, não havia nada a ser feito.

— Olá, amigo. Como vai você? — perguntou Nick.

— Pode ir até minha escola na quinta-feira para falar sobre seu trabalho? Minha professora, srta. Perry, quer que todos os pais e mães falem para as crianças sobre seus trabalhos. Sei que você não é meu pai, mas perguntei a minha professora se poderia convidá-lo, e ela concordou. Então, poderá ir?

— Claro, amigo, se sua mãe concordar.

— Ela concorda, não é mãe? — Drew olhou para ela esperançoso.

Nick percebeu certa hesitação em Maggie e ficou irritado. Faltava uma semana para ela voltar a Nova York e já estava se afastando dele, do mesmo modo como fizera antes da festa de Lucas e Julianna. Nos últimos dias ela parecera feliz e relaxada, parecia haver esquecido que não estava interessada em um relacionamento e que não queria se envolver. Maggie rira, dividira parte de sua vida, fizera amor com ele. Entretanto, naquele momento, Nick percebeu que ela começava a reerguer uma muralha entre eles, e por isso ficou zangado.

Ele estava atordoado com o que acabara de ouvir, e ela parecia calma e fria. Nick sentiu vontade de beijá-la até deixá-la sem fôlego para ver se realmente era tão fria quanto tentava parecer. Entretanto, não podia fazer aquilo na frente do menino.

— Ele pode ir, não é, mamãe?

— Pode sim, querido, se ele tiver tempo.

— Tenho tempo suficiente — respondeu, sentindo justamente o contrário. O tempo estava passando depressa demais.

Maggie experimentara a paixão, a luxúria, a liberdade com Nick. Em seus braços, ela tremera e sentira-se selvagem. No entanto, naquele dia, experimentou algo completamente diferente.

Naquele dia andaram de motocicleta pela primeira vez, uma motocicleta de verdade e veloz.

O vento passava por seus cabelos e pelo rosto. Maggie abraçou Nick com força, pressionando o corpo contra o dele. A velocidade a excitava, e o coração batia acelerado enquanto ele dirigia com habilidade na estrada.

— Aonde vamos? — gritou no ouvido de Nick quando saíram da estrada em direção às montanhas.

Nick não respondeu, apenas fez uma curva. Como se fossem um só corpo, Maggie acompanhou o movimento, tinha a impressão de ter sido virada pelo lado do avesso. Nunca se sentira tão viva em toda sua vida.

Subiram para o alto das montanhas, onde as árvores eram frondosas, até que Nick seguiu por um pequeno caminho de terra. Rindo, Maggie segurou-se firme ao passarem por buracos e depressões, seguindo para o interior da floresta. Nick parou a motocicleta, tirou o capacete e ajudou-a a fazer o mesmo.

Maggie balançou os cabelos e segurou a mão de Nick para descer da motocicleta. As pernas estavam fracas, e ela se apoiou em Nick quando ele a abraçou.

— Onde estamos? — perguntou, ofegante.

— Venha. — Pegou o cobertor que trazia atrás da motocicleta, segurou a mão de Maggie e conduziu-a até o topo da montanha.

Ao chegarem, Maggie prendeu a respiração. A vista era maravilhosa. Sob seus pés, surgiu o vale, iluminado pelo sol que começava a se pôr. Ovelhas pastavam no gramado, de cabeças baixas.

— Nick, que maravilha!

Ele estendeu o cobertor e sentaram-se.

— Achei que gostaria.

— Seria impossível não gostar. — Encostou-se no peito dele. Se pudesse fazer o tempo parar, aquele seria um momento perfeito. No topo de uma montanha, nos braços de Nick, olhando para o vale. — Como encontrou esse lugar?

— Ocasionalmente. Quando tinha treze anos e sentia raiva do mundo, fui suspenso na escola por estar fumando. Sabia que se fosse para casa seria punido, então vim para as montanhas e encontrei esse lugar. Desde então já voltei aqui diversas vezes.

— Sozinho?

— Quer saber se já trouxe outras mulheres aqui? — Beijou-lhe a orelha.

— Estava me referindo a Lucas e Ian — retrucou, indignada, se bem que fosse exatamente o que quisera dizer, embora não admitisse.

— Claro que sim! — Rindo, beijou-lhe o pescoço. — A resposta é "não" para qualquer uma das hipóteses. Nunca trouxe alguém aqui. Lucas e Ian nem sabem da existência desse lugar. Precisava de um local que fosse só meu, onde nada nem ninguém pudessem me encontrar.

Maggie virou-se para ele, emocionada, notando em seus olhos recordações da infância que jamais seriam esquecidas. Era evidente que precisara de um lugar para ficar sozinho, um local onde o padrasto alcoólatra que o espancava não o encontrasse. Maggie teve pena de Nick por tudo o que sofrera na juventude, e raiva do padrasto e da mãe que o abandonara. Havia lágrimas em seus olhos quando Maggie abraçou-o, não como amante, mas como amiga. Um simples abraço, de um ser humano para outro.

— Ei... — Segurou-lhe o queixo e ergueu o rosto, vendo os olhos marejados de lágrimas. — Por que está chorando?

— Eu...

Ele percebeu, no brilho dos olhos verdes, que ela o amava.

— Sinto muito. Pensei em sua mãe tê-lo deixado com aquele homem horrível. Você era só um menino e não merecia aquilo.

Nick já vira outras mulheres chorando. Lágrimas de raiva, de frustração, manipuladoras. Contudo, nunca uma mulher chorara por ele, por sua juventude perdida, por aquilo que lhe fora tirado. Ele sentiu um nó na garganta e enxugou as lágrimas do rosto dela.

— Não podemos mudar o passado, Maggie, e não podemos prever o futuro. Só temos o presente.

Nick sempre acreditou naquela verdade. Negara o passado, vivera o presente e nunca se preocupara com o futuro. Entretanto, ao lado de Maggie, de repente o futuro pareceu-lhe mais importante. Queria que tivessem um futuro juntos, com Drew, e esse pensamento o surpreendeu. O fato de desejar Maggie para o resto de sua vida significava que estava apaixonado por ela. Amava-a realmente.

— Nick, o que há?

Ele sabia que aquele não era o momento de revelar seus sentimentos. Maggie provavelmente se assustaria e voltaria correndo para Nova York.

Ela fora abandonada no passado e criara o filho sozinha. Ele sabia o que era aquilo, e entendia que Maggie fugisse de qualquer tipo de relacionamento sério, com medo de se magoar novamente. Os dois precisariam esquecer o passado e reaprender a ter confiança. Juntos podiam ser felizes. Nick precisava dela e de Drew.

Não poderia deixá-la partir.

Maggie colocou as mãos no rosto dele, fazendo-o voltar à realidade. Ela parecia preocupada e triste.

— Maggie — murmurou. Beijou-lhe as pálpebras úmidas e sentiu o gosto das lágrimas. — Você tem idéia do que faz comigo?

Os dois se beijaram, e Maggie abraçou-o, enquanto Nick afagava-lhe as costas e os quadris. Deitaram-se sobre o cobertor, e seus corpos movimentaram-se no mesmo ritmo sensual de suas línguas. O vento jogou os cabelos dela no rosto de Nick como uma cortina de cetim. Ele queria se perder em Maggie, integrar não só o corpo mas também a alma. Puxou a camisa dela para fora da calça jeans e passou as mãos pela pele macia. Abriu o sutiã e encontrou os seios firmes. Maggie gemeu, afastou-se um pouco, e fitando-o, retirou a jaqueta e livrou-se da blusa e do sutiã já aberto. Nick estava fascinado, vendo a pele alva e as curvas perfeitas, sentindo o sangue correr acelerado por suas veias. Ela parecia uma deusa, e o modo como se oferecia a ele, deixou-o sem fôlego.

Quando Nick mordiscou um dos mamilos, Maggie gemeu e murmurou seu nome várias vezes. Ele ocupou-se do outro seio com a mesma dedicação, sentindo o desejo aumentar instantaneamente. Ela ajudou-o a tirar a jaqueta e a camiseta e encostou o corpo nu ao peito musculoso. Beijaram-se e juntos livraram-se das calças.

Maggie deitou-o no chão, e lentamente beijou-lhe o peito, depois a barriga e continuou em direção as coxas. Lambeu-o sensualmente, fazendo-o quase explodir de desejo. Nick precisava possuí-la naquele exato momento, puxou-a para si, deitou-a de costas, acomodou-se entre as pernas macias e notou o brilho fogo nos olhos verdes.

Os últimos raios de sol ainda estavam no horizonte, mas a lua já aparecera no céu. Nick uniu seu corpo ao de Maggie, e então só existiu o paraíso, só Maggie. Ele se perdeu naquele encontro. Ali era seu lar, o céu, as estrelas, a mulher que amava.

O céu estava claro, mas Maggie parecia um trovão capaz de sacudir a terra. Ela escutou-o chamar seu nome, e arqueou o quadril para senti-lo ainda mais dentro de si. O sentimento era tão selvagem quanto a montanha onde estavam. Só havia Nick em seu pensamento, nada mais.

A paixão explodiu entre eles como um raio, e o vale ouviu o grito de prazer, para a seguir, ficar no mais absoluto silêncio.

Os dois ficaram abraçados, sentindo o calor de seus corpos em contraste com a brisa suave do início da noite. Nick cobriu-a com a ponta do cobertor e abraçou-a novamente.

— Puxa! — exclamou Nick. Maggie riu e concordou:

— Puxa! — Pensou em outras palavras como "amor", "felicidade" e "decepção".

Como podia se sentir tão feliz quando uma mentira pairava entre eles? Nick não merecia mais do que aquilo?

O vento soprou, e os galhos das árvores balançaram como se a estivessem acusando. A paz que sentira momentos antes desapareceu. Ele merecia mais, entretanto ela não tinha coragem para tomar a atitude certa.

CAPÍTULO XI

Aquele sonho que o perseguia parecia cada vez mais real. Estava no escuro da floresta, a luz do luar penetrando entre os galhos das árvores. Tinha uma mulher em seus braços, sentiu o gosto de vinho em seus lábios, a maciez da pele, ouviu seu suspiro sensual. Como nos outros sonhos, não conseguiu ver-lhe o rosto e não conseguiu falar com ela. Uma névoa surgiu de repente, e a mulher desapareceu. Ele tentou segui-la, mas as pernas não se moveram. E como todas as outras vezes, acordou suando e com o coração acelerado.

Nick sentou-se, acendeu a luz ao lado da cama e passou as mãos pelos cabelos. Quatro horas da manhã. Droga. Sempre às quatro horas da manhã. Respirou fundo duas vezes procurando acalmar-se e esperou que as mãos parassem de tremer para pegar a calça jeans. Sabia que não conseguiria dormir mais e decidiu levantar-se.

Nick caminhou até a cozinha e fez café forte. A cafeína sempre o deixava bem disposto, e mais calmo. No entanto, daquela vez o sonho fora tão real que ele ainda podia sentir o perfume da mulher e ouvi-la chamando seu nome. Ele só não podia ver-lhe o rosto.

Ele sabia que a mulher não era Maggie. Sonhava a mesma coisa havia cinco anos, desde a noite que passara com a mulher misteriosa. Contudo, nunca sonhara com tanta frequência como nos últimos dias, desde a chegada de Maggie.

Nick achava que o sonho se repetia mais devido a proximidade da partida de Maggie para Nova York. Iria deixá-lo exatamente como fizera a mulher misteriosa. Ele estava muito decepcionado por ela não ter demonstrado a menor intenção de mudar de idéia, nenhum sinal de hesitação ou relutância. Na noite anterior, quando levava Maggie e Drew para tomarem sorvete, ela mencionara casualmente a volta para casa diversas vezes, falando até sobre o trabalho, assunto que antes só falava quando questionada. Ele entendia que Maggie estava, gentilmente, dizendo que o tempo deles estava terminando. Nick abriu o armário da cozinha e pegou uma caixinha de veludo preto onde havia um belo anel de diamante. Pretendia pedi-la em casamento na noite seguinte. Planejava uma noite romântica, à luz de velas, no restaurante Adagio, no hotel Quatro Estações. Reservara uma das melhores suítes do hotel para comemorar depois que ela aceitasse o pedido, apesar de não ter certeza se ela o aceitaria. No entanto, a vida era cheia de surpresas, e ele gostava de se arriscar. Arriscara-se muito em sua vida, com seu corpo, mas nunca com o coração. Nick nunca estivera tão assustado, em toda sua vida. E se ela dissesse "não"? E se ela partisse com Drew? Ele gostava do menino, mais do que pensara ser possível. Precisava dos dois.

Ele devia estar zangado com Maggie, pois antes de ela aparecer, estava plenamente satisfeito com sua vida, aproveitando cada dia de uma vez. Nada o perturbava mais do que algumas poucas horas. Entretanto, ela invadira sua pele, coração e alma e tomara posse de uma parte que nenhuma outra mulher jamais chegara perto.

O diamante brilhou em sua mão, e Nick observou-o por um longo momento. Naquele dia iria até a escola de Drew, apesar de não ser seu pai. O que o menino diria se Nick lhe dissesse que queria ser seu pai de verdade? Que gostaria de casar-se com a mãe dele e passar o resto da vida como uma família?

Nick respirou fundo e guardou a caixinha no armário. Tomou uma xícara de café e preparou-se para o dia que seria o mais importante de sua vida.

— Como estou?

— Quer elogios, Santos? — Maggie ajeitou o colarinho da camisa azul-marinho, não por ser necessário, mas por não resistir tocá-lo.

Estavam no auditório da escola de Drew. Maggie já falara sobre seu trabalho como jornalista e escritora, depois ouviram uma bibliotecária, um fazendeiro e um médico. A pessoa que falava naquele momento era um contador, e as crianças já estavam impacientes em suas cadeiras. Nick seria o último a falar, e Maggie achava que a srta. Perry tinha deixado o melhor para o final.

— Que tal me dar um beijo de boa sorte? — Nick inclinou o rosto para Maggie.

Ela franziu a testa e empurrou-o ligeiramente.

— Há crianças aqui. Comporte-se.

Nick endireitou o corpo e com voz baixa perguntou-lhe:

— Está bem, mas que tal irmos até minha casa depois que sairmos daqui?

— Levarei meu pai ao médico às onze horas e depois almoçarei com Julianna.

— São só dez horas — retrucou em tom sedutor. — Teremos tempo para...

Maggie prendeu a respiração ao ouvi-lo sussurrar-lhe em detalhes o que pretendia fazer, sentindo um forte calor pelo corpo.

— Nick Santos!

Ao ouvir o chamado da srta. Perry, Maggie deu um salto para trás como se houvesse sido descoberta em alguma travessura de criança. Entretanto, a bela senhora olhava diretamente para Nick.

— Você é o próximo, Nick — avisou-o a professora. —: As crianças estão muito excitadas por você estar aqui.

"Não são as únicas que estão excitadas", pensou Maggie, irritada ao ver a professora fazendo charme para Nick. As mulheres precisavam ser tão óbvias?

Ela tentou não pensar em todas as mulheres que teriam a oportunidade de sair com Nick depois que ela partisse. Era penoso demais pensar que iria embora na semana seguinte. Prometera a si mesma pensar apenas no presente, aproveitando os momentos que tivessem juntos.

— Oh, Maggie — cumprimentou a srta. Perry como se acabasse de notar sua presença. — Estamos gravando as entrevistas de hoje para servir de recordação para as crianças. Você se importaria de checar o volume dos microfones e ajustar para gravar quando Nick começar?

— Claro. — Maggie sorriu, pegou o gravador das mãos da professora e controlou o impulso de bater na mulher quando pegou o braço de Nick e conduziu-o até o palco.

O contador ainda estava falando algo sobre o balanço de uma empresa quando a professora interrompeu e perguntou se alguma criança queria fazer perguntas. Ninguém quis. Enquanto ela agradecia ao homem, Maggie testou o volume do gravador, apertou a tecla para gravar e colocou-o sobre uma cadeira no alto do palco.

Quando ela olhou para cima, Nick piscou-lhe o olho. Ele era incorrigível, incontrolável e imprevisível. E durante os próximos dias, pensou Maggie com uma mistura de prazer e tristeza, seria inteiramente dela.

— Está bem, crianças. — A professora ergueu as mãos, pedindo silêncio. — Por favor, prestem atenção. Drew Hamilton pediu que um amigo especial pudesse nos visitar hoje, e temos que nos comportar enquanto ele estiver falando. Podemos dizer bom dia ao sr. Santos?

— Bom dia, sr. Santos — gritaram as crianças.

Ele colocou as mãos nos ouvidos e disse que não os ouvia, e as crianças gritaram ainda mais alto. Quando Nick encheu os pulmões e gritou de volta, as crianças gargalharam. Ele não era tímido, afinal, habituara-se a lidar com a fama, dando entrevistas, exibindo-se na frente de milhões de pessoas, sendo capa de revistas. Nick Santos era um homem sensual, charmoso, divertido e muito bonito. Uma combinação perigosa para qualquer homem, mas perfeita para ele.

Maggie ouviu-o contar como conseguira sucesso fazendo algo de que gostava. Dissera que o dinheiro não devia ser a razão principal para se escolher um trabalho, pois o mais importante era ser feliz. E se gostassem do trabalho, seria diversão e não trabalho.

Maggie percebeu que não era assim que se sentia em relação ao próprio trabalho. Thomas telefonava duas vezes por dia, e mesmo gostando do que fazia, só em pensar em

voltar ao caos que era o escritório, ela já começava a sentir dores de cabeça. Tanto quanto dor no coração.

Ela se aproximou das cortinas no palco e procurou por Drew na platéia. Estava sorrindo, com os olhos fixos no homem que falava ao microfone. Seu filho adorava Nick e falava dele o tempo todo. Sabia como seria difícil para o menino quando voltassem para Nova York.

Maggie sentiu vontade de chorar e controlou as lágrimas, piscando os olhos. Não devia ter se envolvido novamente com Nick, nem deixado o filho apegar-se tanto a ele. Aquela atitude era imperdoável, quase tanto quanto tê-los deixado separado durante todos aqueles anos.

Desde o dia em que foram para as montanhas, Maggie sabia que devia contar a verdade para Nick. Talvez ele não quisesse mais falar com ela, poderia até pedir a custódia de Drew, mas ela não podia mais mentir. Nick e Drew mereciam uma chance. Tinham o direito de fazer suas próprias escolhas. Maggie teria que aceitar as consequências.

Covarde, ela decidiu esperar até o dia anterior a sua partida para Nova York. Nick certamente ficaria com raiva, e ela não queria expor o filho a toda confusão que se seguiria. Entretanto, ao ver Nick brincando com as crianças, observá-lo apontar para Drew e acenar, e a excitação do menino ao responder, Maggie sabia que não poderia esperar mais. Se Nick acreditasse nela e aceitasse Drew como seu próprio filho, então os próximos dias seriam importantes para os dois. Ela não poderia privá-los disso, por mais que estivesse assustada. Sabia que era tarde demais para Nick e ela, mas podia haver uma chance para ele e o menino.

Nick estava falando sobre a importância da escola e da educação quando Maggie virou-se, os joelhos trêmulos. Não tinha coragem de encará-lo e precisava de algum tempo sozinha antes de levar o pai ao médico. Tempo para pensar e encontrar as palavras certas.

Nick acelerou o motor da motocicleta ao máximo antes de chegar ao estacionamento em frente a sua loja, e com uma manobra radical, parou-a a poucos centímetros da entrada. Ele estava com ótimo humor. Tinha tido sua primeira experiência como pai na escola de Drew e pretendia pedir a mulher que amava em casamento. Era a mesma sensação que tinha antes de cada corrida, a adrenalina corria em suas veias, e o corpo todo estava alerta.

Ele sempre participara de cada corrida sabendo exatamente o que ganharia. Pedir Maggie em casamento não seria diferente. Ela aceitaria, diria "sim", não podia ter outra opção.

Nick não poderia se entregar ao trabalho naquele momento, mesmo que estivesse com muito atraso no serviço e os clientes o estivessem pressionando. Eles que fossem procurar outra loja se não estivessem satisfeitos.

Ele olhou para o relógio, ainda era cedo. Só jantaria com ela às oito horas da noite. O que faria nas horas seguintes? Sentiu vontade de andar de motocicleta e ir para as montanhas, pois assim gastaria um pouco de energia e se acalmaria.

Nick respirou fundo e finalmente retirou o capacete. Não poderia ir para as montanhas, pois lá só conseguiria pensar em Maggie. Ansioso, andou pela loja, parando para ver um motor no qual trabalhara na noite anterior. Depois caminhou até o escritório onde a secretária eletrônica piscava, avisando que havia recados.

Ele decidiu trabalhar um pouco e retornar algumas ligações, isso ajudaria a passar o tempo. Pretendia pegar o telefone quando encontrou a fita cassete que a professora de Drew lhe entregara. Colocou a fita para tocar no gravador, sentou-se atrás da mesa e escutou:

— Testando, testando... A mosca não pode ser pássaro, mas o pássaro não pode ser mosca.

Nick virou-se devagar e olhou para o gravador, confuso. Como pudera pegar a fita errada? Dois segundos depois ouviu a voz da srta. Perry e sua própria voz cumprimentando as crianças. Aquela era a fita certa. Ele voltou a fita e tocou-a outra vez, aumentando o volume. A voz era clara, macia e suave. Sensual.

Maggie?

A srta. Perry tinha entregue o gravador para Maggie para que gravasse a entrevista. Nick lembrou de tê-la visto ajustando o gravador antes de colocá-lo no palco.

Ele fechou os olhos e tocou a fita outra vez. E outra vez. Levantou-se, caminhou até o quarto e pegou uma caixa embaixo da cama onde havia fotografias, medalhas e muitos papéis. Encontrou a fita que estava procurando e voltou ao escritório. Tocou a antiga fita e escutou:

— Testando, testando... A mosca não pode ser pássaro, mas o pássaro não pode ser mosca.

Nick franziu a testa e olhou as duas fitas. A voz da fita antiga tinha o tom mais baixo, mas eram idênticas.

"O que estaria acontecendo?", perguntou-se. Talvez aquela frase idiota fosse comum para as pessoas que trabalhavam na mídia, entretanto, a voz era a mesma. A mulher misteriosa tinha a mesma voz de Maggie, como se fossem a mesma pessoa. Ele ficou imóvel um instante e pegou o telefone.

A loja de Nick estava em silêncio total quando Maggie chegou. Se a caminhonete e a moto não estivessem estacionadas no lado de fora, teria pensado que ele saía.

— Nick?

Maggie dirigiu-se ao escritório e assustou-se ao vê-lo sentado, imóvel, fitando-a sem dizer uma palavra. Vira-o havia menos de duas horas, e sabia que algo estava errado.

— Você está bem?

— Sente-se, Maggie.

A voz estava tão fria e distante quanto o olhar.

— O que está errado?

— Quando pretendia me contar?

— Contar?

— Sobre Drew.

— Drew? — perguntou com as mãos frias.

— Contar que ele é meu filho.

Maggie ficou pálida. Como ele podia saber a verdade? Nick virou-se e ligou o gravador. Ela ouviu a própria voz e confusa, afirmou:

— Gravei isso hoje pela manhã.

— Gravou essa fita há cinco anos quando pretendia me entrevistar após a corrida, e esqueceu-a em meu quarto. Guardei a fita como recordação de uma noite maravilhosa que passei com uma desconhecida. Diga-me, Maggie, é assim que faz suas entrevistas? Vai para a cama com celebridades e depois desaparece sem nem mesmo dizer seu nome?

Maggie sentiu o sangue fugir de seu rosto e um nó no estômago.

— Não — respondeu. — Não.

— Depois que ouvi a fita, foi fácil achar sua pista. Contatei os jornais onde trabalhou, e as últimas referências mostravam que trabalhava no jornal Carolina Tribune na mesma época em que eu estava na cidade. — Pegou uma folha de papel.

— Seu antigo chefe foi tão gentil que inclusive me mandou uma cópia do artigo que você escreveu. Um artigo que fornecia detalhes da corrida e da festa de comemoração. Escrito por M.J. Smith. — Jogou o papel para ela, irritado e continuou:

— Diga-me o motivo de tudo isso. Estava brincando? O mesmo jogo que está fazendo desde que chegou a Wolf River?

— Não, você precisa acreditar em mim.

— Acreditar em você? A última coisa que farei é acreditar em você — gritou furioso.

Maggie estava com vontade de chorar mas se controlou. Estava na porta do inferno e só o que podia fazer era seguir em frente.

— Há cinco anos — começou com a voz trêmula —, fiquei apavorada quando meu chefe me mandou entrevistá-lo, jamais contei a ele que nos conhecíamos. Com todo seu sucesso e o tipo de vida que levava, achei que nem se lembraria de uma garota simples como Maggie Smith.

Nick continuava fitando-a, indignado.

— Quando entrei na suíte onde faziam a festa de comemoração, fiquei completamente deslocada. Pretendia ir embora quando um homem usando camisa florida pensou que fosse funcionária do hotel e que estivesse ali para verificar um problema no banheiro. Tentei explicar a situação, mas o barulho era enorme e eu estava muito nervosa, então, acabei em seu banheiro, tomando uma taça de champanhe. Fiquei mais relaxada pois não estava acostumada a beber e senti mais coragem para tentar entrevistá-lo. Testei o gravador e pretendia voltar para a festa quando você entrou no quarto e apagou as luzes. Quando você disse que tinha me visto e que estava contente por eu estar ali...

Ele parecia ainda mais furioso ao ouvi-la. Maggie parou um instante, sentindo o rosto corado com a humilhação, pigarreou e prosseguiu:

— Fui estúpida o bastante para achar que você realmente sabia quem eu era. Então, quando beijou-me, não pensei em mais nada. Acreditei que um homem como você pudesse desejar uma mulher como eu.

— Você apenas partiu.

— Quando me chamou pelo nome de outra mulher, fiquei desnorteada com tamanha humilhação. Como poderia olhar para você?

— Você ficou grávida! — Levantou-se e deu um tapa na mesa com tanta força que o telefone saltou.

— Só soube depois de seis semanas. Você já tinha partido, voltado para as corridas. Quando consegui encontrar coragem para lhe procurar, você estava nos tribunais envolvido em uma questão de paternidade. Teria pensado que eu era mais uma mulher em busca de fama e dinheiro. Não poderia suportar a idéia de pessoas apontarem para minha fotografia em revistas acusando-me de ser interesseira. Teria perdido meu emprego e como poderia cuidar de meu filho?

— Nosso filho. Eu tinha o direito de saber.

— Nick, você nem sabia que tinha feito amor comigo. Realmente acreditaria que a tímida Maggie Smith tinha dormido com você?

Ele se virou para a janela e ficou olhando para a rua. Maggie levantou-se, desejando tocá-lo.

— Você era virgem — afirmou sem emoção.

— Era.

— E acha que não significou nada para mim? Achou que era o tipo de homem de dormir com uma moça inocente como se isso fosse apenas mais um dia de sua vida? Ficou grávida, teve um filho meu. Não tinha o direito de me esconder isso.

— Não o conhecia. Apenas imaginava o tipo de vida que tinha com as mulheres. Mesmo se o convencesse de que Drew era seu filho, se fizéssemos os exames de paternidade, não acreditava que fosse desejar uma criança em sua vida. Não poderia forçá-lo a desejar um filho que nunca planejou ter.

— Então ficou com ele só para você — retrucou com amargura.

— Nunca pensei em fazer um aborto. Eu o amei desde o instante em que soube que estava grávida. Decidi tê-lo sozinha.

— Esqueceu de mencionar Richard — comentou, sarcástico.

— Já lhe disse que Richard foi um engano. Achei que Drew precisasse de um pai. Mesmo por Drew, foi errado me casar com alguém que não amava.

— Você comete muitos erros, não é, Maggie?

— Sinto muito, Nick. Se quiser, Drew poderá visitá-lo. Ele nem precisará ficar com você. Poderá ficar na casa de meus pais e você o verá quando tiver tempo.

Maggie perdeu o equilíbrio quando ele se virou, de repente, e agarrou-a pelos braços.

— Visitá-lo? Quando tiver tempo?

Nick soltou-a. Ela se sentia exausta, mas manteve-se em pé, fitando-o.

— Entendo que esteja furioso comigo, mas por favor, peço que não odeie Drew. Ele o ama.

— Odiá-lo? Acha que poderia odiá-lo? Acha que sou uma pessoa tão medíocre assim?

— Nick, escute-me, por favor...

Ele deu um passo atrás e ergueu a mão para que ela não se aproximasse.

— Não, Maggie. Você precisa me escutar. Há uma hora estava determinado a pedir que você e Drew ficassem em Wolf River. Achei que a amava e queria me casar com você. Imagine só... — Riu com sarcasmo. — Você me fez de tolo duas vezes. É impressionante o que a tímida Maggie Smith é capaz de fazer.

— Nick... — Enxugou as lágrimas que desciam pelo rosto.

— Teve sua chance, Maggie. Agora é minha vez. A única pessoa que estará fazendo visitas para Drew será você.

— O que está dizendo?

— Não me importo se quer voltar para Nova York, mas não levará Drew. Você me privou de mais de quatro anos da vida de meu filho, e não pretendo perder nem mais um dia. Duvido de que haja um juiz que não me dê razão.

Maggie teve a impressão de o chão ter sumido sob seus pés. Aquilo não podia estar acontecendo.

— Não pode fazer isso. Não pode tirá-lo de mim.

— Não se preocupe, Maggie. Poderá visitá-lo. — Aproximou-se e segurou-a pelo queixo. — Quem sabe até poderá deitar-se em minha cama novamente um dia desses.

Maggie afastou-se, indignada com as palavras grosseiras. Podia até merecer o desprezo dele, mas não aceitaria perder o filho.

— Não faça isso, Nick. Por favor, não faça isso.

— Vai se atrasar para seu almoço, Maggie. Feche a porta quando sair.

Ela poderia ter se ajoelhado e implorado, mas a atitude dele a impediu, sabia que de nada adiantaria. Nick não a ouviria nem acreditaria nela. Surpresa por ainda poder caminhar, saiu da loja e, ao chegar ao carro, teve a impressão de ouvir o som de vidro quebrando. Deviam ser os cacos de seu coração.

CAPÍTULO XII

Nick queria se embriagar, mas não naquele instante. Queria antes aplacar a dor e a raiva de seu peito. Só a certeza de que tinha um filho parecia ser capaz de mantê-lo vivo.

Drew, com seus olhos grandes e negros, seus cabelos brilhantes... Seus cabelos. Passou a mão sobre a mesa e atirou longe o telefone. Seus cabelos. O pote de canetas foi a próxima vítima de sua fúria.

Drew era seu filho. Filho dele e de Maggie.

Nick ficou entorpecido ao compreender a verdade. Mesmo enquanto fazia as ligações para os jornais onde Maggie trabalhara, dizia a si mesmo que devia haver uma explicação e que aquela situação devia ser uma estranha coincidência. Esperava até rir daquilo tudo mais tarde.

Com os punhos fechados, virou-se para a montanha de vidro quebrado. Lucas estava do lado de fora do escritório, com as mãos na cintura, inspecionando o vazio que ficara no lugar da parede de vidro.

— Fazendo reformas? — brincou Lucas.

— Meu pé escorregou — retrucou.

Lucas olhou ao redor, vendo o pote de canetas no chão, o telefone quebrado, os papéis espalhados e depois olhou calmamente para Nick.

Nick queria que o amigo dissesse alguma coisa, qualquer coisa para que pudesse descarregar sua raiva nele, por isso o chamara. Queria extravasar sua frustração, mas os dois se conheciam havia tempo demais. Lucas sabia quando falar e quando calar.

— Drew é meu filho — afirmou, gostando de ter dito em voz alta.

— Devo supor que você não sabia?

— Como poderia saber? Há menos de duas horas eu nem sabia que tinha dormido com Maggie.

Lucas balançou a cabeça, incrédulo.

— Gostaria de falar sobre isso?

— Acho que sim.

Nick andou de um lado para o outro enquanto contava a Lucas tudo o que conseguira descobrir com seus telefonemas e com a confissão de Maggie. Enquanto contava, às vezes parava para dar um soco sobre a mesa, ou chutar alguma coisa pelo chão. Durante todo o tempo, Lucas ficou calado, ouvindo com atenção.

— Perdi mais de quatro anos da vida de meu filho — afirmou ao terminar o relato. — Suas primeiras palavras, os primeiros passos, aniversários, festas de Natal. Como poderei recuperar isso?

— Esse tipo de pensamento não o levará a lugar algum, Nick. Acho que precisa pensar no presente.

— É exatamente o que estou fazendo. Não pretendo perder nem mais um dia da vida de Drew. Ele virá morar comigo.

— E Maggie?

— O que tem ela? Acha que me importo, depois do modo como ela agiu?

— Sim, acho que se importa. — Lucas olhou para o vidro e objetos quebrados no chão. — Acho que se importa mesmo.

— Não me diga o que devo sentir — gritou. — Deve ser meu amigo. Se digo que não me importo, você deve concordar comigo ou vou arrancar-lhe os dentes.

Lucas riu e preparou-se para o que podia acontecer ao dizer:

— Está certo, Nick. A mulher não presta, ela mente e dorme com todos os homens que conhece. Você não deve querer se envolver com uma mulher assim. Mesmo que pense estar atraído, é óbvio que é só na cama que ela o satisfaz. Com aquele rosto, o corpo perfeito e os cabelos vermelhos, que homem não gostaria de se deitar com ela? Se eu não fosse casado...

Por estar preparado, Lucas conseguiu evitar o primeiro soco em direção a seu rosto, mas escorregou em um caco de vidro quando Nick avançou sobre ele e os dois caíram no chão de concreto. Levantaram-se, e o boné de Lucas voou com o golpe seguinte de Nick. Lucas ainda permitiu que Nick o acertasse mais uma vez, e então decidiu acabar com aquilo. Deu um soco no queixo de Nick, deixando-o tonto. Ele se sentou em uma pilha de pneus para não cair outra vez.

— Agora vou lhe dizer o que realmente penso. — Lucas pegou o boné e sentou-se na pilha de pneus ao lado de Nick. — Acho que está perdidamente apaixonado por Maggie. Acho que deveria acabar com todo esse sofrimento e casar-se com ela. Qualquer idiota e isso o inclui, Nick, pode ver que ela é louca por você. Todo o resto se resolverá, confie em mim, amigo. Já passei por isso.

Nick não acreditou no que ouvia. Seu coração estava em pedaços e não sabia como lidar com os novos sentimentos.

— Ela voltará para Nova York na próxima semana e levará Drew com ela. Como poderemos resolver isso?

— Comece conversando com ela. Onde ela está?

Nick lembrou-se da reação dela quando dissera que pretendia tirar-lhe o filho. Maggie ficara pálida, os lábios trêmulos, aterrorizada. Ele gostou do sofrimento que causara, mas naquele momento, sentia-se arrependido.

— Maggie pretendia almoçar com Julianna, mas deve ter cancelado o encontro. Estava muito abalada quando saiu daqui.

— Não imagino o motivo — afirmou com sarcasmo, fazendo Nick desejar esmurrá-lo outra vez. — Em especial depois de você ter ameaçado tirar-lhe o menino. Como sabe que ela não fugiu?

— Ela não pretendia ir embora antes de o pai poder dirigir. — Nick levantou a cabeça, lembrando que Maggie levara o pai ao médico naquela manhã. Estivera tão preocupado com o passado que nem pensou no que ela poderia fazer.

— Julianna estava se vestindo quando a deixei há uma hora. Telefonarei para ver se ainda está em casa. Ainda bem que trouxe meu telefone celular — comentou, rindo. — Seu telefone está em pedaços, assim como seu coração.

Nick pensou em brigar com ele, mas estava cansado demais.

— Droga! — exclamou Lucas, procurando o telefone.

— O que foi?

— Meu telefone caiu quando você me bateu.

Depois de cinco minutos, eles o encontraram atrás de um barril de óleo, e levaram mais dez minutos até conseguirem arrumá-lo para fazer a ligação.

— Ninguém atende. — Lucas deixou um recado na secretária eletrônica e depois ligou para o restaurante. As duas não estavam lá. — É estranho que Julianna não tenha cancelado a reserva no restaurante. Acho melhor ir para casa e ver o que está acontecendo. Enquanto isso, por que não vai procurar Maggie? Converse com ela, Nick. Não tem nada a perder.

Nick ficou sentado durante muito tempo depois que Lucas saiu, olhando para as paredes. O amigo estava certo, ele não tinha nada a perder, pois já perdera tudo.

— Querida, essa não é a solução. — Angela Smith pegou o último casaco da pilha que Maggie fizera e entregou-o à filha.

— É a única solução, mamãe. — Maggie fechou a última mala, colocou a bolsa no ombro e segurou as mãos da mãe. — Desculpe-me por nunca lhe ter contado a verdade. Não queria envergonhá-la mais do que já tinha feito. Por favor, perdoe-me.

— Não há nada a perdoar, Maggie. — Com lágrimas nos olhos, abraçou a filha. — Temos tanto orgulho de você, sempre tivemos. Amamos tanto você e Drew.

Maggie enxugou as próprias lágrimas. Chorara durante todo o tempo em que fizera as malas e enquanto contava a verdade para a mãe. Achava que não teria mais lágrimas, mas estava errada.

Ela estava fugindo. Aquela podia ser outra atitude errada, entretanto, só podia pensar em se afastar de Nick o máximo possível. Sabia que estava zangado o suficiente para cumprir as ameaças de tirar-lhe o filho, e ela não podia permitir que isso acontecesse. Se tivesse de pedir demissão do emprego e mudar-se dez vezes, era isso o que faria. Ninguém a afastaria de seu filho.

Maggie mudara o voo e partiria dentro de uma hora. Tinha pouco tempo, mas conseguiria. Precisava partir naquele momento e evitar um confronto com Nick, não suportaria ver o ódio e a decepção nos olhos dele.

A única razão para que ela sobrevivesse era Drew, ele era sua vida. Esperava algum dia poder se lembrar dos bons momentos que tivera com Nick como o piquenique, o passeio pelas montanhas e as horas que passaram na cama.

Talvez um dia, mas não naquele momento. Agora tinha de pensar em fugir e ser forte para Drew.

O menino também chorara durante toda a tarde, não queria ir embora. Queria ficar com os avós. Com Nick. Ela não fazia idéia de como um coração partido podia quebrar-se novamente, mas acontecia com seu coração. O menino conseguira parar de chorar, e ela pretendia fazer o mesmo assim que chegassem em casa.

Quando todas as malas estavam no carro e Drew estava dormindo no banco de trás, Maggie despediu-se de seu pai. Como sempre ele não disse muito, mas abraçou-a, transmitindo-lhe uma força que jamais notara. Ela abraçou a mãe, chorou, e finalmente partiu.

Maggie estava passando pela estrada que levava ao rancho de Julianna quando se lembrou do almoço que haviam marcado. Precisava despedir-se, pois ela fora muito amável e não era justo partir daquela maneira. Maggie dirigiu-se para a casa da amiga, prometendo a si mesma que só se demoraria cinco minutos. A casa estava silenciosa, e ninguém respondeu à campainha, então, virou-se para partir quando ouviu um gemido.

— Julianna? — Bateu na porta outra vez, e como estava destrancada, entrou na casa.

Ouviu um gemido mais alto. Maggie correu até o quarto e abriu a porta.

— Julianna!

— Maggie! Sei que está aí. Abra a porta!

Nick estava batendo na porta havia cinco minutos. Ela tinha de estar lá. Não estava com Julianna, e considerando o estado de espírito quando discutiram, só poderia ter ido para casa.

Apertou a campainha. Onde estaria? E onde estariam seus pais? Estavam sempre em casa. Já deviam ter tomado conhecimento de toda a história e não deixariam Maggie dirigir nas condições que estava.

Nick espiou pela janela. A sala de jantar e a cozinha estavam vazias. Caminhou até a garagem para procurar pelos carros, mas estava trancada. Decidiu ir até o quintal, a sra. Smith costumava cuidar das flores. Estava na metade do caminho quando notou barulho perto da cerca com a casa do vizinho. Nick subiu em uma pedra e espiou sobre a cerca.

— Sra. Potts?

— Sim? — A senhora levou um susto ao ouvir seu nome.

— A senhora viu Maggie?

— Cuido de minha vida, Nick Santos. Sou uma boa vizinha.

— Claro que sim. Só queria saber se viu Maggie.

— Bem... na verdade, eu a vi.

— Faz tempo? — perguntou, controlando a impaciência.

— Acho que foi há uma hora. Ela fez as malas e foi embora com o filho. Choraram tanto. Meu coração doeu ao ver a despedida. O pequeno Drew costumava brincar com meu cachorro.

Malas? Maggie fugiu com o filho? Nick quase quebrou a cerca, mas controlou-se para não assustar a senhora e tentar conseguir mais informações.

— A senhora sabe aonde foram o sr. e sra. Smith?

A senhora demonstrou apreensão e inclinou-se, falando em voz baixa:

— Foi isso o que me deixou angustiada. Boyd estava na varanda quando Angela gritou dizendo que Maggie telefonara e que eles tinham de ir para o hospital imediatamente. Espero que não tenha acontecido nada àquela moça e ao filho. Angela parecia muito preocupada.

No hospital? Maggie e Drew? Teriam sofrido um acidente? Estariam machucados? Nick vira muitos acidentes em sua carreira, e sabendo o que podia acontecer em um acidente de automóvel, ficou aterrorizado.

Ele mal se despediu da senhora e subiu em sua motocicleta. O hospital da cidade não era longe e esperava que fosse o hospital a que a sra. Potts se referira. Havia outro hospital a quarenta quilômetros de distância. Maggie quisera fugir dele, então era possível que tivesse ido para outra cidade e outro aeroporto onde ele não a encontrasse.

Nick tentou afastar os pensamentos terríveis que surgiam em sua mente, concentrando-se para conseguir chegar ao hospital. Quando estacionou, muitas pessoas olharam para ele, vendo-o entrar correndo na recepção das emergências.

— Procuro por Maggie e Drew Smith, quero dizer, Hamilton. Maggie e Drew Hamilton — gritou. — Eles vieram para cá?

A enfermeira verificou os papéis sobre a mesa e balançou a cabeça.

— Se chegaram em uma ambulância, ainda não preencheram os formulários. Vá até a entrada de emergência por aquela porta.

Nick correu e chegou à sala de atendimento de urgência onde havia um médico e uma enfermeira atendendo um adolescente. Não viu Maggie nem Drew.

Um telefone. Ele precisava telefonar para o hospital mais próximo. Iria encontrá-los mesmo que tivesse de telefonar para todos os hospitais da região.

As mãos estavam tremendo quando Nick viu um telefone ao lado da recepção. Estava procurando uma moeda no bolso da calça quando viu o sr. Smith lendo jornal. Nick caminhou até ele e chamou-o:

— Sr. Smith?

O homem abaixou o jornal e fitou-o, sério.

— Já estava na hora de você aparecer.

— Maggie, Drew... Eles estão bem?

— Claro que estão bem — retrucou, deixando o jornal de lado.

— E muito grave?

— Muito — afirmou. — Maggie é durona e ficará bem, mas Drew é só um menino. Crianças nem sempre sobrevivem a esse tipo de trauma, e quando sobrevivem, ficam com muitas cicatrizes.

Nem sempre sobrevivem? Nick ficou com as pernas trêmulas e sentou-se ao lado de Boyd. Não podia suportar a idéia de perder o filho. Não se preocupava com cicatrizes, desde que ele estivesse vivo. E Maggie? Ele precisava vê-la.

— Você disse para minha filha que pretendia tirar o filho dela?

Nick ouviu a pergunta e demorou alguns segundos para compreendê-la. Ele fechou os olhos e respirou fundo. O pai de Maggie nunca falara mais de três palavras em uma frase, e de repente estava disposto a conversar.

— Estava com raiva, sr. Smith, mas essa não é a hora para discutir isso.

— Acho uma ocasião excelente. Essas coisas normalmente demoram. Ao menos pelo que lembro.

O homem estava falando besteira.

— Não entendi, sr. Smith.

— Bebês, Santos. Bebês demoram para nascer.

— O que disse?

— Qual é seu problema? Não é você que está tendo gêmeos, por que está tão pálido?

Gêmeos. Bebês. Nick compreendeu que Julianna devia estar tendo seus filhos naquele momento. Maggie e Drew não estavam feridos, apenas tinham vindo para o hospital com Julianna. Nick agradeceu a Deus e afundou o rosto entre as mãos, aliviado. Quando começou a rir, Boyd colocou a mão em seu ombro e perguntou:

— Você está bem, filho?

Nick sentiu-se tão feliz que quase abraçou o pai de Maggie.

— Onde estão Maggie e Drew?

— Drew foi tomar um lanche com a avó. Maggie estava com Julianna até a chegada de Lucas, mas não sei onde está nesse momento. Ei, você não pode...

Nick passou pelas portas com sinalização de "Entrada Proibida". Precisava encontrar Maggie, antes de ver Drew. Ouviu os gemidos de uma mulher que chamava pelo marido. Ele virou no outro sentido. Precisava encontrar Maggie. Se esperasse mais um minuto, poderia explodir. Uma enfermeira expulsou-o daquela área restrita, e Nick começou a procurar em outro corredor. Quando virou, viu Maggie parada em frente ao berçário. O coração dele disparou ao aproximar-se, ela estava observando os bebês.

Nick ficou com as pernas trêmulas ao vê-la. Estava pálida, exausta, os ombros caídos, como se carregasse um peso insuportável, parecia frágil e quebrada, como uma boneca de porcelana que caiu da prateleira. Finalmente Nick começou a compreender que tinham um filho, juntos. Drew era seu filho. Ele era pai.

Maggie mentira, roubara-lhe algo precioso, mas suas razões eram compreensíveis. Ele tentou imaginar o que ela sentiu após fazer amor com ele e ouvi-lo chamando pelo nome de outra. Tentou imaginar como ela se sentiu quando soube que ele estava nos tribunais discutindo a paternidade de outra criança. Tentou imaginar qual teria sido sua reação se soubesse que iria ter um filho... e não conseguiu chegar a uma conclusão.

Tudo o que sabia era que ela tivera a coragem de enfrentar a situação sozinha, que era uma boa mãe e que se sacrificara muito pelo filho. O filho deles.

Maggie virou-se e fitou-o. Por um instante, demonstrou pânico em seus olhos verdes, mas depois restou só o vazio e ela desviou o olhar.

— Maggie.

Cruzando os braços em frente ao corpo, Maggie afastou-se. Nick queria sacudi-la e beijá-la, mas, ao invés disso, colocou as mãos nos bolsos da jaqueta e caminhou ao lado dela. Ficaram em silêncio durante alguns segundos.

— Estava indo embora — disse Maggie por fim, com a voz fraca. — Pretendia levar Drew comigo. Fiz as malas e estava a caminho do aeroporto quando parei para me despedir de Julianna. Ela estava no quarto tendo contrações. Tentou falar com Lucas mas o telefone celular só dava sinal de ocupado. Coloquei-a em meu carro e consegui avisar Lucas enquanto vínhamos para cá.

— Lucas estava comigo. Ela deve ter tentado telefonar quando o telefone caiu do bolso dele.

Maggie olhou-o, atenta.

— É uma longa história. Como está Julianna?

— Entraram na sala de parto há vinte minutos. O parto está um pouco adiantado mas o médico disse que os bebês são fortes e que não deve haver problemas.

Nick fechou os olhos e suspirou, aliviado. Quando abriu os olhos novamente, viu os bebês no berçário e ficou extasiado. Um bebê chorava baixinho, um outro olhava para o teto e outros dois dormiam tranquilamente.

— Drew era assim?

— Parecia com aquele menino de cabelos pretos. Estava sempre de olhos abertos, querendo ver tudo ao redor.

— Você tem fotografias?

Quando ela se virou, estava chorando.

— Tenho muitas fotografias e filmes também. Mandarei para você.

— Não será suficiente.

— Nick, entendo que me odeie, mas eu imploro, não tire Drew de mim.

— Drew é meu filho. Ele precisa do pai...

Maggie começou a afastar-se e Nick segurou-a pelos ombros.

— E precisa de mãe.

— O que quer dizer? Dividir a custódia?

— Algo assim. Quero me casar com você.

— Casar? Casaria comigo, mesmo se sentindo com se sente a meu respeito, só para ficar perto de Drew?

— O modo como me sinto sobre você é o motivo para querer me casar — respondeu, rindo. — Eu a amo, Maggie. Ainda estou bravo, mas isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Precisaré aprender a conviver comigo, e nada, nem o passado nem o presente irão me deter. Amo-a tanto que às vezes perco meu autocontrole, e, se não estou errado, você também me ama.

Nick abraçou-a e beijou-a. Maggie sentiu as pernas fracas e segurou-se nele para não cair.

— Quer que eu me case com você? Você me ama?

— Acho que precisamos de um médico para verificar sua audição, mas primeiro quero saber sua resposta, Maggie. Você aceita se casar comigo?

Maggie fitou-o, surpresa. Será que ele não via? Ela segurou o rosto dele entre as mãos e controlou as lágrimas.

— Precisamos pedir ao médico que verifique seus olhos, Nick Santos. Se ainda não viu que sou louca por você, e que o amo desde que me salvou de Roger, então deve estar cego.

— Quer dizer desde que a salvei na festa de Julianna e Lucas?

— Desde o dia que Roger jogou meu sanduíche na lixeira. Eu já lhe disse que se tornou meu herói desde aquele dia, e também meu grande amor.

— Quando fizemos amor pela primeira vez, você já me amava?

— Estava com medo de fazer a entrevista pois tinha receio de ficar perto de você. — Fechou os olhos e apoiou a cabeça no ombro dele. — Dormi com você porque o amava. Queria que fosse o primeiro homem em minha vida e quis acreditar que você fazia amor comigo por me desejar. Quando vi o erro que cometi, não pude mais encará-lo. Drew foi meu melhor presente e, mesmo sabendo que você não se importava conosco, ter uma parte de você foi mais do que eu jamais sonhei.

— Você é uma mulher incrível. Ainda precisamos esclarecer alguns fatos, mas falaremos sobre isso depois. Nesse momento, preciso que faça uma coisa por mim.

Nick estava com a mão trêmula quando pegou a caixinha com o anel em seu bolso, e colocou o diamante no dedo dela.

— Case-se comigo, Maggie. Fique comigo aqui, em Wolf River. Por favor.

O diamante brilhou em seu dedo.

— Sim — respondeu entre lágrimas. — Sim... Beijaram-se com paixão. De repente, Nick soltou-a e deu um grito. Uma enfermeira apareceu para ver o que estava acontecendo. Ele segurou a mão de Maggie e explicou:

— Precisamos conversar com Drew, Maggie, e não quero perder nem mais um minuto.

— Você é muito apressado, Santos. Alguém já lhe disse isso?

— Todo o tempo, querida. — Parou um instante para beijá-la e depois continuou, puxando-a pelos corredores. — Todo o tempo.

FIM